



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

ANANDA GRANJA DO AMARAL

DERIVAS ENTRE-MUNDOS:
Experiências psicogeográficas em Recife e Olinda

Recife
2021

ANANDA GRANJA DO AMARAL

DERIVAS ENTRE-MUNDOS:

Experiências psicogeográficas em Recife e Olinda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Design.

Área de concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Orientador: Prof. Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto Filho

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

A485d Amaral, Ananda Granja do
Derivas entre-mundos: experiências psicogeográficas em Recife e Olinda / Ananda Granja do Amaral – Recife, 2021.
144f.: il., fig.

Sob orientação de Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto Filho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2021.

Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Deriva. 2. Psicogeografia. Memória. Corpografias urbanas. Espaço.
I. Porto Filho, Gentil Alfredo Magalhães Duque (Orientação). II. Título.

745.2 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-147)

ANANDA GRANJA DO AMARAL

DERIVAS ENTRE-MUNDOS:

Experiências psicogeográficas em Recife e Olinda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Design.

Área de concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Aprovada em: 29/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

Participação via Videoconferência

Prof. Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto Filho (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^ª. Dr^ª. Oriana Maria Duarte de Araújo (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^ª. Dr^ª. Bruna Rafaella do Carmo Ferrer de Moraes (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Amélia, por ser e estar, sempre.

A Diego, que me ouviu, me apontou caminhos e me cedeu mnemo-contribuições.

A Julia e Gabriel, amados abrigos, parceiros de vida e de caminhada.

A Gentil, meu orientador, por todas as contribuições e suporte ao longo da pesquisa.

À CAPES, pela concessão da bolsa.

A todas as versões de mim que fizeram com que este instante fosse possível.

RESUMO

O objetivo que move esta pesquisa é a investigação dos procedimentos necessários para a realização de práticas de deriva numa metrópole contemporânea brasileira, além dos possíveis desdobramentos científicos, existenciais e estético-políticos provenientes de tais experimentações. A deriva, desenvolvida pelo movimento Internacional Situacionista como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas, possibilita um estudo psicogeográfico a respeito da apreensão do espaço urbano. Durante este trabalho, foram analisados e elaborados aspectos metodológicos de suporte à execução de práticas de deriva realizadas nas cidades de Recife e Olinda entre 2019 e 2020. Por ter sido desenvolvida em meio à pandemia de COVID-19, a pesquisa sofreu modificações metodológicas no decorrer do estudo. A noção de corpografias urbanas, definida por Paola Jacques como a memória urbana inscrita no corpo, que fica inscrita e configura o corpo de quem a experimenta, foi de contribuição fundamental para a análise, ao complementar o legado dos situacionistas.

Palavras-chave: Deriva; psicogeografia; memória; corpografias urbanas; espaço.

ABSTRACT

This research's main goal is the investigation of the necessary procedures to the appliance of drift practices in a contemporary brazilian metropolis, in addition to the scientific, existential and politic-aesthetical developments arising from such experiments. The drift, developed by the International Situationist movement as a technique for quickly passing through varied environments, allows a psychogeographic study regarding the apprehension of urban space. During this work, methodological aspects were analyzed and elaborated in order to support the execution of drift practices in the cities of Recife and Olinda between 2019 and 2020. As it was developed during the COVID-19 pandemic, the research went through methodological changes during the study. The notion of urban corpographies, defined by Paola Jacques as the urban memory inscribed on the body, which remains inscribed and configures the body of those who experience it, brings a fundamental contribution to the analysis, by complementing the legacy of the situationists.

Keywords: Drift; psychogeography; memory; urban corpographies; space.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DERIVAS, CORPOGRAFIAS URBANAS E PSICOGEOGRAFIA	11
2.1	TEORIA E HISTÓRIA DA DERIVA.....	11
2.2	CORPOGRAFIAS URBANAS.....	19
2.3	PSICOGEOGRAFIAS CONTEMPORÂNEAS.....	22
2.3.1	Psicogeografia Algorítmica (2004, Orléans-La-Source - França)	24
2.3.2	Aulas Erráticas (2015, São Paulo, Brasil).....	25
2.3.3	Nunca é noite no mapa (2016, Recife, Brasil).....	27
2.3.4	A cidade como objeto performativo (2017, Amsterdã, Holanda).....	28
3	MÉTODOS PARA DOIS MUNDOS	31
3.1	INTRODUÇÃO	31
3.2	PILOTO 1 – CAMINHADA ATÉ O VARAL COMUNITÁRIO	33
3.2.1	Procedimentos	33
3.2.2	Relato de experiência.....	34
3.2.3	Análises	39
3.3	DOS ARTIFÍCIOS PARA TEMPOS PANDÊMICOS	41
3.4	PILOTO 2 – O MONTE É O UMBIGO DESTE UNIVERSO	46
3.4.1	Procedimentos	46
3.4.2	Relato de experiência.....	46
3.4.2.1	Relato extra	49
3.4.3	Análises	54
3.5	CONSIDERAÇÕES	55
4	EXPERIMENTOS.....	57
4.1	INTRODUÇÃO	57
4.2	DERIVA 1 – O PARQUE PRIMAVERA É LUGAR IMANTADO.....	59
4.2.1	Procedimentos	59
4.2.2	Relato de experiência.....	60
4.2.3	Análises	69
4.3	DERIVA 2 – DO MONTE AO ALTO DA MINA	77
4.3.1	Procedimentos	77
4.3.2	Relato de Experiência.....	77
4.3.3	Análises	87

4.4	DERIVA 3 – INFINITO RETILÍNEO	91
4.4.1	Procedimentos	91
4.4.2	Relato de experiência.....	92
4.4.3	Análises	102
4.5	DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	111
	APÊNDICE A – PILOTO 1: DADOS GERADOS PELO STRAVA	114
	APÊNDICE B – PILOTO 2: RELATO ESCRITO DIGITALIZADO	116
	APÊNDICE C – DERIVA 1: ÁUDIO-TRANSCRIÇÕES	119
	APÊNDICE D – DERIVA 1: DADOS GERADOS PELO STRAVA	121
	APÊNDICE E – DERIVA 1: NOTÍCIAS DO PARQUE PRIMAVERA	122
	APÊNDICE F – DERIVA 2: ÁUDIO-TRANSCRIÇÕES	124
	APÊNDICE G – DERIVA 2: DADOS GERADOS PELO STRAVA	126
	APÊNDICE H – DERIVA 3: ÁUDIO-TRANSCRIÇÕES.....	127
	APÊNDICE I – DERIVA 3: DADOS GERADOS PELO STRAVA.....	129
	APÊNDICE J – FOTO-DIÁRIO DE RESIDÊNCIA	130
	APÊNDICE K – MAPEAMENTO GERADO PELO IPHOTOS.....	138
	ANEXO A – DERIVA 2: RELATO ESCRITO POR JULIA SAMICO	143

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa sobre corpo, espaço e memória. Dimensões de viés subjetivo que, durante o decorrer do trabalho, são analisadas sob a ótica da psicogeografia, por meio de apurações empíricas. A investigação é realizada através da execução de práticas de derivas urbanas, propostas pelo movimento Internacional Situacionista. Os situacionistas propunham a realização de derivas como um mecanismo para atrelar a prática artística à vida cotidiana, instigando a participação dos indivíduos na sociedade e, assim, rompendo com a lógica funcionalista e alienante derivada do capitalismo.

O aporte teórico bem como os aspectos metodológicos foram elaborados para atender ao objetivo geral da pesquisa: investigar os processos necessários para a realização de práticas de deriva em uma cidade contemporânea brasileira, além de seus possíveis desdobramentos científicos, existenciais e políticos. Neste trabalho, coloco-me como pesquisadora participante, incorporando e imergindo em práticas de deriva através da percepção do surgimento de afetos em interações com o corpo urbano.

Pode-se dizer que o texto é autobiográfico, desde que entendamos por “auto”, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico. (ROLNIK, 2006, p. 22)

Tendo em vista os aspectos já mencionados, o documento foi organizado em três capítulos. No primeiro, *Derivas, Corpografias urbanas e Psicogeografia*, fragmentado em três seções, apresento o referencial teórico que embasa a argumentação. Início a discussão abordando o caminhar enquanto ação primária para o desenvolvimento da humanidade e menciono as atividades dos grupos nômades, apontados por Francesco Careri como os primeiros errantes da história. Num segundo momento, trato a respeito do legado de autores que contribuíram para a psicogeografia, em especial para as literaturas inglesa e francesa, com narrativas sobre as incursões londrinas e a figura do *flâneur* parisiense. A partir daí, evoco alguns dos movimentos de vanguarda que se antecederam ao Movimento Internacional Situacionista, grupo que integra o centro desta investigação.

A seguir, o conceito de “Corpografias Urbanas”, definido por Paola Jacques, é proposto como conteúdo complementar à discussão, tendo em vista que este se trata de um dos muitos desdobramentos da psicogeografia na contemporaneidade. A autora se refere às errâncias urbanas como uma forma de apreensão do espaço e de resistência à espetacularização

contemporânea, traçando um paralelo com o pensamento situacionista. Paola defende que, através de práticas de errâncias urbanas, é possível acumular diversas corpografias, compreendidas como “a memória urbana inscrita no corpo” (JACQUES, 2008 p. 1). Na última seção do primeiro capítulo, reúno obras que se referem à relação entre corpo e espaço urbano, a fim de enriquecer o referencial teórico através de situações empíricas.

O segundo capítulo, *Métodos para dois mundos*, comporta as decisões metodológicas geradas para a efetivação dos experimentos em campo, que a princípio tratariam do estudo e da documentação de práticas de deriva realizadas no centro de Recife. No entanto, a metodologia precisou ser formulada para atender a dois momentos: os instantes pré e durante a pandemia de COVID-19. Devido ao cenário pandêmico, a metodologia de pesquisa sofreu significativas alterações, sendo a maior delas o deslocamento do campo de aplicação dos experimentos de Recife para Olinda. Dessa maneira, o capítulo é subdividido em três seções, que dizem respeito aos acontecimentos de um mundo pré- pandemia, à transição e adaptação dos métodos para a atuação no novo cenário, e ao desenvolvimento e posterior desdobramento de práticas de deriva ambientadas no mundo pandêmico.

O terceiro capítulo, intitulado *Experimentos*, corresponde à explicitação dos métodos, relatos e análises gerados e impulsionados pelas práticas de deriva. No total, foram realizados três experimentos de deriva no decorrer de uma semana, período em que me hospedei numa casa temporária para garantir certo isolamento social. As derivas são relatadas e analisadas de acordo com os documentos e discussões levantados pelos participantes, além de serem relacionadas ao referencial teórico explicitado no primeiro capítulo. Na intenção de contemporaneizar as práticas de deriva e dar corpo ao texto através de minhas próprias experiências corporais na cidade, inseri, ao longo do capítulo, imagens e mapas afetivos, representações derivadas de documentos gerados antes, durante e após as práticas de deriva.

Por fim, nas *Considerações finais*, discuto os resultados e demais desdobramentos ocasionados pelos experimentos, que, de maneira geral, indicam a dimensão da memória como um aspecto de relevância para a experiência no espaço urbano.

2 DERIVAS, CORPOGRAFIAS URBANAS E PSICOGEOGRAFIA

2.1 TEORIA E HISTÓRIA DA DERIVA

Seguir por determinado caminho andando a pé. Movimentar-se, andando, em direção a algum lugar; dirigir-se a, ir. Ir e vir livremente; campear, grassar. Ir para a frente; desenvolver-se bem; avançar, progredir. Avançar definitivamente para um ponto; marchar, seguir. Derivação de caminho + ar¹. Caminhar quer dizer entrar em estado de deslocamento; é alterar, mover, palavra de ação.

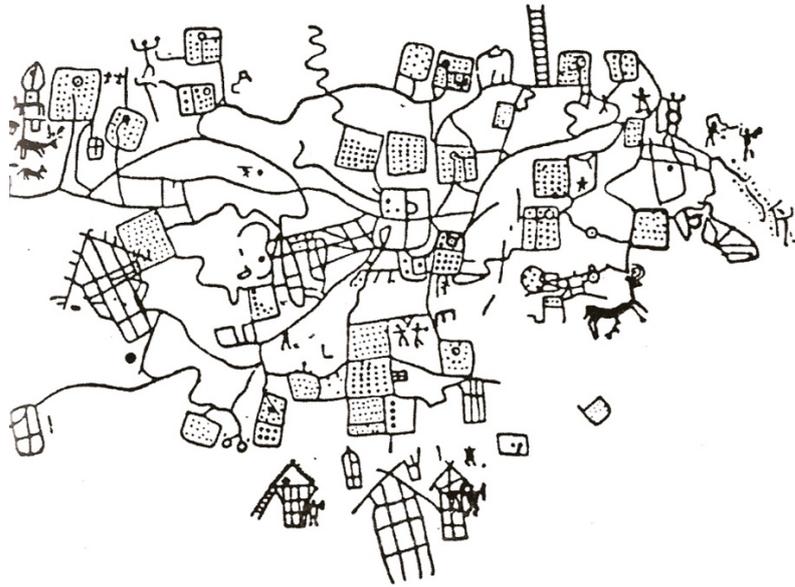
O caminhar tece a história da humanidade. Caminhando se atravessa tempo, espaço, fluxos de pensamento. “É às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitaram a terra que se deve o início da lenta e complexa operação de apropriação e mapeamento do território” (CARERI, 2016, p. 44). Transitando entre ambientes, o homem descobriu maneiras de intervir nos locais que o cercavam, alterando configurações pré-definidas da paisagem. Ao retornar aos sinais de existência dos primeiros indivíduos, Careri aponta as diferentes maneiras como os nômades e os sedentários passaram a explorar e apreender corporalmente as zonas que povoavam. Quando ainda não dominavam as técnicas da agricultura e pecuária, os sujeitos primitivos caminhavam a esmo em amplos campos, sem a certeza de onde encontrariam sua fonte de subsistência. É nesse cenário, especialmente nas trajetórias dos nômades, que reconhecemos os primeiros errantes da história.

Em *O caminhar como prática estética*, o autor apresenta um dos primeiros registros cartográficos de percurso (Figura 1), que está gravado numa rocha em Val Camonica, em meio a outras tantas gravuras. O mapa² data de 10.000 a.C. e nele é possível identificar desenhos que representam dinâmicas do cotidiano, como a presença de escadas e áreas de pastoreio, aspectos que enriquecem o registro cartográfico.

¹ Algumas das definições empregadas à palavra “caminhar”, de acordo com o dicionário Michaelis *online*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

² “Trata-se de uma imagem que representa o sistema das conexões da vida cotidiana de um vilarejo paleolítico. Mais que decifrar os objetos, o mapa representa o sistema complexo em que as linhas dos percursos no vazio entrelaçam-se para distribuir os diversos elementos cheios do território.” (CARERI, 2016, p. 47)

Figura 1 – Um dos primeiros mapas de percurso da história.



Fonte: *Google imagens*.

Apontado por Careri como ação estética que permite operar modificações no espaço das metrópoles, o caminhar é visto, assim, como uma forma de intervenção urbana “que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico” (CARERI, 2016, p. 28). Isto é, além de sua função primordial, que resulta no movimento corporal, ao caminhar foram atribuídas competências estéticas, tendo a ação se tornado também um mecanismo de transformação política, como presenciaremos mais notoriamente à frente, com o surgimento das vanguardas artísticas do século XX.

Certamente com propósitos distintos daqueles que impulsionaram o homem primitivo, o sujeito contemporâneo se permitiu, também, experimentar a prática da errância. Neste ponto, desloco a atenção para movimentos literários e artísticos que se valeram da exploração urbana, através do caminhar, como instrumento de investigação das relações estético-políticas em seus respectivos contextos históricos. O conjunto de acontecimentos que serão expostos a seguir é responsável pelo surgimento e reverberação do que hoje entendemos como Psicogeografia.

Em *Psicogeografia*, Merlin Coverley aponta a literatura londrina como um precursor da psicogeografia. O autor destaca as produções de escritores como Daniel Defoe, Thomas de Quincey, Robert Louis Stevenson e Arthur Machen, além de William Blake. Coverley salienta que Blake e Defoe se qualificam como “representantes simbólicos de uma tradição psicogeográfica retrospectiva”, diferentemente de De Quincey, que pode ser considerado o

primeiro praticante da psicogeografia (COVERLEY, 2012, p. 48, tradução nossa)³. Segundo Coverley, De Quincey realizou, em sua juventude, jornadas exploratórias na cidade de Londres sob os efeitos de ópio, atingindo um estado de desnorreamento que o permitiu uma observação imparcial da cidade, que viria a influenciar a deriva situacionista, 150 anos depois. O autor propõe, então, que essas perambulações, e seus subsequentes registros escritos⁴, sejam analisados levando em consideração os “espelhos distorcidos tanto da memória, quanto do próprio sonho do ópio” (COVERLEY, 2012, p. 49). Nesse sentido, a atmosfera onírica e imaginativa propiciada pelo consumo da droga é referenciada como um agente que transmuta o entorno de maneira “estranha e maravilhosa”.

E essa combinação de caminhada e observação, revestida com um senso do fantástico e bizarro, provou ser extremamente influente em escritores como Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire. Esses escritores, ao homenagear de Quincey, ajudaram a estabelecer a figura do flâneur e, por meio dele, a tradição da escrita e teorização de vanguarda francesa que seguiria dos surrealistas aos situacionistas. Desse modo, de Quincey influencia tanto a tradição visionária da escrita londrina, de que trata este capítulo, quanto a figura do andarilho nas ruas de Paris. (COVERLEY, 2012, p. 51, tradução nossa)⁵

Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire e Walter Benjamin são autores de destaque para a literatura francesa, no que diz respeito à influência psicogeográfica. A partir de aspectos levantados pelos autores mencionados, surge a figura do *flâneur* parisiense, personagem andarilho que vagueia pela cidade despreziosamente, experimentando as ruas sem preocupação.

O *flâneur* é uma figura multifacetada, mas, dentro desses papéis muitas vezes contraditórios, sua característica predominante é a maneira como ele faz da rua sua casa. Este é seu verdadeiro legado para a psicogeografia. (COVERLEY, 2012, p. 74, tradução nossa)⁶

³ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “Unlike Defoe and Blake, who stand as symbolic representatives of a retrospective psychogeographic tradition, Thomas de Quincey (1785–1859) may be described as psychogeography’s first actual practitioner.”

⁴ Quincey relatou e reviveu suas experiências de juventude no livro *Confissões de um comedor de ópio*.

⁵ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “And this combination of walking and observation, overlaid with a sense of the fantastic and bizarre, proved enormously influential on writers such as Edgar Allan Poe and Charles Baudelaire. These writers, in paying homage to de Quincey, helped to establish the figure of the flâneur and, through him, the tradition of French avant-garde writing and theorising that was to continue via the Surrealists to the Situationists. In this way de Quincey influences both the visionary tradition of London writing with which this chapter is concerned and the figure of the wanderer on the streets of Paris which I shall be discussing in the next.”

⁶ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “Ultimately, the flâneur is a composite figure – vagrant, detective, explorer, dandy and stroller – yet, within these many and often contradictory roles, his predominant characteristic is the way in which he makes the street his home and this is his true legacy to psychogeography.”

Essas heranças literárias preparam o território para posteriores ramificações da experimentação urbana como movimento de investigação cultural. No início do século XX, uma inquietação direcionada ao momento da arte culmina em uma série de ações realizadas por integrantes do Dadaísmo. O Dadá era uma vanguarda que ridicularizava a civilidade da instituição da arte propondo jogos, recortes, montagens e reconfigurações estéticas. Ampliando o campo artístico para além dos museus e galerias e propondo um uso da cidade como um corpo estético pronto para ser explorado, os dadaístas passaram a sugerir uma série de visitas a lugares não frequentados de Paris.

A exploração da cidade e a contínua descoberta de realidades a ser reveladas são possíveis em qualquer lugar, até mesmo no coração dos itinerários turísticos parisienses [...]. Com a exploração do banal, o Dadá dá início à aplicação das pesquisas freudianas do inconsciente da cidade, tema que será desenvolvido a seguir pelos surrealistas, pelos letristas e pelos situacionistas. (CARERI, 2016, p. 77)

A primeira visita proposta pelos dadaístas tinha como destino a igreja de *Saint-Julien-le-Pauvre*, em Paris. Através da distribuição de panfletos (Figura 2), os membros do grupo convocavam os parisienses a encorajarem a incursão.

Figura 2 – Panfleto-convite para a primeira de uma série de visitas dadaístas⁷.



Fonte: Google imagens.

⁷ O panfleto era acompanhado dos seguintes dizeres: “Os dadaístas, de passagem por Paris, querendo remediar a incompetência dos guias e de cicerones suspeitos, decidiram empreender uma série de visitas a alguns lugares escolhidos, em particular àqueles que não têm qualquer razão real de existir. Insiste-se indevidamente no pitoresco (Liceu Janson de Sailly), no interesse histórico (Mont Blanc) e no valor sentimental (a Morgue). - Ainda não se perdeu o jogo, mas é preciso agir rápido. - Participar dessa primeira visita é dar-se conta do progresso humano, das possíveis destruições e da necessidade de prosseguir com a nossa ação, que vocês procurarão encorajar por todos os meios”.

Careri chama atenção para uma imagem do grupo em frente ao jardim da igreja (Figura 3), o que ele considera como sendo o registro mais relevante do acontecimento.

Figura 3 – Membros da vanguarda em frente ao jardim da igreja Saint-Julien-le-Pauvre, Paris.



Fonte: *Google imagens*.

Os organizadores da excursão, que haviam proposto a realização de diversas atividades interativas movidas pelo acaso durante o passeio, ali estavam ilustrados, estáticos. O que está em questão é “a presença daquele grupo em particular na cidade, consciente da ação que realiza e daquilo que está fazendo, isto é, *nada*. A obra consiste em se ter concebido a ação a ser realizada, a visita, e não nas ações a ela correlatas.” (CARERI, 2016, p. 77)

Com a necessidade de deslocar o movimento para outra direção, alguns dos integrantes da vanguarda dadaísta dão início ao período surrealista. É, então, proposta uma deambulação em áreas rurais, iniciada com um trajeto de trem até a cidade de Blois e uma consequente caminhada a pé. Ao relatar a deambulação, André Breton comenta que o acordo era andar ao acaso, conversando, sem fazer desvios, exceto para comer e dormir. O percurso durou dias seguidos e, assim, os caminhantes exploraram “as fronteiras entre a vida consciente e a vida de sonho”. (PARINAUD, 1952 *apud* CARERI, 2016, p. 79)

Careri identifica essa primeira experimentação rural como uma retomada às “formas arquetípicas da errância nos territórios empáticos do universo primitivo”. O autor afirma ainda que, através da deambulação, é possível acessar a parte inconsciente do território, perdendo o controle ao caminhar e atingindo um estado hipnótico de consciência.

Derivados dos passeios dadaístas e das deambulações surrealistas, outros movimentos de vanguarda se propuseram a aproximar a arte da vida cotidiana, através de investigações da relação entre corpo humano e corpo urbano. Em 1952, surge a Internacional Letrista (IL), organização da qual Guy Debord fazia parte. O grupo fundou e foi responsável pela

disseminação do periódico *Potlatch*⁸, no qual eram discutidas questões como a superação da arte através de uma fusão com a vida ordinária, além de críticas à arquitetura e urbanismo modernos. À época, diversos grupos de artistas europeus compartilhavam da ideia de revolucionar o campo artístico através de vivências no espaço urbano, além de criticarem o funcionalismo⁹. Confluindo com a união dos grupos inspirados por essas ações, surge, em julho de 1957, a Internacional Situacionista (IS) (Figura 4), que tinha como centro de seu ideário a construção de situações, a deriva e a psicogeografia.

Figura 4 – Fundadores da Internacional Situacionista em Cosio d’Arroscia, Itália. Abril de 1957.



Fonte: Arquivo NotBored¹⁰.

Os situacionistas buscavam atingir um estado integral da arte por intermédio de sua fusão à vida cotidiana. Dessa maneira, o espaço público foi encarado como campo de ação estético-política. Os membros da IS prezavam por uma apreensão desautomatizada do espaço urbano como instrumento de rompimento com a espetacularização da cidade e crítica direta ao capitalismo e ao urbanismo moderno.

Em *A sociedade do espetáculo*, obra escrita por Guy Debord, é explicitada a alienação à qual o corpo social foi submetido através do capitalismo e da configuração urbana dominante, que provocava nas pessoas um estado de passividade e tudo transformava em mercadoria. A noção de espetáculo lança luz ao estado de inoperância de uma plateia que apenas consome as representações que lhe são ofertadas.

As novas cidades pré-fabricadas exemplificam claramente a tendência totalitária de organização de vida do capitalismo moderno: os habitantes isolados (geralmente

⁸ Ao todo foram publicadas cerca de trinta edições da revista. Algumas estão disponíveis para consulta no link: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/li.html>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

⁹ Grupos como o COBRA (Copenhague, Bruxelas, Amsterdã), o Comitê Psicogeográfico de Londres e o MIBI (Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista), que contavam com a presença de Constant Nieuwenhuys, Asger Jorn e Christian Dotremont, dentre outros artistas, movimentavam a cena artística da época.

¹⁰ Disponível em: <www.notbored.org>. Acesso em: 4 nov. 2020.

isolados no âmbito da célula familiar) veem a vida reduzida à pura trivialidade da repetição combinada com o consumo obrigatório de um espetáculo igualmente repetitivo. (DEBORD, 1962)¹¹

O conceito poderia ser aplicado a todas as esferas da vida social, visto que a mesma é gerida pela economia capitalista. Entendia-se, portanto, que, ao terem suas existências cercadas pela mercantilização das relações, as pessoas não mais experienciavam a realidade, tornando-se apenas espectadores. Para os situacionistas, era preciso quebrar a alienação que resultava nessa monotonia e na não participação dos cidadãos em suas comunidades.

Para destruir de fato a sociedade do espetáculo, é preciso que homens ponham em ação uma força prática. A teoria crítica do espetáculo só se torna verdadeira ao unificar-se à corrente prática da negação na sociedade. (DEBORD, 1997, p. 131-132)

A prática da deriva, definida como a “técnica de passagem rápida por ambiências variadas”¹², manifesta-se, então, como um instrumento de apreensão crítica do corpo urbano, capaz de reconfigurar percepções espaciais e contrariar, enfim, a lógica do espetáculo. Em trecho do texto publicado por Guy Debord, na segunda edição da revista *Internacional Situacionista* (dezembro de 1958), o autor desenvolve o argumento que se lançar à deriva é renunciar aos motivos para deslocar-se normalmente nas relações rotineiras. Dessa forma, o praticante deve atender às solicitações do terreno, que agem como uma cura ao processo de espetacularização através da participação popular e transformação da vida ordinária.

Para os situacionistas, as cidades deveriam possibilitar a expressão individual, oportunizando o exercício da criatividade de seus habitantes e sendo palco aberto para experimentações. Coverley aponta que o movimento começou a se tornar uma organização política radical que aspirava à derrubada e substituição do que via como uma natureza predominantemente burguesa da sociedade ocidental¹³. Essa predominância burguesa estava refletida diretamente na disposição dos espaços urbanos, que não davam atenção à multiplicidade da vida na cidade e à subjetividade dos indivíduos. Para combater as imposições do funcionalismo e do urbanismo moderno, os situacionistas propuseram a investigação das vivências praticadas por meio da exploração urbana. O reconhecimento dessas vivências espaciais viria a possibilitar, conseqüentemente, desdobramentos psicogeográficos infindos. Na

¹¹ Disponível em: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/everyday.html>>. Acesso em: 3 out. 2020.

¹² Definição apresentada na revista *Internacional Situacionista*, 1958.

¹³ Trecho escrito a partir do seguinte trecho, com tradução livre da autora: “What had been a playful avant-garde movement with a clear debt to the Surrealists was gradually reworked to become a radical political organisation keen to overthrow and replace what it saw as the predominantly bourgeois nature of western society.”

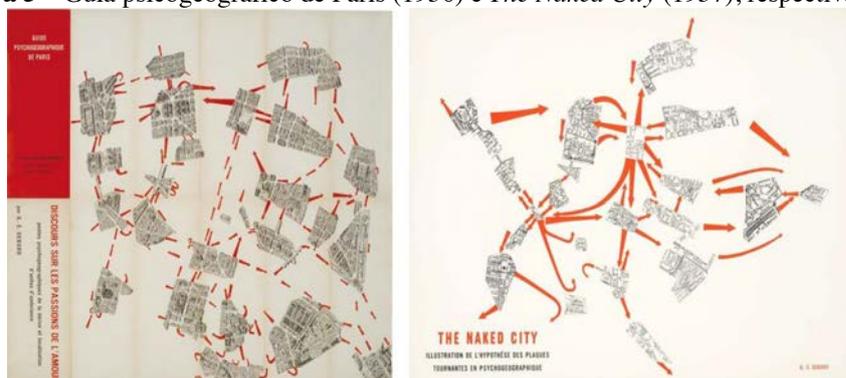
busca pela efetivação dessas apurações, foram desenvolvidos uma técnica (*deriva*) e um procedimento (*psicogeografia*). Esse “jogo de acontecimentos” conferia ludicidade à investigação, atuando como um mecanismo de combate ao funcionalismo, que favorecia a imaginação e criatividade dos praticantes da cidade. O conceito de psicogeografia interage diretamente com a prática da deriva, e é caracterizado como “o estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (DEBORD, 1958)¹⁴. De acordo com Jacques,

Ficava claro que a deriva era o exercício prático da psicogeografia e, além de ser também uma nova forma de apreensão do espaço urbano, ela seguia uma tradição artística desse tipo de experiência. (JACQUES, 2003, p. 22)

Nas palavras de Coverley, “psicogeografia é o ponto em que psicologia e geografia se encontram acessando o impacto emocional e comportamental do espaço urbano” (COVERLEY, 2012, p. 2, tradução nossa)¹⁵.

Dois dos resultados psicogeográficos estéticos mais conhecidos da Internacional Situacionista são o Guia psicogeográfico de Paris e *The Naked City*¹⁶ (Figura 5). O guia psicogeográfico foi projetado como um mapa dobrável, que serviria como um convite dirigido aos turistas, convocando-os para a experiência de errância e para a possibilidade de se perder na cidade. Na representação, que aproxima recortes do mapa de Paris identificados por zonas de ambiência, é explorada uma construção cartográfica que subverte a versão realista do mapa da cidade. O mesmo ocorre em *The Naked City*, em que a inspiração gráfica é notável.

Figura 5 – Guia psicogeográfico de Paris (1956) e *The Naked City* (1957), respectivamente.



Fonte: Google imagens.

¹⁴ Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

¹⁵ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “Psychogeography is the point where psychology and geography meet in assessing the emotional and behavioural impact of urban space.”

¹⁶ O título faz alusão ao filme *Naked City* (1948), dirigido por Jules Dassin e ambientado em Nova Iorque.

Em ambos os registros, as setas vermelhas apontam prováveis conexões entre ambiências, resultado da experiência de deriva vivenciada pelos situacionistas. Assim, é possível notar uma distorção dos padrões explorados pelos mapas tradicionais, elaborados com base em normas técnicas, sem apontamentos para as questões subjetivas inerentes à dimensão psicológica despertada na prática urbana. Em *Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana*, Debord argumenta que as diversas combinações de ambientes da cidade são responsáveis pelo desdobramento de sensações complexas e variadas. Para o autor:

A mudança repentina de ambiente na rua no espaço de alguns metros; a evidente divisão de uma cidade em zonas de distintas atmosferas psíquicas; o caminho de menor resistência que é seguido automaticamente em passeios sem rumo (e que não tem relação com o contorno físico do terreno); o caráter atraente ou repulsivo de certos lugares - todos esses fenômenos parecem ser negligenciados. [...] A menor investigação desmistificada revela que as influências qualitativa ou quantitativa diferentes das diversas decorações urbanas não podem ser determinadas apenas com base no período histórico ou estilo arquitetônico, muito menos com base nas condições de habitação. (DEBORD, 1955)¹⁷

As obras mencionadas são apenas alguns dos mapas afetivos produzidos pelos situacionistas; nesse quesito, destacam-se também os livros ilustrados produzidos por Guy Debord e Asger Jorn, que reúnem uma sobreposição de pinturas, colagens e fragmentos de textos¹⁸. Esse tipo de cartografia afetiva oportunizou a impressão das subjetividades nas representações espaciais e favoreceu a exploração das dimensões psicológicas que surgem com o exercício de retratar espaços.

2.2 CORPOGRAFIAS URBANAS

De acordo com Suely Rolnik (1989), não é válido analisar de maneira definitiva a cartografia, que é composta por transformações espaciotemporais. Além de as paisagens geográficas serem cartografáveis, as paisagens afetivas também o são, e, através dessas cartografias, é possível entender dinâmicas do desejo que integram dada realidade. Os afetos e desejos desenvolvem, assim, um corpo invisível, que traça um território, cartografando um terreno a partir de situações vividas.

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos

¹⁷ Disponível em: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/geography.html>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

¹⁸ Os livros *Fin de Copenhague* (1957) e *Mémoires* (1959).

contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (ROLNIK, 2006, p. 23)

A prática de deriva se apresenta como um instrumento de experimentação que permite uma imersão nos aspectos e fenômenos psicogeográficos. Diferentemente de outros tipos de caminhadas, como viagens ou passeios, “o conceito de deriva está indissolúvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico construtivo” (DEBORD, 1958)¹⁹.

O discurso da Internacional Situacionista, traduzido em seus valores ideológicos, políticos e revolucionários, reverberam até os dias de hoje, sendo revisitados por diversos grupos e indivíduos que investigam a relação entre corpo e espaço urbano.

De acordo com Paola Jacques Berenstein, as errâncias urbanas podem ser exploradas através de diversas técnicas, dentre elas, a deriva. O conceito de *corpografias urbanas*, definido pela autora, discute a experiência corporal da cidade, investigando os efeitos do ambiente no corpo de quem o experimenta por meio de errâncias urbanas.

Uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta. (JACQUES, 2008, p. 1)

Jacques chama atenção para a prática de errâncias como uma espécie de microrresistência ao processo de espetacularização, já que a experiência resulta numa participação cidadã ativa no espaço urbano. A autora faz alusão à corporeidade dos homens lentos, apontada por Milton Santos²⁰, e repara que o espetáculo provoca um empobrecimento da experiência urbana, que resulta na perda dessa corporeidade. Outra proposição importante de Jacques, nesse sentido, é a de que a cidade “ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, tornando-se ‘outro corpo’” (JACQUES, 2008, p. 1), um corpo urbano capaz, também, de acumular corpografias próprias.

A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente. (JACQUES, 2008, p. 1)

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>>. Acesso em: 6 ago 2020.

²⁰ “O fio condutor dessas idéias seria então a questão do corpo, ou como dizia Milton Santos, da corporeidade dos homens lentos, ou seja, a simples experiência corporal no cotidiano. [...] São os homens lentos, como dizia Milton Santos, que podem melhor ver, apreender e perceber a cidade e o mundo, indo além de suas fabulações puramente imagéticas.” (JACQUES, 2008, p. 1)

É relevante observar que a apreensão de um ambiente sofre influência de uma sorte de fatores que se sobrepõem, visto que cada praticante da cidade detém um repertório singular de lugares percorridos e afetividades acumuladas. A autora salienta a importância da temporalidade e da intensidade das experiências urbanas, que determinam a maneira como as corpografias são inscritas no corpo. Através de um “estudo corpográfico”, torna-se possível, então, investigar pré-existências espaciais registradas no corpo urbano através das experiências urbanas (JACQUES, 2008). A definição de corpografia urbana demonstra forte influência psicogeográfica, uma vez que é através da passagem por diferentes corpos urbanos que um indivíduo define suas corpografias, estabelecendo uma interação afetiva com o ambiente. A corpografia urbana é, assim, apresentada como “uma forma específica, corporal, de psicogeografia, e a deriva uma das formas possíveis, um exercício entre outros, de errância urbana.” (JACQUES, 2008, p. 3)

Ademais, Jacques sugere que é possível estimular a experiência urbana através da prática de errâncias na cidade e, dessa maneira, mobilizando e elevando a complexidade das corpografias urbanas. A corpografia é indicada também como uma sobreposição de memórias: o corpo urbano, quando experimentado, se fortalece e sobrevive no corpo de quem o pratica. Esse processo leva à investigação de três temporalidades: a orientação, a desorientação e a reorientação (ou territorialização, desterritorialização e reterritorialização). A chave de espaço-tempo mais valiosa para o errante é, segundo a autora, o estado de desorientação, quando uma percepção sensorial atípica seria proporcionada pelo aguçamento dos sentidos²¹.

Na figura do errante, reconhece-se também o praticante ordinário da cidade, aquele que vivencia a cidade de dentro, em oposição à visão aérea frequentemente utilizada nas representações cartográficas dos urbanistas (CERTEAU, 1998). É esse praticante que é responsável por atualizar os territórios, legitimando ou negando o que é proposto pelo urbanismo. Ainda de acordo com Certeau, encontramos na noção de espaço praticado uma abordagem que contribui com a análise da presença no espaço urbano como um mecanismo capaz de alterar e reconfigurar percepções subjetivas. Para o autor, um lugar precisa ser examinado tendo em vista seus viventes, passantes e praticantes, de maneira que o espaço existe porque é um lugar praticado, apropriado pelos usos a ele empregados (CERTEAU, 1998).

Jacques enfatiza que, embora alguns artistas já tenham traduzido suas corpografias em mapas ou cartografias, “são as próprias corpografias, já inscritas nos corpos como

²¹ Texto disponível em: <vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 8 nov. 2019.

corporalidade, que nos interessam e estas não precisam ser representadas para se tornarem visíveis” (JACQUES, 2008, p. 2). A exemplo do praticante ordinário da cidade, a autora argumenta que o errante experimenta a cidade de dentro, “sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo” (JACQUES, 2008, p. 3). Em outras palavras, a memória urbana, que se inscreve no corpo do praticante da cidade através das ditas *corpografias urbanas*, diz respeito a uma experiência de corpo que não obrigatoriamente resulta em representações imagéticas, tais como mapas ou outros tipos de cartografia.

2.3 PSICOGEOGRAFIAS CONTEMPORÂNEAS

Na contemporaneidade, diversos artistas têm explorado o caminhar como processo criativo e instrumento de inspiração. Através de cartografias do sensível, nascem registros, apreendem-se afetos e subjetividades. O caminhar é uma atividade que favorece a efervescência de ideias, sendo também constantemente aliado à escrita e à filosofia, como um modo de narrar e elaborar pensamentos.

A narração visual *No Hay Camino* (Figura 6), constituída por referências videográficas e cinematográficas, apresenta perspectivas antropológicas, sociais e filosóficas do caminhar como prática artística.

Figura 6 – Captura de tela de frame do vídeo *No Hay Camino*.



Fonte: Canal do Youtube “Soy Cámara – CCCB”²²

²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mCbsrkNlhf8>>. Acesso em: 14 de ago. 2020.

O vídeo, dirigido, roteirizado e montado por Albert Alcoz e Alexandra Laudo, traz uma curadoria de obras que se inserem na temática do caminhar como uma prática estética favorável à exploração dos limites entre corpo e ambiente. De acordo com a narrativa, a ação de estar nas ruas sem propósitos predeterminados tornou-se, com o passar do tempo, um comportamento pouco aceito socialmente, especialmente nas cidades. Dessa maneira, o caminhar foi recorrentemente reduzido a situações relacionadas à produtividade, tendo se tornado um deslocamento praticado pela necessidade de otimização do tempo. Partindo desse pressuposto, os autores afirmam que o ato de caminhar, especialmente quando desassociado de práticas funcionalistas, configura uma forma de apropriação do espaço público. No filme, fala-se ainda das novas formas de entretenimento, majoritariamente ambientadas no cenário virtual, como agentes redutores da experiência no espaço público.

O conforto da vida doméstica e o crescimento das novas formas de entretenimento individual vinculadas às novas tecnologias diminuem a necessidade de estabelecer uma relação física com o mundo e reduzem a presença dos corpos no espaço público. (ALCOZ; LAUDO, 2020)²³

Para Coverley, “de várias maneiras, a psicogeografia hoje permanece alerta à crescente banalização do ambiente urbano que preocupava os Situacionistas, e continua a fornecer uma resposta política às falhas percebidas da governança urbana.”²⁴ (COVERLEY, 2012, p. 127, tradução nossa)

Contribuindo com o aporte teórico, esta seção se dedica à apresentação de quatro trabalhos de natureza psicogeográfica realizados entre os anos de 2004 e 2017. Ao longo do texto, serão exibidos os seguintes trabalhos, por ordem cronológica: *Psicogeografia Algorítmica* (2004), *Aulas Erráticas* (2015), *Nunca é noite no mapa* (2016) e *A cidade como objeto performativo* (2017). Os autores e artistas associados aos projetos mencionados se inserem dentro dos campos da Arte digital, Pedagogias da performance, Cinema e Artes visuais, respectivamente. De forma geral, as obras selecionadas se referem ao ato de caminhar, ou se reconhecer dentro do mapa, enquanto narrativas estético-políticas e ferramentas de apropriação do espaço. Os trabalhos citados cooperam com o desenvolvimento desta pesquisa, sendo referência tanto para desdobramentos metodológicos quanto de produção e documentação de registros.

²³ Trecho da narração de *No Hay Camino*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mCbsrkNlhf8>>. Acesso em: 14 de ago. 2020.

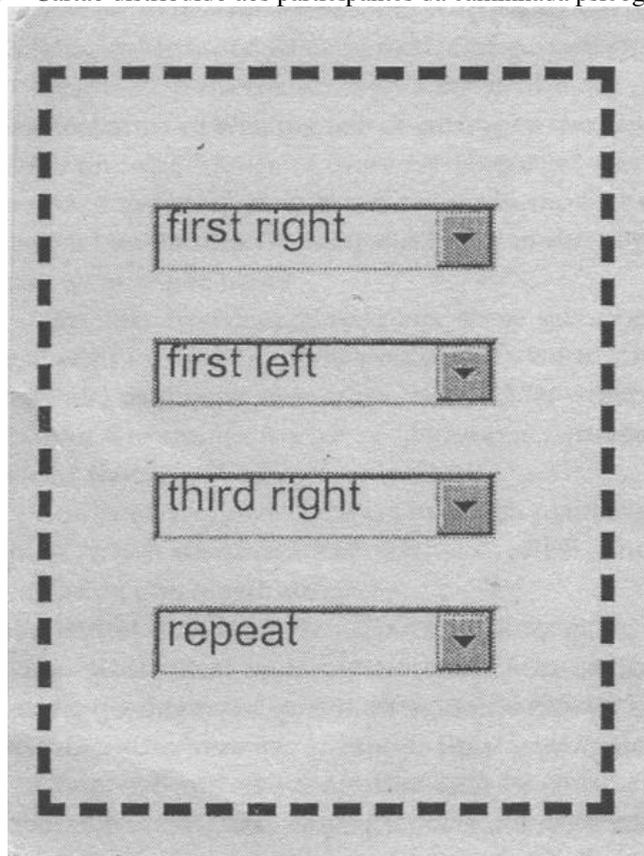
²⁴ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “In many ways, psychogeography today remains alert to the increasing banalisation of our urban environment that preoccupied the Situationists, and it continues to provide a political response to the perceived failures of urban governance.”

2.3.1 Psicogeografia Algorítmica (2004, Orléans-La-Source - França)

Karen O'Rourke, artista e professora de arte digital na Universidade Jean Monnet Saint-Etienne, reuniu, na obra *Walking and Mapping: artists as cartographers*, uma série de trabalhos de artistas contemporâneos que tratam o caminhar e o mapear como manifestação artística. O'Rourke aponta que mapear é uma maneira de nos localizarmos no mundo e agirmos sobre nossas situações de vida, que conhecemos melhor a partir da experiência corporal do caminhar. Dessa forma, além de encarar o cartografar como objeto de estudo, a autora também o reconhece como método de ação, e tem participação em diversos dos projetos apresentados na publicação.

Uma das obras destacadas no livro é a caminhada psicogeográfica ocorrida em Orléans-La-Source no ano de 2004, como parte do festival de arquitetura de Orléans. Organizada pelo artista holandês Wilfried Hou Je Bek, a experiência foi guiada por um “algoritmo de caminhada”, entregue aos participantes através de um cartão com indicações do trajeto (Figura 7), no qual lia-se: *primeira à direita, primeira à esquerda, terceira à direita, repita*.

Figura 7 – Cartão distribuído aos participantes da caminhada psicogeográfica.



Fonte: O'Rourke (2013).

Além do cartão com o algoritmo, aos caminhantes foram cedidos um lápis e um mapa do entorno. A sugestão era de que a caminhada durasse uma hora e que todos tomassem notas a respeito do trajeto, nomeando trechos de acordo com suas impressões do espaço.

Ao relatar o experimento, O'Rourke aponta uma questão intrigante que surge com a sobreposição do algoritmo ao mapa e ao campo de experimentação: “O que exatamente é ‘primeira à direita?’ essa pista que não está marcada se qualifica, ou eu deveria aguardar algo mais importante?” (O'ROURKE, 2013, p. 2, tradução nossa)²⁵.

A ideia de psicogeografia algorítmica foi pensada por Hou Je Bek, com a intenção de romper com os “limites dos gostos pessoais, expectativas e preconceitos” que o artista notou influenciar suas derivas quando praticadas sob os métodos situacionistas.

O que precisávamos era de um método objetivo que nos desse a oportunidade de passear pela cidade livres de preconceitos, porque suspeitávamos que os efeitos psicogeográficos seriam mais fortes se o trajeto fosse o mais claro possível. [...] Elaboramos um conjunto de regras que traçam um percurso sem fim pela cidade, o qual, tínhamos esperança, não seria previsível e manteria o pedestre psicogeográfico se perguntando onde a lógica do algoritmo de passeio o levará. (BEK, [200?])²⁶

Através da utilização desse método, portanto, Bek propõe uma exploração da cidade sob a perspectiva do acaso, tendo em vista que as jornadas devem contar com a interpretação que cada praticante tem do espaço, ocasionando em múltiplas combinações geradas pelo algoritmo.

2.3.2 Aulas Erráticas (2015, São Paulo, Brasil)

As aulas erráticas idealizadas pela doutora Denise Pereira Rachel, pesquisadora em pedagogias da performance, investigam a presença corporal nos espaços urbanos. A professora-artista, junto ao *Coletivo Parabelo*²⁷, foi responsável pela elaboração da chamada *perfografia*, uma contração dos termos performance e cartografia (RACHEL, 2018, p. 42). Dessa forma, as chamadas aulas erráticas foram concebidas como um modo de investigar aulas performáticas aliadas à prática de errâncias urbanas.

Uma das experiências relatadas no artigo *As mulheres andam mal: das aulas erráticas às aulas vadias na emergência dos mapas do medo* é a errância urbana que Rachel vivenciou com

²⁵ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “What exactly is a ‘first left’? Does this unmarked lane qualify, or should I wait for something more important?”

²⁶ Trecho retirado do blog *spacehijackers*. Disponível em:

<<https://www.spacehijackers.org/html/ideas/writing/socialfiction.html>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

²⁷ Grupo artístico sediado em São Paulo, que reúne pesquisas em corpo, cidade, performance e educação. Mais informações no site do coletivo. Disponível em: <<https://www.coletivoparabelo.com>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

duas alunas, companheiras de caminhada, durante a realização de uma das aulas erráticas. Para guiar a caminhada, o método escolhido foi baseado na ideia de psicogeografia algorítmica, proposta por Hou Je Bek. Após a definição do algoritmo que viria a guiar a rota, o trio de mulheres seguiu repetindo os passos metodicamente. Em determinado momento do trajeto, as participantes notaram a recorrente presença de uma figura masculina, que parecia observá-las constantemente. Discorrendo a respeito das sensações que aquela observação insistente provocava, Rachel faz referência ao conceito de paisagem do medo, formulado pelo geógrafo Yi-fu Tuan.

Andávamos cada vez mais rápido, como se aquele olhar estivesse cravado em nossas costas. Descíamos, descíamos e aquela ambiência parecia nos sufocar. Uma topografia transformada em topofobia, a emergência de uma paisagem do medo. (RACHEL, 2018, p. 45)

De acordo com a autora, o confronto com aquela constante presença masculina afetou diretamente a maneira como o trio percebeu o deslocamento pelas ruas, que, apesar de despovoadas, foram preenchidas pelo medo. Desnorteadas e sufocadas pela sensação de estarem sendo observadas, as pesquisadoras apenas experienciaram alívio ao atingirem uma via larga e repleta de movimentações.

Na publicação, a autora menciona ainda a sensação de desconforto que algumas alunas experimentaram no ambiente urbano em outros momentos, ao circularem pelos bairros onde residiam. A turma era formada em sua maioria por estudantes negras, que percebiam um monitoramento de suas atividades através de olhares machistas.

Dessa maneira, a experiência daquelas aulas erráticas demonstrava que, em grande parte das vezes que nós mulheres saíamos às ruas sem um destino certo, um lugar certo e na hora certa, poderíamos estar sob as mais variadas ameaças do medo. A partir dessa visão metafórica da cidade selva, é possível inferir que a presença dos corpos que performam o gênero feminino nos mais diversos espaços, poderia reduzir-se a uma genitália sob um olhar onipresente, objetificante e sexista. Este parecia, então, um fenômeno inerente ao processo de socialização das mulheres, que interfere diretamente na percepção de suas relações com o espaço urbano. (RACHEL, 2018, p. 47-8)

Em linhas gerais, através das vivências das aulas erráticas, a autora conclui que o medo é um aspecto definidor da experiência urbana, sobretudo no que diz respeito à relação das mulheres com o espaço público. Dessa maneira, a questão de gênero é tida como um fator de relevante influência na experiência corporal de apreensão do espaço urbano, assim como em seu consequente desdobramento psicogeográfico.

2.3.3 Nunca é noite no mapa (2016, Recife, Brasil)

O curta-metragem *Nunca é noite no mapa*, realizado por Ernesto de Carvalho, em 2016, conduz o espectador a uma jornada virtual sobre e dentro do mapa. Por meio de imagens proporcionadas pela ferramenta *Google Street View* (Figura 8), o diretor traça e narra percursos através de ruas, becos e esquinas, elementos de um mapa supostamente indiferente, onde não chove, não há engarrafamentos e não anoitece.

Figura 8 – Captura de tela do filme *Nunca é noite no Mapa* no instante 1min17s.



Fonte: Página do artista no Vimeo.²⁸

No filme são postas em contraste imagens que refletem as transformações do espaço e seus respectivos registros no decorrer do tempo. Imagens que revelam um olhar crítico, que aponta para cenas de desigualdade social: em que locais o mapa consegue entrar? Que ruas mapeia o mapa? Que ruas o mapa exclui e invisibiliza? *Nunca é noite no mapa* investiga dimensões políticas e estéticas, trazendo à tona uma espécie de cartografia digital realizada pelo diretor que, ao narrar as passagens por determinados espaços e cenários, cria um mapa próprio.

Ao mover-se como sujeito e deslocar o mapa projetando seus próprios lampejos de memória, o artista traz história para o que o mapa congelou. E assim desmonta uma forma totalitária de olhar pro horizonte, pro outro e pra cidade. O filme vai muito além de refletir sobre o uso de um aplicativo que nos promete facilitar a vida, mas no fundo nos usa. Ele nos alerta para o ofuscamento da ocupação popular dos espaços comuns

²⁸ Disponível em: <<https://vimeo.com/175423925>>. Acesso em: 10 set. 2020.

da cidade. [...] *Nunca é noite no mapa* é um gesto político e mostra que a máquina totalitária não cumpre seu trabalho sem resistência.²⁹ (VAZ, 2019)

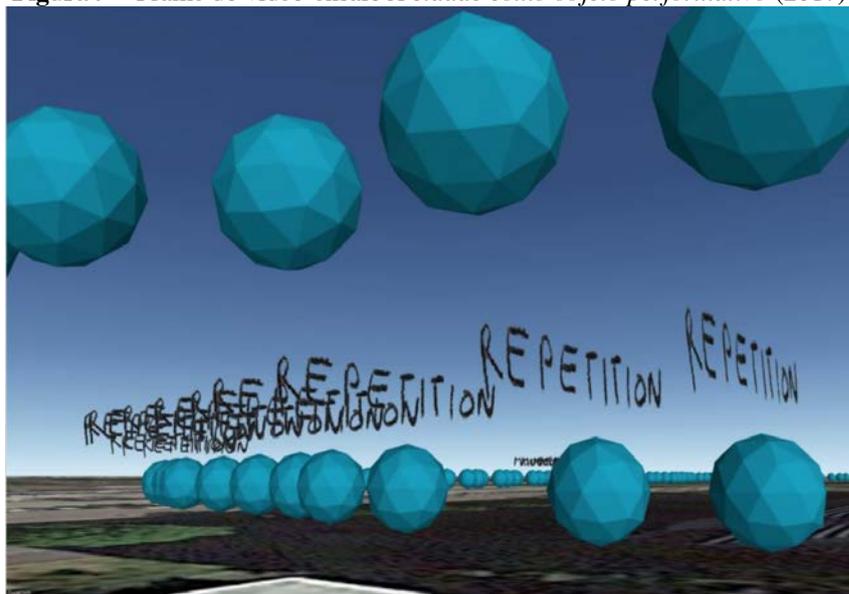
Dessa forma, o curta-metragem é repleto de críticas acerca do próprio ato de cartografar, apontando as falhas e distorcendo a ótica através da qual esses tipos de mapas, que tendem a ser em alguma esfera excludentes, são construídos.

O mapa é indiferente, livre. O mapa não precisa de pernas, nem de asas. O mapa não anda, nem voa, nem corre, não sente desconforto, não tem opinião. Nunca chove dentro do mapa e não há vento no mapa. No mapa não há contramão nem velocidade. Pro mapa não tem engarrafamento, nem direção. [...] O mapa é um olho desincumbido de um corpo, e eu estou dentro do mapa, em algum lugar. Mesmo que eu tente me esconder, o mapa me encontra, e me contém.³⁰ (CARVALHO, 2016)

2.3.4 A cidade como objeto performativo (2017, Amsterdã, Holanda)

Nesta obra, Esther Polak e Ivar van Bakkum propõem uma escrita através dos passos. O “ensaio-caminhada” é uma produção multimídia, que combina escritos, sons e imagens registrados pelos artistas, sobrepostos e reunidos numa vídeo-obra (Figura 9).

Figura 9 – Frame do vídeo-ensaio *A cidade como objeto performativo* (2017).



Fonte: Página dos artistas no Vimeo.³¹

²⁹ Texto de Bernardo Vaz. Disponível em: <<https://www.brasildefatope.com.br/2019/06/04/o-que-tu-indica-ou-nunca-e-noite-no-mapa>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

³⁰ Trecho da narração de *Nunca é noite no mapa*. Disponível em: <<https://vimeo.com/175423925>>. Acesso em: 10 set. 2020.

³¹ Disponível em: <<https://vimeo.com/222984948>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Em palestra *online* apresentada ao LIMA³², Polak expõe o que considera “um olhar pro mundo através das lentes da mobilidade”. A cidade é encarada como um jogo de *videogame*, um papel em branco sobre o qual se movimentam os indivíduos, preenchendo-o de sentido. De acordo com a artista, ao mover-se pelo espaço, o indivíduo ativa sua estrutura e interfere na paisagem, fazendo com que elementos da arquitetura despertem no mapa. Nesse sentido, a experiência de cidade é única para cada praticante, pois questões como o ritmo de locomoção e o veículo utilizado para o trajeto resultam em apropriações distintas do espaço.

A artista afirma se utilizar das teorias de gênero de Judith Butler, no que diz respeito à performatividade; assim como Butler sugere que os indivíduos performam determinado gênero, Polak entende que é possível performar, também, o espaço. Ao longo da narração de *A Cidade como Objeto Performativo*, Polak indica que, de acordo com Judith Butler, *gênero* é um conceito que não preexiste, mas foi criado pela sociedade e é performado através de hábitos, vestimentas e pelas próprias articulações entre os indivíduos. De maneira análoga ao pensamento de Butler, a artista afirma que, assim como o gênero, o espaço não preexiste, sendo moldado e performado a partir do movimento.

Reforçando o paralelo com as teorias de Butler, Polak se inspira nas categorias de gênero (masculino, feminino, neutro e demais) e trabalha com o que considera *categorias de movimento*. Na vídeo-obra, a artista comenta a respeito da divisão das categorias de movimento, narrando seus pensamentos durante a caminhada:

Então comecei a dividir esta ideia em categorias de movimento. E as categorias mais comuns nas quais pensei foram o pedestre, o ciclista, o motorista. Todos são parte dessa cidade performática e cumprem o seu próprio papel, como se estivesse previamente escrito. Como um caminhante, se pressupõe que você ande de um modo específico, e você tende a seguir regras de ritmo que o tornam um caminhante. Não é apenas a caminhada que lhe faz um caminhante, mas também é sobre você seguir essas regras secretas. [...] Acabamos de passar por duas garotas performando duas categorias. Uma está em um skate, a outra está em um step. Interessantemente, os aparelhos que elas usam são cor de rosa. As duas estão num ato de movimento e, também, em um ato de gênero. Isso é muito interessante.³³ (THE CITY AS..., 2017, tradução nossa)

De modo geral, a obra chama atenção, tanto no que diz respeito ao modo de relatar a experiência (através de anotações analógicas sobrepostas a imagens cartográficas e estímulos sonoros) quanto no que compete à ideia de performatividade e categorias de movimento.

³² Plataforma holandesa que arquiva, distribui e preserva artes de mídia da cultura digital. Palestra disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6dkSMY-5lGk>>. Acesso em: 17 out. 2020.

³³ Trecho da narração de *A cidade como objeto performativo*, tradução livre, feita pela autora. Disponível em: <<https://vimeo.com/222984948>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Os casos apresentados nesta seção ilustram, narram, subvertem e exploram, de modo geral, a relação entre corpo e mapa de maneiras singulares e enriquecedoras para o desenvolvimento deste trabalho. A partir dos referenciais teóricos já apresentados, bem como dos trabalhos empíricos que dão suporte e complementam a teoria, dei início à definição dos métodos a serem explorados na feitura dos experimentos de deriva desta pesquisa.

3 MÉTODOS PARA DOIS MUNDOS

3.1 INTRODUÇÃO

Inspirada pelos diversos movimentos e artistas que a mim antecederam-se nessa comprida jornada, lanço-me também, como pesquisadora, às solicitações do território. Almejo investigar os procedimentos necessários para a realização de derivas em uma cidade contemporânea brasileira, além de testar os métodos de apreensão de espaço explanados no capítulo anterior.

Percebo, sobretudo, que os motivos que levaram os situacionistas às ruas se metamorfosearam, mas insistem em afetar as relações atuais. O espetáculo contemporâneo é veloz e diariamente atualizado com afinco pelos processos de globalização que, ironicamente, contribuem com o isolamento e uma distorcida, e muitas vezes alienante, sensação de participação dos indivíduos em sociedade.

Este capítulo se reserva à exploração e ao desenvolvimento dos procedimentos metodológicos definidos para a realização das práticas de deriva que compõem o objeto de estudo desta pesquisa. Contribuindo com os processos metodológicos estão dois pilotos, elaborados como instrumento de verificação e legitimação dos métodos e dispositivos de controle e documentação selecionados a serem aplicados nas derivas. Apresento aos leitores os procedimentos, relatos e análises dos pilotos que ocorreram nas cidades de Recife e Olinda e se enquadram em dois universos: o mundo pré-pandemia e o mundo pandêmico, de onde falo hoje. Explico-me.

A primeira parte do processo partiu da definição dos parâmetros que guiariam a pesquisa de campo e seus possíveis desdobramentos. Para a sistematização das práticas de errância, foram previamente definidos os horários de início dos pilotos, locais de partida, medidas de segurança e artefatos que auxiliariam no registro dos percursos. Como a experiência de errância urbana sugere interações, tanto com os demais praticantes da cidade quanto com elementos imprevistos do corpo urbano, a instauração de medidas de segurança era uma maneira de garantir certo conforto durante os trajetos. Dessa forma, providências como a escolha pela execução dos experimentos nos turnos da manhã e tarde (horários em que há a incidência do sol e movimentação de pessoas nas ruas) e a utilização do *smartphone* com acesso à internet foram implementadas.

Os parâmetros foram determinados de modo a contribuir para o objetivo geral da pesquisa: investigar os processos necessários para a realização de práticas de deriva em uma cidade contemporânea brasileira, bem como seus possíveis desdobramentos científicos,

existenciais e políticos. O campo de experimentação idealizado, inicialmente, era o centro de Recife, onde há um grande fluxo de transeuntes e o comércio é efervescente, fatores que garantem o surgimento de “centros de possibilidades e de significações.” (DEBORD, 1958)³⁴.

Dessa maneira, as errâncias urbanas poderiam ser realizadas individualmente e em pequenos grupos, de modo que uma mesma experiência pudesse ser interpretada por diferentes corpos e fosse possível uma análise comparativa das diversas corpografias reveladas pelos experimentos. Como sugere Guy Debord no segundo volume da revista *Internacional Situacionista*:

Pode-se derivar sozinho, mas tudo indica que a distribuição mais proveitosa será a que consiste em vários grupinhos de duas ou três pessoas com idêntico nível de consciência, cujas observações serão confrontadas e levarão a conclusões objetivas. (DEBORD, 1958)³⁵

Nessa conjuntura, sucedeu-se o primeiro piloto, detalhado na seção *3.2 Piloto 1 - Caminhada até o varal comunitário*. O piloto foi executado individualmente em 20 de setembro de 2019 e ocorreu no período diurno, com início no bairro da Encruzilhada. Para a feitura dos relatos referentes ao percurso, foram utilizados arquivos de áudio e imagens capturadas durante a prática, que durou cerca de uma hora. A gravação de pequenos áudios durante o percurso possibilitou uma fragmentação do relato em blocos, organizados com precisão de horários e localidades. As condições que levaram ao término do segundo piloto, apresentadas mais adiante, trouxeram à tona a hipótese do medo como um fator definidor da experiência urbana. Conseqüentemente, foi necessário um intervalo entre o primeiro e o segundo piloto, para uma revisão da metodologia e dos aspectos que reforçariam a segurança em campo.

Pouco tempo depois, no entanto, ao objetivo geral acoplou-se um agravante: o campo de investigação se adoentou, foi invadido pela pandemia de COVID-19³⁶, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Portanto, uma questão mais complexa veio à tona: quais são os procedimentos necessários para a realização de práticas de deriva em uma cidade contemporânea brasileira, diante de uma pandemia?

³⁴ Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

³⁵ Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

³⁶ A COVID-19 é uma doença contagiosa que varia de infecções assintomáticas a casos graves, a depender do grupo de risco afetado. A transmissão do vírus ocorre através do contato com outras pessoas por meio de gotículas de saliva expelidas através de tosse, fala ou espirros. Sendo assim, para conter o vírus é recomendado o isolamento social, higienização constante das mãos e uso de máscara facial. O Brasil atingiu uma alta taxa de transmissão do vírus, tendo até o momento ultrapassado a lamentável marca de 200 mil mortos. Mais informações disponíveis em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>.

Como efeito do novo cenário definido pela pandemia de COVID-19, as questões metodológicas sofreram alterações significativas. O campo de aplicação dos experimentos foi deslocado para Olinda, cidade onde resido e onde tive estruturas de apoio que facilitaram os deslocamentos, como pormenorizado na seção 3.3 *Dos artifícios para tempos pandêmicos*. Além da mudança de localidade, a situação pandêmica interferiu diretamente na aparatagem utilizada para os experimentos, o que teve desdobramentos também nos modos de produzir os relatos. Diferentemente do relato resultante do primeiro piloto, o segundo piloto – aqui situado na seção 3.4 *Piloto 2 - O monte é o umbigo deste universo* – é apresentado em texto corrido e conta com anotações produzidas após a prática.

3.2 PILOTO 1 – CAMINHADA ATÉ O VARAL COMUNITÁRIO

3.2.1 Procedimentos

O primeiro piloto foi realizado ao fim do mês de setembro de 2019, seis meses antes da virada pandêmica. Defini o turno da manhã para a elaboração da primeira prática, assim poderia aproveitar a luz do dia e teria a liberdade de gastar um tempo caminhando antes de escurecer. Além de essa ser uma estratégia que reforçaria minha segurança ao andar sozinha, a cidade diurna pareceu ter mais seres caminhantes, de modo que movimentações e fenômenos que pudessem interferir e ressignificar as práticas ocorreriam com mais frequência.

Inspirada pela caminhada psicogeográfica proposta por Wilfried Hou Je Bek em 2004³⁷, optei pela definição de um algoritmo psicogeográfico. Determinei as regras do jogo para que ele me orientasse: assim, me permitiria ser guiada pela aleatoriedade que o algoritmo conferiria ao experimento-piloto. Decidi iniciar dobrando à direita, depois à esquerda e repetir o mesmo código até onde fosse possível. Era uma ideia intrigante, essa de arriscar me perder na cidade onde nasci. A memória urbana fica inscrita no corpo, é um registro de nossa experiência na cidade, argumenta Jacques, ao apresentar a noção de corpografias urbanas. Através dessa série de vivências, aspirava reciclar e complexificar minhas corpografias, de modo que permaneci atenta ao despertar das sensações que em meu corpo se inscreveram ao longo dos percursos.

Interessada em explorar os desdobramentos do acaso na execução do primeiro piloto, além da definição de um algoritmo psicogeográfico, optei por não escolher previamente o ponto de partida. Determinei, apenas, que o trajeto teria início em alguma praça da cidade de Recife

³⁷ Ver item 2.3 *Psicogeografias Contemporâneas*.

com grande movimentação de pessoas, cenário que possibilitaria diversas direções para o início do experimento. Assim, resolvi fazer a primeira parte do percurso de ônibus; me deslocaria até o ponto e aguardaria a chegada do primeiro ônibus com destino a Recife. Após essa etapa, daria início à caminhada a partir da escolha de alguma das praças localizadas nas proximidades do percurso realizado pelo veículo.

O relato a seguir é fruto de anotações escritas e arquivos de áudio gravados num *smartphone* (posteriormente transcritos e editados), a partir do primeiro experimento-piloto. Ao relato, somam-se os mapas de percurso gerados pelo aplicativo *Strava*³⁸. Com o auxílio dos aparatos mencionados, pude documentar os tempos e distâncias apontados a seguir, além de minhas percepções afetivas durante o experimento-piloto. Por intermédio do aplicativo, o percurso foi gravado com a tecnologia de Sistema de Posicionamento Global (GPS), permitindo-me um desligamento do mapa e me desincumbindo de tomar nota das coordenadas geográficas no decorrer do trajeto.

3.2.2 Relato de experiência

Sexta, 20 de Setembro de 2019 - Jardim Atlântico, Olinda, às 10h18min

Saio de casa 18 minutos depois do horário planejado. O dia é quente, com uma chuva fina. Deixo Jardim Atlântico, bairro onde moro há quase vinte anos, berço de minhas mais pulsantes memórias afetivas, rumo ao centro de Recife. Não sei por onde começar, nem onde vou parar, de maneira que tomo algumas medidas preventivas:

- Me certifico de que o celular está 100% carregado, para me achar caso me perca;
- Instalo, no *smartphone*, o aplicativo *Strava*, que ficará responsável pelos mapas de registro do percurso;
- Escolho uma roupa leve, que me possibilite caminhar com certo conforto no calor de Recife. No entanto, mantenho as pernas cobertas, a fim de não chamar atenção para meu corpo;
- Calço um tênis esportivo adequado para caminhadas;
- Empacoto na mochila um caderno de anotações e lápis, junto com o guarda-chuva e uma carteira com documentos de identificação, além de algum dinheiro.

³⁸ Para acesso aos mapas, conferir Apêndice A.

Pronta pra seguir, caminho até a parada de ônibus. Pretendo embarcar no primeiro que passar com destino a Recife. Gostaria de parar em alguma praça, me agrada a ideia de partir de um desenho que permite multidireções. Ontem tive vários sonhos; hoje, a ansiedade me fez acordar algumas vezes antes do despertador. Sinto que a experiência já me movimentou, antes ainda de existir.

Pouco depois de minha chegada ao ponto, o ônibus que mentalizei prontamente passou. É uma rara visão, presenciar o Rio Doce/Dois Irmãos se aproximando. É sinal de que começarei meu trajeto pelo Mercado da Encruzilhada, local que atende ao meu desejo de iniciar tendo múltiplas vias como opção de partida.

Entre Olinda e Recife, entre 10h18 e 11h04³⁹

Sinto-me momentaneamente segura dentro do ônibus, enquanto percorro um trajeto familiar (Figura 10). Até aqui, tudo dentro do programado, mas, assim que desembarcar, serei guiada pela lógica imprevisível do algoritmo; começo a me sentir ansiosa.

Figura 10 – Rio Doce/Dois Irmãos, por dentro e por fora, no meio do caminho.



Fonte: Acervo da autora.

Lembro das palavras de Freud no texto *O inquietante*: “O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 2010, p. 331). De acordo com o autor, a incerteza intelectual é capaz de alimentar inquietações, como algo que vem a ser estranhamente familiar. Estar vivenciando a espera num ônibus cujo percurso me é conhecido, porém sem a certeza do que virá depois que eu abandoná-lo, me traz essa exata sensação de estranhamento. Certamente, o que está por vir é um cenário de incertezas que faz parte do jogo que me proponho a experimentar na cidade. Essas divagações me levam

³⁹ Trechos do caderno de anotações com edição posterior.

a tirar o celular da mochila para conferir o funcionamento do aplicativo que usarei para registrar minha rota. Tudo certo, preciso descer.

Encruzilhada, às 11h05

Ao descer do ônibus, avisto uma rua pequenina. Na esquina, uma banquinha de frutas com muitos cajus, que me convidam a adentrar a via. São 11h08 quando entro na minha primeira rua sem saída. Um homem, da calçada, avisa:

— Tem saída não!

Retorno, atravesso a rua e sigo pela Avenida Norte, onde tenho mais opções de evacuação.

Rua Leste, às 11h14

Mais uma rua sem saída. As ruas sem saída convidam.

Agamenon Magalhães, às 11h32

Depois de rapidamente entrar e sair de pequenas ruas, abre-se à minha frente a ampla Avenida Agamenon Magalhães. Penso que, a partir daqui, as proporções do percurso vão ser outras. O vento alivia o calor, mas os muitos carros trazem um tumulto que não havia vivenciado até então. É uma via que corta a cidade, desembocando em ruas menores. Avisto a próxima rua à esquerda, onde devo dobrar. Ela começa a partir de um posto de gasolina, então decido fazer uma rápida pausa para ir ao banheiro (Figura 11).

Figura 11 – Interrupção estratégica.



Fonte: Acervo da autora.

Rua sem saída, às 11h45

Ao me deparar com mais uma rua sem escapatória, retorno ao instante anterior, e entro na rua seguinte, no mesmo sentido. Nesses momentos, me questiono se, de fato, tenho seguido as regras do jogo, já que o movimento que deveria ser realizado não pôde ser concluído. Se a rua que preciso dobrar não tem saída, dobro na próxima, no mesmo sentido, ou deveria optar por seguir o sentido oposto?

Por trás da Universidade Católica, às 11h51

Meu olhar é reposicionado quando presencio perspectivas nunca observadas de prédios já conhecidos. No trajeto, percebo que estive percorrendo algumas ruas das quais já estive bastante próxima, mas nas quais nunca pisei. Na rotina que mantenho, tendo a me locomover por rotas automatizadas, que costumam ser o caminho mais curto entre o lugar de onde saio até o lugar para onde vou.

O celular tem pouca bateria. Paro, salvo a primeira parte do percurso, compro uma água e inicio uma nova rota no aplicativo.

Avenida Conde da Boa Vista, às 11h59

A mulher sentada alerta o homem da pipoca:

— Fechou de novo o tempo. A chuva voltou!

O caminho tem se delineado por áreas de grande circulação de pessoas, um fluxo contínuo de idas e vindas. Passo pela Conde da Boa Vista, dobro mais algumas direitas e esquerdas e, finalmente, chego na rua da Aurora, beirando o Rio Capibaribe. É uma rua de nome poético, conheço o lugar, o entorno é bonito e sigo confiante. Meu algoritmo diz que preciso cruzar uma ponte, atravessando o rio (Figura 12).

Figura 12 – Cruzando a ponte.



Fonte: Acervo da autora.

Avenida Rio Capibaribe, às 12:22

Cheguei na outra beira do rio, paralela à rua da Aurora, e me vi diante de uma esquina que, por mim, nunca fora explorada. Uma placa enferrujada dizia “rua: rio” e só (Figura 13). Devo dobrar à direita, é o que o jogo me diz.

Figura 13 – Rua: Rio.



Fonte: Acervo pessoal.

Sigo. À minha direita, um estacionamento com muitos carros. À minha esquerda, as instalações do Centro Integrado de Operações de Defesa Social (CIODS). Continuo caminhando, seguindo em frente, dessa vez devagar. Realmente, nunca estive aqui. Além disso, e talvez seja o que mais me faz diminuir a velocidade da caminhada, não sei onde essa rua vai dar. Vejo roupas penduradas nas grades, pessoas na rua. Uma mulher cuida da rua varrendo a calçada e dá ordens às crianças que estão por perto. Olho atentamente ao meu redor. Nunca entrei aqui, é uma comunidade que desconheço. Me deparo, pela primeira vez, com a situação de não seguir uma rua com convicção, a Avenida Rio Capibaribe. Sinto medo e diminuo a passada.

O homem da guarita do CIODS, atento, se comunica:

— Diga, senhora.

Não tinha olhado pra ele, nem o visto. Não sei o que dizer, não pensei em nada. Depois de alguns segundos, pergunto:

- Essa rua tem saída?
- Pra onde você quer ir?
- Tou seguindo a rua.
- Pra lá é perigoso, mas, se você voltar por aqui, você vai dar no metrô. Sempre à direita.

Agradeço e retorno ao início da rua. Nesse ponto, entendo que o jogo não vale mais. Não posso retornar e dobrar na próxima à direita, como fiz com as ruas sem saída. A Avenida Rio Capibaribe há de ter uma saída, ou várias, que não me dispus a conhecer.

3.2.3 Análises

O percurso completo durou pouco mais de uma hora. No que compete aos aspectos práticos, o registro em pequenos arquivos de áudio se mostrou bastante eficaz. Assim, não foi necessário fazer pausas para tomar notas e todos os fragmentos de relato foram concentrados na memória do *smartphone*, que organizou os trechos automaticamente, nos horários correspondentes. O *smartphone* atuou como um artefato essencial, visto que nele ficaram reunidos, além dos registros em áudio, vídeo e imagem, os mapas de percurso desenhados instantaneamente pelo aplicativo *Strava* enquanto eu me movia.

Ter seguido o algoritmo psicogeográfico à risca, por sua vez, conferiu à jornada certo aprisionamento, embora o método tenha trazido boas contribuições no que diz respeito à garantia de imprevisibilidade. Apesar de ter sido prejudicada pela excessiva fidelidade ao algoritmo, reconheço que esse é um recurso interessante, uma vez que é atualizado pela interpretação de cada praticante na leitura dos mapas.

Quando um segundo agente executa o mesmo algoritmo, mas encontra uma rua pela qual o primeiro agente poderia passar, mas agora foi bloqueada, a jornada resultante terminará a quilômetros de distância. A comparação das rotas também provou que cada pequena mudança nas direções (digamos, a mudança da terceira à esquerda para a direita) tem um impacto enorme na rota dos agentes.⁴⁰ (BEK, [200?], tradução nossa)

A realização do piloto revelou um indício de que o medo bem como a sensação de não pertencimento acompanhada do sentimento de invasão são elementos que influenciam e

⁴⁰ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “When a second agent executes the same algorithm but encounters a street that the first agent could pass but has now been blocked, the resulting journey will end up kilometres away. Comparing of routes has also proven that every minor change in the directions (say the change from 3rd left to right) has an enormous impact on the agents route.” (Wilfried Hou Je Bek). Disponível em: <<https://www.spacehijackers.org/html/ideas/writing/socialfiction.html>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

determinam a experiência no espaço urbano. Dias depois, memorando o trajeto, encontrei nas palavras de Careri uma passagem que identifica o que vivenciei naquela ocasião:

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente, o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais. (CARERI, 2016, p. 170)

Motivada pelo curta-metragem *Nunca é noite no mapa*⁴¹, iniciei uma busca pelos registros feitos pela viatura do *Google* nos arredores do CIODS, em datas variadas. Nas capturas é possível identificar movimentos e ações dos praticantes da área, bem como a presença constante dos varais (Figuras 14 e 15).

Figuras 14 e 15 – Varais da Rua Rio Capibaribe.



Fonte: *Google Street View*

⁴¹ Ver item 2.3 *Psicogeografias contemporâneas*.

Durante a análise dos arquivos registrados em campo, identifiquei, em algumas fotografias, passagens de destaque – imagens que ilustram situações relacionadas ao despertar de afetos durante o trajeto. De forma a relacionar os documentos, elaborei uma colagem de fragmentos afetivos do percurso (Figura 16), aproximando figuras relativas a trechos geograficamente desconectados, a exemplo dos mapas psicogeográficos produzidos pelos situacionistas.

Figura 15 – Travessia entre portais nº 1 – sobreposição de fragmentos afetivos do percurso.



Fonte: Colagem produzida pela autora.

3.3 DOS ARTIFÍCIOS PARA TEMPOS PANDÊMICOS

Com a chegada da pandemia de COVID-19 no país, um novo mundo se afigurou. A atmosfera geral era de medo, aliado a um clima de morbidez constante; a iminência de morte era terreno fértil para as mais pessimistas elucubrações. Por volta do mês de março de 2020, o

vírus começou a se espalhar rapidamente no Brasil. Pouco tempo depois, o sistema de saúde se encaminhava para um estado de colapso e já não era possível dar conta de tantos casos de contaminação. A maioria dos hospitais da rede pública e privada haviam atingido a capacidade máxima de lotação em seus leitos. Protocolos de segurança começaram, então, a vigorar em níveis de rigidez diferentes, de acordo com as decisões governamentais de cada estado. No Recife e região metropolitana (Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe e São Lourenço da Mata), foi decretado um período de *lockdown*⁴², de 16 a 31 de maio de 2020⁴³. A recomendação era clara: *ficar em casa, saindo apenas em casos de inevitabilidade*. Os mantimentos e artigos de necessidade básica deveriam ser, preferencialmente, reabastecidos por meio de sistemas de entrega em domicílio e o uso de máscaras tornou-se obrigatório na maioria dos espaços públicos e privados. Pisar na rua era uma verdadeira aventura, a interação com outros indivíduos caracterizava forte ameaça, passível de letalidade.

Para Débora Fonseca, o isolamento social repercutiu diretamente “nas experiências pessoais e coletivas que marcam o modo de ser e estar no mundo para cada sujeito”:

Retomando nosso pressuposto de formação humana, em uma perspectiva psicossocial, que compreende a subjetividade como uma dimensão concreta da vivência de cada sujeito, bem como o modo como cada um age e reage ao mundo como manifestação dessa constituição subjetiva significada por cada um. Nessa perspectiva, o isolamento social exige que os sujeitos se revejam no modo de ser e estar no mundo, contrariando o modo de vida e significação até então experienciados e norteadores da cultura ocidental capitalista, mediadas pelo consumo de produtos, de ideias e de modos de ser. (FONSECA, 2020, p. 114)

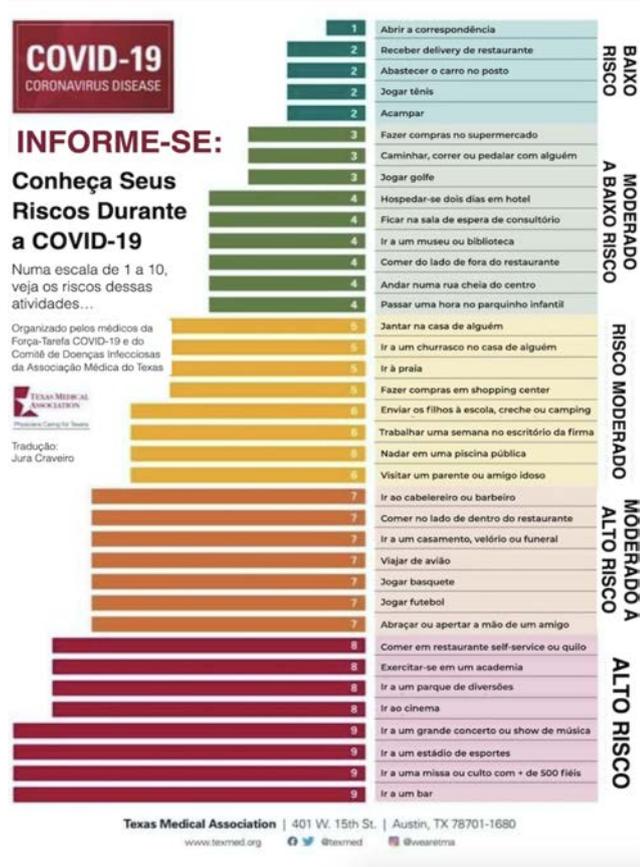
Na iniciativa de combate ao vírus, qualquer tipo de aglomeração deveria ser vigorosamente rejeitada. Nesse sentido, as relações humanas sofreram reconfigurações e o lar passou a ser o cenário principal dos acontecimentos para aqueles que aderiram ao isolamento. No campo do entretenimento, diversos artistas, inseridos principalmente no meio da música, estruturaram os formatos de suas exibições para que essas funcionassem no ambiente virtual. Assim se popularizaram as chamadas *lives*, apresentações ao vivo transmitidas na internet em tempo real.

⁴² *Lockdown* é a versão mais rígida do distanciamento social e quando a recomendação se torna obrigatória. É uma imposição do Estado que significa bloqueio total. No cenário pandêmico, essa medida é a mais rigorosa a ser tomada e serve para desacelerar a propagação do novo Coronavírus, quando as medidas de isolamento social e de quarentena não são suficientes e os casos aumentam diariamente. Informações disponíveis em: <<https://dasa.com.br/blog-coronavirus/lockdown-coronavirus-significado>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

⁴³ Disponível em: <<https://tvjornal.ne10.uol.com.br/o-povo-natv/2020/05/29/lockdown-nao-sera-prorrogado-em-pernambuco-mas-uso-obrigatorio-de-mascara-permanece-189373>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

Após alguns meses de quarentena, melhorias começaram a aparecer: os índices de contaminação se estabilizaram e os protocolos de segurança foram flexibilizados. Apesar da atenuação das restrições impostas pelo governo, ficar em casa ainda era a maneira mais eficaz de conter a propagação do vírus. Para auxiliar minhas tomadas de decisão a respeito dos experimentos, consultei com frequência os boletins oficiais de atualização dos dados relativos à COVID-19. Encontrei uma tabela elaborada pela *Texas Medical Association* (Figura 17), que organizou algumas atividades de acordo com os riscos de contágio a elas atribuídos durante o período de pandemia.

Figura 16 – Tabela de riscos de contágio atribuídos a cada atividade, durante a pandemia de COVID-19.



Fonte: *Texas Medical Association*, com tradução de Jura Craveiro.

O esquema dividia as atividades numa escala de 1 a 9, sendo a de número 1 a atividade que oferecia menor risco e a de número 9 a atividade mais arriscada. Conforme informações da Associação Médica do Texas, caminhar, correr, ou pedalar em companhia eram atividades que se enquadravam na categoria de número 3 e ofereciam risco baixo a moderado.

Decidi, então, conceber alternativas para a realização dos experimentos da maneira mais segura possível. A primeira e, talvez, mais radical alteração metodológica foi o deslocamento do campo de aplicação de Recife para Olinda. Perto de casa, eu poderia fazer a maior parte das

práticas a pé e me esquivaria do contato com outras pessoas e superfícies, inevitável nos trajetos realizados em ônibus. Cogitei produzir minhas próprias *lives*. Sairia às ruas ornamentada com meu *smartphone*, o qual estaria fixado em meu corpo, e transmitiria meu percurso para quem eventualmente descobrisse o endereço eletrônico em que ele seria momentaneamente hospedado. Essa seria uma solução para sair portando o mínimo de apetrechos possível, reduzindo o contato desnecessário com outras superfícies. Entretanto, meu aparelho de telefone era antigo e não suportaria a execução de tal atividade sem que a bateria fosse recarregada.

Ainda que o campo de aplicação houvesse sido transferido para Olinda, a nova configuração não era ideal. O movimento de sair e voltar para casa, mesmo com a utilização de máscara facial, poderia pôr em risco as pessoas que moravam comigo. Compartilhando os reajustes metodológicos com uma amiga de longa data, recebi um convite: poderia usar o primeiro andar de sua casa como local de apoio. A casa, com uma escada de acesso exclusivo ao piso superior, era ideal para minha nova empreitada. Lá, eu teria uma estrutura que possibilitaria tanto o isolamento, quanto a execução da maior parte dos deslocamentos a pé. Aceitei o convite e optei por concentrar os experimentos no decorrer de uma semana, período em que estaria hospedada em meu mais novo endereço: a casa de Julia, no bairro de Bonsucesso, situado no sítio histórico de Olinda.

A pandemia de COVID-19 influenciou diretamente a pesquisa, alterando, inclusive, a aparelhagem necessária para a realização das práticas. Aos meus apetrechos, agora, somariam-se máscara de proteção facial, álcool em gel para higienização das mãos e luvas descartáveis, a depender da ocasião (Figura 18). A mochila seria substituída por uma pochete, de modo que eu carregasse o mínimo e minhas mãos estivessem sempre livres. O caderno de anotações foi eliminado, afinal, evitar o contato desnecessário com superfícies era essencial.

Figura 17 – Preparativos: roupas compridas e confortáveis e luvas descartáveis.



Fonte: Acervo pessoal.

O artefato imprescindível, em todas as ocasiões, seria o *smartphone*, que me serviria, além de tudo, como localizador espaciotemporal. Elaborei, previamente, uma lista dos equipamentos cruciais para a realização dos pilotos: máscara e filtros de papel para todos os dias, sapato e meias, calças, luvas descartáveis, pochete, algum dinheiro em espécie para eventualidades, álcool em gel, *smartphone* e seus apetrechos – cabo para recarga e carregador portátil.

Com tudo pronto, migrei para meu espaço de residência artística, local abastecido de forte carga afetiva. Estava em uma casa que me era familiar, agora em um outro piso. Por uma semana, eu moraria na casa sobre a casa, em estado de isolamento, exceto pela presença de Tirana (Figura 19), minha companheira de andar. Julia permaneceria habitando o andar de baixo e poderíamos nos comunicar através das janelas, além da porta que permitia acesso à escada lateral.

Figura 18 – Tirana e o Farol de Olinda, num dia chuvoso.



Fonte: Acervo pessoal.

No sítio histórico de Olinda, região também conhecida como “cidade alta”, devido às muitas ladeiras que forram seu solo, o Carnaval é um marco. Quem pesquisa pelo bairro do Bonsucesso no *Google Maps*, por exemplo, é imediatamente levado à sede do homem da meia-noite⁴⁴, que já se tornou ponto de referência e parada obrigatória para os visitantes. O Carnaval é um dos maiores atrativos turísticos da cidade, junto aos aspectos arquitetônicos e às paisagens vistas do alto das ladeiras.

⁴⁴ O Homem da Meia-Noite é um bloco carnavalesco, uma troça e uma das mais antigas agremiações a circular nas ladeiras do Sítio Histórico de Olinda, conhecido pelo boneco gigante do Carnaval de Olinda. A sede do bloco localiza-se em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Bairro do Bonsucesso, no sítio histórico de Olinda. Informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Homem_da_Meia-Noite>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Aclimatada no Bonsucesso, era o momento de me preparar para o enfrentamento da rua e seus possíveis praticantes. Desde as primeiras recomendações de isolamento, eu não transitava mais na cidade a pé. Precisei reformular os parâmetros para a execução das práticas nesse novo território catastrófico. A hospedagem em minha casa temporária me conduziu, espontaneamente, a aspectos nostálgicos e essa imersão no passado promoveu a definição de meu mais novo critério: iniciaria os percursos a partir de *lugares de memória afetiva*.

3.4 PILOTO 2 – O MONTE É O UMBIGO DESTE UNIVERSO

3.4.1 Procedimentos

O segundo piloto foi realizado individualmente no dia 14 de julho, no período da tarde. No dia de sua realização, havia atingido 100% da utilização do pacote de dados móveis do celular. O único aplicativo que poderia ser utilizado ilimitadamente era o *Whatsapp*, de forma que compartilhei minha localização ao vivo com Gabriel, meu companheiro, que observaria remotamente o trajeto em tempo real. Gabriel ficou, então, responsável por gravar o percurso em vídeos, através das imagens que receberia de minhas caminhadas na tela de seu computador. Assim, o compartilhamento do trajeto em tempo real foi instaurado como uma medida de reforço à segurança nos percursos.

Escolhi como local de partida o Alto da Sé, onde está localizada a escola que frequentei durante a infância. A partir dali, iniciaria a rota retomando afetos, rememorando o caminho até o bairro de Amaro Branco, roteiro que fez parte de minha saída da escola, nas ocasiões em que deixávamos uma colega em casa com o veículo escolar. O restante do trajeto deveria ser revelado durante a realização do piloto, quando eu obedeceria aos desejos que me ocorressem ao longo do percurso. Trajada com roupas folgadas e, dessa vez, com metade do rosto coberto pela máscara de proteção facial, dei início ao segundo piloto⁴⁵.

3.4.2 Relato de experiência

Partindo do Bonsucesso, ensaiei uma tentativa de me lançar à ideia de jogo situacionista no trecho do percurso que antecedia a chegada ao Alto da Sé. Entendi que seria interessante me

⁴⁵ O Apêndice J corresponde ao Foto-diário de residência. Nele, estão reunidas, junto a outros registros, fotografias que equivalem ao momento anterior à saída para cada experimento, e nas quais é possível identificar os trajés utilizados em cada dia.

desafiar a fazer o trânsito de um ponto a outro, percorrendo ruas que nunca pisei, dispensando as rotas sugeridas pelas configurações territoriais⁴⁶. No entanto, ao adentrar a primeira rua desconhecida (uma pequena ladeira de terra batida), fui paralisada pelo medo de me perder. Não saía de casa há um tempo considerável, e presumi que as possibilidades de encontrar pontos de apoio estavam reduzidas, devido à diminuição das atividades de comércio. Resolvi, assim, acessar o caminho rotineiro com destino o Alto da Sé e, de lá, direcionar a rota para o Amaro Branco.

O Amaro Branco era um local de aura simultaneamente nostálgica e nebulosa, visto que, de lá, eu não tinha muitas lembranças, além da fachada da casa onde morava aquela colega de escola. Caminhando até lá, percebi como as ações de movimento, sugeridas por Polak⁴⁷, interferem na performatividade do espaço. Executar, a pé, um trajeto costumeiramente realizado de carro gera apreensões de espaço completamente distintas. Além da disparidade entre as velocidades alcançadas nas duas situações, o automóvel representa uma barreira física situada entre o corpo do praticante e o corpo urbano. A posição em que o indivíduo se encontra no interior do carro também é relevante para esta análise. O motorista tem a atenção, constantemente, voltada aos percursos e às regras de trânsito, enquanto o passageiro tem a possibilidade de escolher para onde direcionar o olhar. O pedestre, por sua vez, tem mais liberdade, podendo romper certas regras de circulação.

Descendo a Rua Bispo Coutinho, escolhi o lado esquerdo de uma bifurcação já conhecida: era ela que me conduziria até o Amaro Branco. Com receio de contaminação, busquei acessar o *smartphone* o mínimo de vezes possível, mantendo as mãos sempre livres. Os primeiros registros fotográficos do percurso transmitem bem a pressa em manipular o celular: o resultado são imagens trêmulas e embaçadas (Figura 20).

Figura 19 – Bifurcação que antecede o bairro do Amaro Branco.



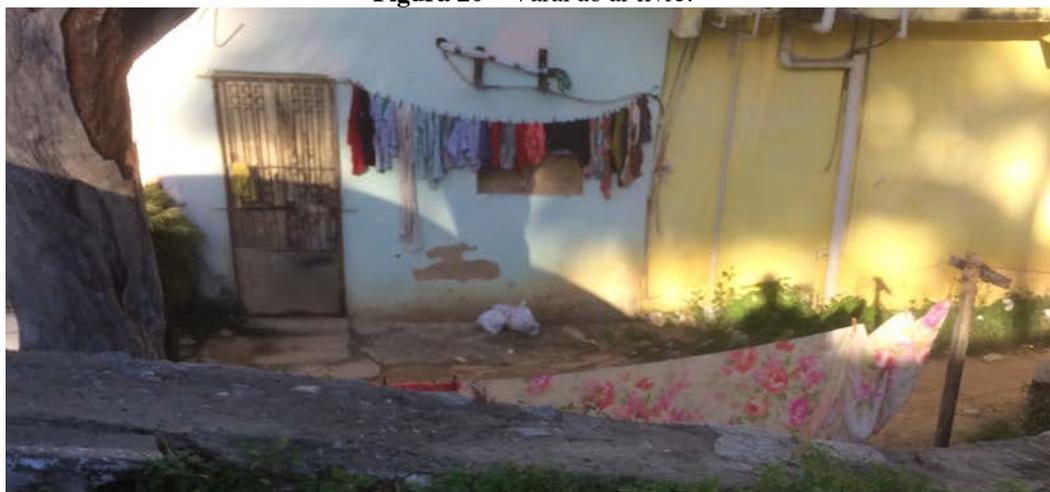
Fonte: Acervo pessoal.

⁴⁶ A cidade alta de Olinda é formada por diversas ruelas cobertas por paralelepípedos e margeadas por casinhas coloridas, que atraem os passantes. Negar esse caminho seria um exercício enriquecedor.

⁴⁷ Conferir item 2.3 *Psicogeografias Contemporâneas*

Após a curva que sucedia a bifurcação, o farol de Olinda logo despontou no horizonte. Fui atraída por seu comprido e listrado corpo e busquei me aproximar de sua base. Depois de alguns becos, crianças empinando pipas e um varal ao ar livre (Figura 21), cheguei ao farol, localizado no alto do Morro do Serapião (Figura 22). O local era arejado e tinha ampla vista da parte mais baixa da cidade. Ninguém passava, então fiz uma pequena pausa para respirar, puxando um pouco a máscara.

Figura 20 – Varal ao ar livre.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 21 – Captura de tela de vídeo do percurso, no momento da chegada ao farol.



Fonte: Acervo pessoal.

Até então, não havia cruzado com muitos passantes. Em contrapartida, na descida do farol, por dentro do bairro, encontrei várias pessoas aglomeradas na rua, a maior parte delas não usava máscara. No confronto com aquela cena, um estado de vigilância e desnorreamento dominou meu corpo e foi responsável pela definição do percurso. O objetivo passou a ser evitar as ruas em que as pessoas se encontravam, numa espécie de escape. Meu corpo havia entrado em estado de fuga. Desse ponto pra frente, a caminhada acelerou. Atraí alguns olhares, suponho que por ser um elemento estranho, uma das poucas figuras mascaradas que ali transitavam. Apressada, não gravei áudios nem tirei fotos no trecho.

Saindo do bairro do Amaro Branco, beirei o Bairro Novo, por ruas mais largas e vazias. Ali, poucos elementos interagiram com meu trajeto, o que me fez redirecionar a rota. Atravessei uma avenida que dava no bairro dos Bultrins, mas já estava cansada do percurso e decidi voltar para minha base de apoio. O relato abaixo foi escrito no dia 15 de julho entre 1h30 e 4h30, e representa os acontecimentos posteriores à decisão de voltar pra casa⁴⁸. O texto corresponde a trechos durante os quais nenhuma foto foi capturada – para a construção do relato, tive o suporte de imagens retiradas do *Google Street View*.

3.4.2.1 Relato extra

Recuperei uma memória que eu não sabia que tinha. Preciso começar pelo fim, parte latejante. Já tinha decidido finalizar o percurso e voltar pra casa. Cruzei a Avenida Chico Science, que bem conheço, e entrei por uma rua que entendi que, em algum momento posterior, se desenharia paralela ao meu destino final. A rua estava cheia, a despeito das recomendações de isolamento social. Cada lugar hospedava pessoas distintas, mas era comum que estivessem conversando na calçada, independente da localização. Vi, repetidas vezes, crianças e adolescentes empinando pipa. Como já estava no fim do percurso, decidi parar num mercadinho para me abastecer de mantimentos. Comprei frutas (mangas, laranjas e maçãs), batata-doce e queijo coalho. Saindo do mercadinho, continuei a caminhada rumo ao Bonsucesso, mas não via mais o mar, nem o farol. A rua virou uma ladeira e continuei subindo, imaginei que logo avistaria algum elemento familiar que me revelaria o caminho. Depois da subida, virei à esquerda, andei mais um pouco e vi duas mulheres sentadas perto de uma mureta.

⁴⁸ As imagens do relato digitalizado estão disponíveis para consulta no Apêndice B.

— Boa tarde, moça. Se eu for por aqui – aponte um caminho –, eu consigo chegar na Estrada do Bonsucesso?

O curioso é que, nesses lugares, em que a maioria das pessoas estavam sem máscara, me senti quase ofensiva ao usar a máscara, como se eu estivesse contrariando o comportamento padrão do lugar. Uma coisa que me deixou mais leve, metaforicamente, foram as sacolas do mercado. Segurando as sacolas eu passava a mensagem de que estava indo pra casa, minha caminhada tinha um propósito fácil de interpretar e, embora eu fosse um ser atípico naquelas ruas, era perceptível que eu estava ali só de passagem.

— Você tem que ir ali reto, pode ir e você vai perguntando. Você quer ir pra onde? Pra a sede do Homem da Meia-noite, é?

— É, pode ser.

— Pronto, por aí num vai não, você vai por ali e vai perguntando.

Com os sobes, desces e curvas, eu não sabia bem o que viria depois de “por ali”, mas continuei seguindo. Andei mais um pouco e vi uma igreja branca, emoldurada pelo verde de algumas árvores. Achei a cena belíssima, mas a visão só me confirmou que eu não fazia ideia do que fazer depois dali. A igreja me atraiu, segui em direção a ela, até que vi um grupo de crianças à minha direita. Senti os olhinhos me acompanhando.

— É maçã, é, tia? Ele disse que gosta de maçã.

— É, é maçã - respondi sem parar, tentando me manter uma presença discreta.

Não queria demonstrar que estava perdida. Além das crianças, localizei um homem sentado numa calçada próxima, ouvindo o rádio. Perto da igreja, dois rapazes conversavam. Olhei, mas não vi de imediato uma saída e decidi voltar (Figura 23).

Figura 22 – Praça, quadra de futebol e convento.



Fonte: *Google Street View*, com edição da autora.

As crianças notaram minha reaproximação, eram todos meninos. O que tinha falado comigo logo retomou a comunicação:

— Olha, tia, ele tá pedindo uma maçã – disse, apontando para um amigo.

— Quer? Toma aqui uma maçã. Mas tem que lavar, tá? – respondi, no intuito de ser prática e seguir meu caminho, antes que escurecesse.

Prontamente, todas as crianças correram até mim, algumas disseram que preferiam as laranjas (a essa altura já tinham decifrado todo o conteúdo das minhas sacolas, mesmo sendo sacolas escuras) – de repente virei a “tia das frutas” – até que restou apenas uma maçã. Reforcei às crianças a necessidade de lavar as frutas, e todas correram juntas rumo à nova missão. Olhei para a direita e vi uma mulher entrando em casa, um pouco mais abaixo de onde eu estava (Figura 24). Agilizei o passo pra abordá-la, antes de seu sumiço, e perguntei como eu fazia pra chegar na Estrada do Bonsucesso. A mulher me disse pra seguir em frente toda vida. Mesmo com a ajuda, eu não estava muito certa de que rua ela considerava em frente àquela, já que logo acima de nós estava a praça. Mal terminei de receber as instruções, ouvi a voz de um homem:

— Tem uma aí pra a buchudinha, não?

Sem entender, olhei para o homem e logo surgiu uma mulher grávida atrás dele. Automaticamente, peguei a última maçã do saco e ofereci para a mulher, que aceitou.

Figura 23 – Locais de interação com os moradores.



Fonte: *Google Street View*, com edição da autora.

O homem esclareceu que, na verdade, ela queria uma máscara de proteção, como a que eu usava no rosto, mas acabou ficando com a maçã de toda maneira. Olhei de volta para a praça e todas as crianças já tinham evaporado, só me restou recorrer ao homem do rádio (Figura 25).

Figura 24 – Local de interação com os moradores.



Fonte: *Google Street View*, com edição da autora.

— Você vai descer por aqui, tá vendo? Aí pode seguir, vai dar ali perto da sede do Homem da Meia-noite. É um “S” que você vai fazer (desenhou com a mão o “S”, indicando as curvas do mapa).

Confiei e desci o beco estreito que ele me indicou, até chegar a uma rua um pouco mais larga, onde vi um senhor cuidando das plantas na calçada. Perguntei novamente a direção e ele me confirmou. Segui em frente, até que as ruas se alargaram e, enfim, avistei a entrada da

Estrada do Bonsucesso. De volta à minha base, larguei o que restou das compras em um lugar seguro e peguei o celular para sinalizar meu retorno a Gabriel, que acompanhava meu percurso pelo computador. Foi quando descobri que a parte mais significativa do trajeto não havia sido registrada digitalmente, fiquei sem sinal desde o mercadinho (Figura 26). Achei simbólico, como se aquele trecho fosse moldado para residir apenas na minha memória, minha única fonte para posteriores análises.

Figura 25 – Captura de tela do vídeo do percurso, no momento em que o sinal travou.



Fonte: Acervo pessoal.

Tomei banho assim que cheguei e descí para contar minha experiência a Julia. Julia mora aqui desde criança, conhece várias ruas que não conheço e tem memórias antigas aqui. Conteí para ela que queria ir até Amaro Branco, resgatando o percurso que fazia ao voltar da escola, e que busquei transitar por ruas desconhecidas, sem a certeza de como chegaria lá, nem do que faria depois. relatei brevemente os pontos e bairros pelos quais passei e pulei logo para a parte mais interessante da história. Para minha surpresa, antes que eu terminasse, Julia falou:

- Aah, tu foi no Monte! A gente ia pra lá todo ano com a escola, no Dia das Crianças. Tu num lembra não?
- Eu ia também? Não lembro!
- Ia sim, todo ano! A gente ia empinar pipa.

Julia me disse que já tinha ido outras vezes ao Monte, com a mãe e a avó. Que era um passeio que ela gostava muito quando criança, e que as freiras do convento faziam um biscoito bem fininho, daqueles que vendem em restaurante. Disse que, para ela, aquilo era muito mágico, porque tinha uma janelinha de onde as freiras entregavam os biscoitos, depois que recebiam o dinheiro. A cada informação que ela adicionava, o Monte ia ganhando mais vida na minha memória.

3.4.3 Análises

O percurso no perímetro urbano durou cerca de duas horas e vinte minutos e as implicações da pandemia interferiram consideravelmente no piloto, em especial no que diz respeito às formas de registro. Durante a trajetória no sítio histórico, que configura a primeira caminhada no período pandêmico, evitei manipular quaisquer superfícies, de forma que o *smartphone* foi acessado apenas em momentos de relevância. Dito isso, no decorrer do piloto não foi gravado nenhum arquivo de áudio, de forma que todos os registros foram realizados a partir de fotografias.

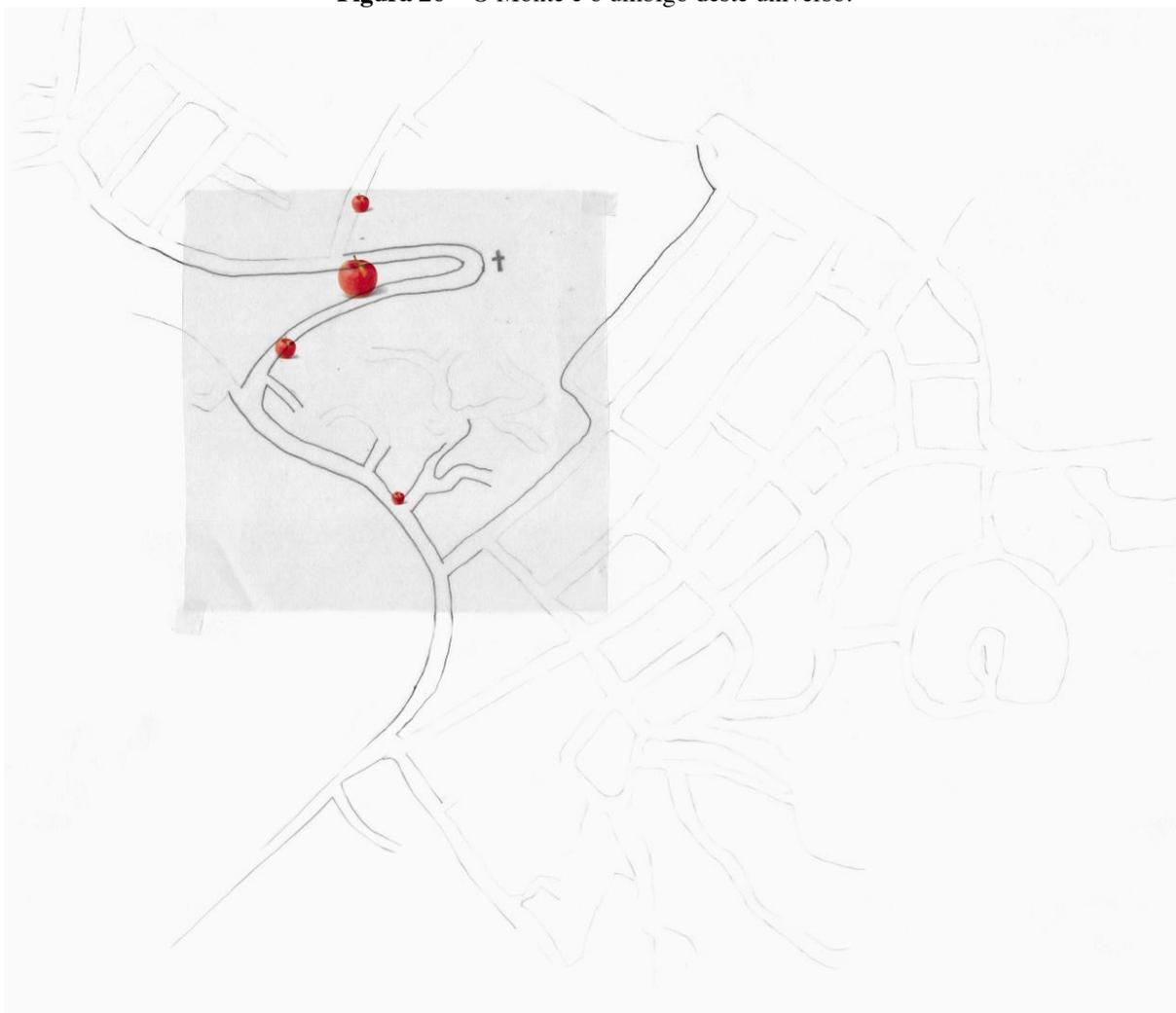
A experiência de entrar em estado de deriva na cidade alta de Olinda, área que sempre frequentei com propósitos e roteiros bem definidos, possibilitou uma alteração de perspectiva nos modos de apreensão espacial costumeiros. Os instantes vivenciados no Monte são os de maior destaque para este piloto. Na ocasião, atingi um completo estado de desterritorialização, o que impactou a forma como absorvi o espaço. Além da sensação de tensão, ocasionada pela desorientação, a interação com os moradores da área teve forte influência na maneira como a vivência foi inscrita em meu corpo. Em anotação escrita três dias após o piloto, comento a respeito dos efeitos da prática:

Daqui eu olho pro Monte como um velho amigo, um local da minha infância, mesmo sem lembrar de ter estado lá em outras ocasiões. Lembro das crianças e do convento, imagino o formato dos biscoitinhos nas manhãs de sol com pipas ao vento. Quando cheguei e olhei o mapa na internet, entendi o “S” e o caminho. É como se minha experiência se dividisse em duas: a que vivi e todas as sensações que senti naquela hora e a que se desenhou na minha memória com o acréscimo das lembranças de Julia e o alívio de um corpo na segurança do lar. (AMARAL, 2020, n.p.)⁴⁹

⁴⁹ Trecho de anotação escrita pós-experimento, no dia 17 de Julho. Anotação disponível para consulta no Apêndice J.

Michel de Certeau escreve a respeito dos praticantes ordinários da cidade, que vivem na “parte de baixo” da cidade, isto é, se entrelaçam ao corpo urbano, entrecruzando-se e integrando o texto urbano. De acordo com o autor, aquele que vê a cidade do alto, em oposição ao praticante ordinário da cidade, tem acesso apenas a um olhar totalizador do espaço. Após o confronto com a cartografia do Monte, através de uma análise da vista superior dos mapas tradicionais, me senti inclinada a produzir um registro cartográfico a partir da prática que vivi no espaço (Figura 27).

Figura 26 – O Monte é o umbigo deste universo.



Fonte: Elaborado pela autora.

3.5 CONSIDERAÇÕES

É notável o contraste entre os documentos gerados durante o primeiro e o segundo piloto. No decorrer do primeiro piloto, foi possível gravar vários pequenos áudios, registrados com

precisão de horários. Isso se deve ao fato de, na ocasião, haver um grande fluxo de pessoas transitando no mesmo espaço, além de o contato com superfícies ainda não representar perigo. No segundo piloto, os movimentos tinham sido limitados e os caminhos foram traçados quase ininterruptamente, com pouquíssimas pausas para a tomada de notas. Os últimos relatos foram construídos através das lembranças do percurso após sua realização, já sob os efeitos do conforto do lar.

Os quatro meses de sedentarismo influenciaram diretamente minha disposição de caminhar na rua. O isolamento social também implicou em limitações, revelando a presença de um novo elemento: o medo de adoecer e, conseqüentemente, morrer. A presença de outras pessoas na rua, que anteriormente representava segurança, fora traduzida em ameaça. Era necessário evitar qualquer interação humana. Com a pandemia, também surgiram limitações estruturais: não era adequado parar para ir ao banheiro, comer ou beber água. Do mesmo modo, não era indicado pedir informações. As dinâmicas haviam mudado.

À máscara era entregue a missão de me salvar de uma possível contaminação. A máscara me camuflou e me permitiu transitar no novo mundo, a máscara me defendeu do novo mundo. A máscara era meu disfarce e minha armadura. Barreira que me travava o ar, enquanto me autorizava a permanecer respirando. Quem caminhava sobre o Monte não era eu, era uma mulher anônima e mascarada voltando das compras. Suspeito que, caso me vissem outra vez, as crianças, a mulher grávida e o homem do rádio jamais me reconheceriam. Em certa entrevista, o cantor Ney Matogrosso relatou que sentia vergonha do próprio corpo, até que, em determinada ocasião, cobriu o rosto com uma máscara, criando uma coragem que antes não sabia existir. Sentia-se livre, já que não era ele que “poderia perder a privacidade. Era um ser que estava oculto, guardado dentro dele e que se apresentou⁵⁰”.

Durante o segundo piloto, identifiquei que as pessoas pareciam estar num processo de gradual perda do medo. Nada se comparava à atmosfera fúnebre que prevaleceu no mês de março. O que era bastante perigoso, já que o vírus permanecia circulando pela cidade.

O desvelamento de memória que me ocorreu com a realização do segundo piloto é algo que nunca tinha experienciado. A perda da noção de espaço oportunizou o acesso a cenas de minha própria existência. A passagem pelo Monte me inseriu uma adrenalina que ofuscou o resto da trajetória daquele dia. Entendi que caminhar naquele fragmento de Olinda era caminhar sobre e dentro de afetos e memórias, mesmo as que eu ainda não conhecia.

⁵⁰ Entrevista concedida à revista Trip. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bZ81SBH72yE>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

4 EXPERIMENTOS

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo estão explicitados os métodos, relatos e análises relativos aos experimentos de deriva praticados no período pandêmico, no intervalo de uma semana (duração da residência no bairro do Bonsucesso, em Olinda). Os parâmetros de aplicação das práticas foram selecionados de acordo com as contribuições advindas da realização dos pilotos detalhados no capítulo anterior. O mapeamento por georreferenciamento, através do aplicativo *Strava*, permaneceu sendo utilizado para o registro dos mapas. Devido à ausência de movimentação nas ruas decorrente das restrições exigidas pelo cenário de pandemia, o período noturno foi considerado impróprio para as experimentações. Constatado esse fato, as caminhadas foram limitadas aos períodos da manhã e da tarde, quando haveria a presença de mais pessoas no meio urbano, além da incidência do sol atuando como reforço à segurança. O *smartphone* foi mantido como artefato concentrador de todas as documentações no decurso dos trajetos. Imagens, vídeos, áudios e mapeamentos de percurso foram todos agrupados no mesmo dispositivo.

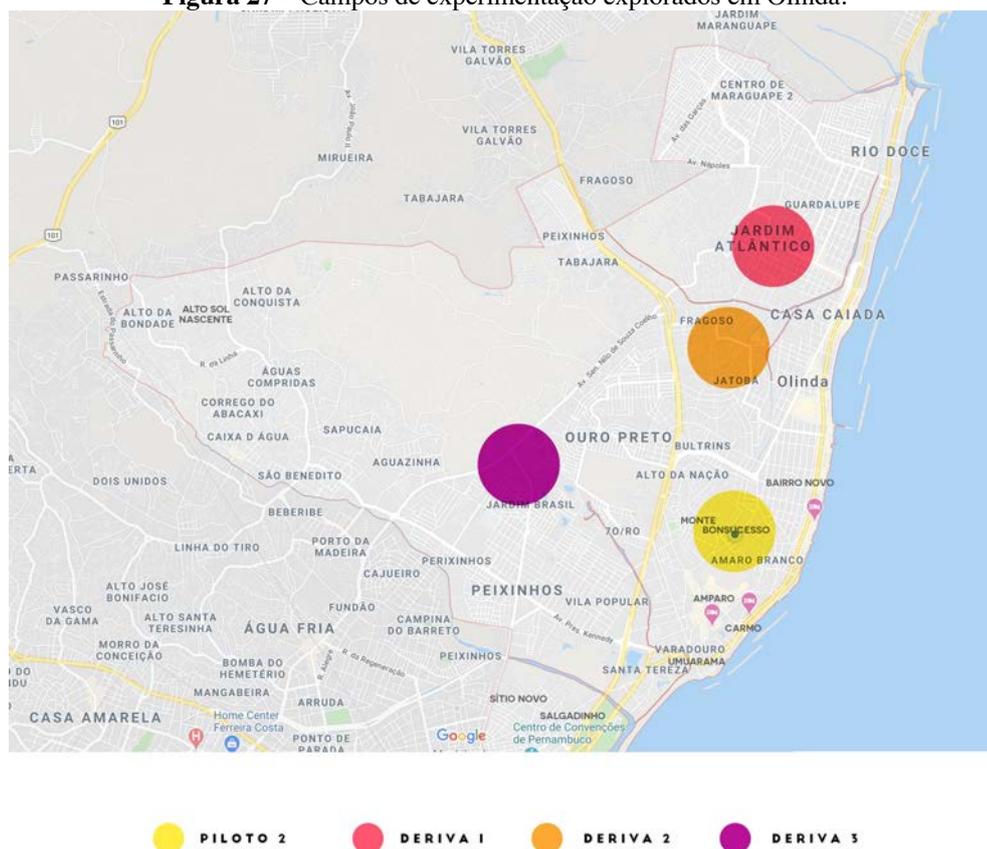
Os pilotos realizados individualmente lançaram luz sobre a importância de derivar em grupo. Os percursos solitários são, por si só, aventuras que possibilitam numerosos desdobramentos. Em contrapartida, os relatos e discussões derivados de tais experimentações se restringem à análise, repertório e memórias de apenas um indivíduo. Derivar com o outro proporciona a identificação de eventuais similaridades afetivas na apreensão do espaço urbano, tais como sensações de atração ou estranhamento diante de determinados elementos revelados pelos trajetos. Além disso, é igualmente enriquecedor o reconhecimento de discordâncias e contrastes interpretativos viabilizados pelas experimentações em pequenos grupos.

A escolha pelos participantes foi decorrente, além da relação afetiva, da necessidade de limitar a proximidade física a pessoas do próprio convívio. A questão de gênero foi também considerada nesse momento, tendo em vista que esta poderia influenciar diretamente os modos de apreensão de espaço. Dessa forma, os experimentos em dupla foram realizados na companhia de uma participante do gênero feminino e um participante do gênero masculino. Também devido à situação pandêmica, estruturas de apoio que possibilitassem paradas para ir ao banheiro, tomar água, ou descansar eram limitadas, de maneira que o tempo de duração dos experimentos não foi previamente definido. O término seria determinado pela capacidade de resistência dos corpos em campo.

Em decorrência das limitações pandêmicas, bem como para operar em caráter qualitativo com investigações comparativas detalhadas, as aplicações foram restritas a três experimentos de deriva. O primeiro experimento foi realizado individualmente, com início no bairro de Jardim Atlântico, onde pulsam minhas memórias afetivas. No segundo experimento, tive a companhia da pesquisadora-participante Julia Samico, que me abrigou durante o período das práticas. Iniciamos o trajeto a partir do Monte, local de interseção de nossas histórias que rendeu expressivas análises após a execução do segundo piloto. O terceiro e último experimento ocorreu a partir do bairro do Varadouro, onde encontrei Gabriel Nascimento, meu companheiro, e de lá partimos para o bairro de Peixinhos.

A escolha pelos pontos de partida do primeiro e segundo experimento se deu a partir dos locais onde reconheci a existência de cargas afetivas. No entanto, após análise da vista superior do mapa de Olinda, me incomodei com o fato de a maioria de minhas rotas se concentrarem nas proximidades do litoral, de modo que desconheço quase inteiramente a parte esquerda da cidade. Por essa razão, priorizei durante o terceiro experimento me distanciar o quanto possível do litoral (Figura 28).

Figura 27 – Campos de experimentação explorados em Olinda.



Fonte: Google Maps, editado pela autora.

Concluindo o capítulo, exponho minhas considerações acerca dos experimentos, apresentando comparações e mencionando questões que despontaram no decorrer das apurações em campo.

4.2 DERIVA 1 – O PARQUE PRIMAVERA É LUGAR IMANTADO

O que precisa nascer
 Tem sua raiz em chão de casa velha
 À sua necessidade o piso cede
 Estalam rachaduras nas paredes
 Os caixões de janela se desprendem
 O que precisa nascer
 Aparece no sonho buscando frinchas no teto
 Réstias de luz e ar
 Sei muito bem do que este sonho fala
 E a quem pode me dar
 Peço coragem

Adélia Prado⁵¹

4.2.1 Procedimentos

A primeira prática de deriva ocorreu em 15 de julho, no dia subsequente à realização do segundo piloto, dando continuidade ao período de experimentos no cenário pandêmico. Mantendo o critério de selecionar os pontos iniciais a partir de lugares de memória afetiva, defini o bairro de Jardim Atlântico, onde resido há cerca de vinte anos, como campo de experimentação. Como efeito da decisão, e para otimizar o deslocamento entre os bairros de Bonsucesso e Jardim Atlântico, optei por executar um trecho do percurso de ônibus. Na intenção de intensificar a prevenção contra o novo coronavírus, anexe ao meu corpo um novo item de segurança: luvas descartáveis. Era minha estreia em um veículo de uso coletivo desde o início da pandemia e as luvas seriam, além de um item de proteção no contato com as barras de apoio do ônibus, um lembrete para não levar as mãos ao rosto.

O envio de dados para Gabriel através da localização em tempo real no *Whatsapp* foi legitimado durante o segundo piloto como um artifício eficaz, tanto por ter reforçado a segurança, quanto por ter enriquecido os documentos de percurso, de modo que mantive esse recurso nos experimentos. Antes de sair, me certifiquei de resgatar o pacote de dados móveis

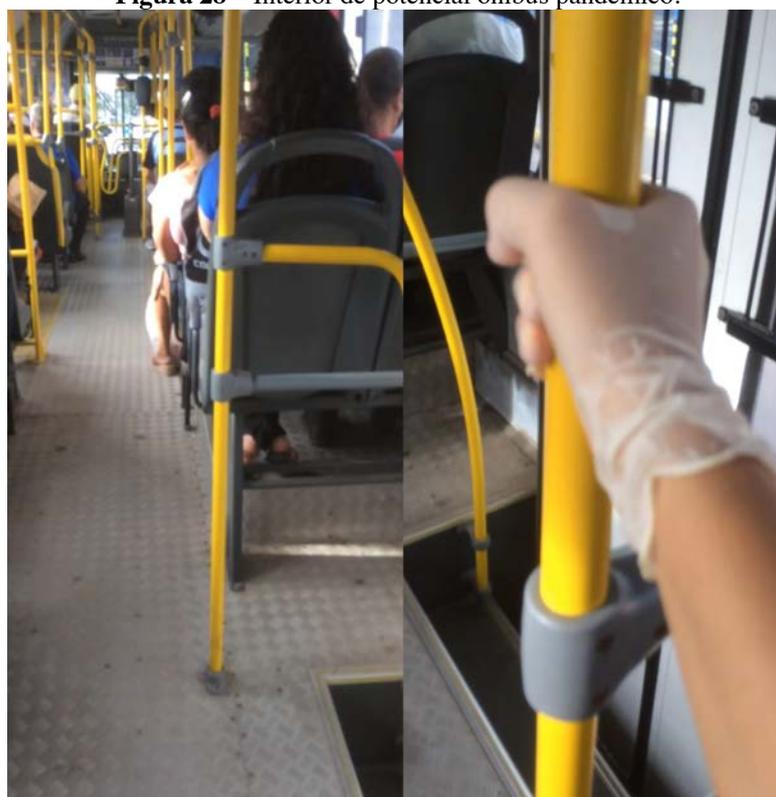
⁵¹ *Alvará de demolição*, poema de Adélia Prado. In: PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

do celular, para tornar possível o livre acesso à internet, fator primordial para a segurança durante os trajetos. Em decorrência da logística requerida pelos ajustes finais, a deriva, que havia sido inicialmente programada para ocorrer durante o período diurno, foi deslocada para o turno da tarde.

4.2.2 Relato de experiência

Após o rearranjo dos processos, ativei o mapeamento por georreferenciamento do aplicativo *Strava* e parti caminhando até a parada de ônibus sentido Jardim Atlântico, às 14h55min. Cerca de cinco minutos após a chegada ao ponto, o ônibus *Conjunto Beira Mar/Derby* se aproximou relativamente vazio, com alguns bancos ocupados e o corredor livre (Figura 29). Me dirigi ao final do corredor, de modo a encarar as costas dos demais passageiros e dificultando, assim, qualquer manobra do vírus em minha direção através de tosses ou espirros. Apesar de alguns assentos estarem disponíveis, não me atrevi a sentar.

Figura 28 – Interior de potencial ônibus pandêmico.



Fonte: Acervo pessoal.

O desembarque ocorreu na Praça Pedro Jorge, que demarca o início da Avenida Fagundes Varela, rua onde moro e também uma das mais compridas do bairro. Com as mãos suadas,

descartei as luvas na lixeira mais próxima, higienizando em seguida as mãos com o álcool que carregava no bolso. Nesse meio tempo, revisei mentalmente possíveis caminhos que tinha interesse em investigar durante o experimento de deriva. Desautomatizar o percurso num entorno familiar exigiu certo esforço, visto que minhas rotas no bairro sempre foram muito bem definidas, com poucas variações. Transito costumeiramente de casa para a parada de ônibus, de casa para o mercado, de casa para pequenas lojas. Sempre com objetivos funcionais pré-estabelecidos. Como argumenta Debord, a prática de deriva é uma estratégia para atingir o rompimento desse aprisionamento a percursos automatizados.

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar. (DEBORD, 1958)⁵²

Ao entrar na avenida, avistei, de imediato, o Canal do Fragoso (Figura 30), o qual sempre mirei a partir de sua interseção com a Avenida Fagundes Varela. Na intenção de evitar os caminhos mais largos e já conhecidos, optei por percorrer as margens do canal (Figura 31), que na ocasião passava por obras.

Figura 29 – Captura de tela do vídeo do percurso, margeando o Canal do Fragoso.



Fonte: Arquivo pessoal, editado pela autora.

⁵² Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>>. Acesso em: 6 ago 2020.

Figura 30 – Registros fotográficos do Canal do Fragoso.



Fonte: Acervo pessoal.

A imersão em rotas não percorridas de zonas familiares havia, desde o segundo experimento-piloto, definido um padrão de investigação das práticas. Sem que essa fosse a intenção primária da pesquisa, vagarosamente, me entranhei numa busca pelo inquietante, margeando o familiar e escolhendo transitar em vias de escapamento do habitual.

Descobrir o que emoldura locais já percorridos, as vistas laterais, traseiras ou superiores desses locais, caminhar nas ruas à procura das conexões com pontos já conhecidos; esse compilado de ações levou à revelação de elementos responsáveis pela intensificação de aspectos afetivos ao longo dos experimentos. Como nos lembra Jacques (2008), o momento de maior interesse do errante é o do “desterritorializar” (ou do “se perder”), quando o mesmo apreende lentamente o espaço, independentemente da velocidade com a qual se locomove. A prática da errância é tida, então, como um estado de espírito provocado voluntária e conscientemente pelo errante.

Em determinado trecho, placas de bloqueio impediram a continuidade do percurso pelas beiradas do canal (Figura 32), indicando um desvio que sugeria a rota mais adequada para os pedestres.

Figura 31 – Confronto com placas de bloqueio.



Fonte: Acervo pessoal.

O ímpeto inicial era de contrariar a mensagem e seguir rumo ao sentido proibido, porém, com a aproximação, identifiquei que o caminho por trás da placa era de difícil acesso, lamacento e com alguma vegetação. Além de esses elementos dificultarem fisicamente a ação de caminhar, reconheci, na junção dos elementos do entorno com o aviso de proibição, o surgimento de uma *ambiência insegura*. O encontro com áreas verdes desperta reações afetivo-corporais distintas, a depender tanto da densidade e altura da vegetação, quanto dos elementos que lhes circundam. Ambiências bucólicas são capazes de tornar o percurso agradável, ou perigoso – a presença de árvores espaçadas, flores e jardins embelezam o ambiente, enquanto determinadas passagens de vegetação mais densa que provocam sombras representam esconderijos passíveis de acobertar hipotéticos inimigos. O confronto com essa ambiência foi responsável pela instantânea ativação de um estado corporal vigilante, e o instinto de proteção se sobrepôs ao desejo de desconsiderar o conselho das placas.

Ao optar por transitar preferencialmente em ruas desconhecidas, experimentei passagens por trechos urbanos de uso prioritariamente residencial. Contudo, o experimento avançou sem nenhum outro elemento que definisse previamente o sentido do percurso, de forma que segui caminhando até que fatores externos ativassem a escolha por outras direções. Era recorrente que o encontro com o outro fosse responsável pela mudança de sentido nas rotas: o encontro com homens rapidamente aguçava um estado de alerta e, nesses instantes, era comum que eu evitasse os trechos de interseção com os indivíduos identificados. Cavalos, pombos, gatos e cachorros eram passantes constantes ao longo das ruas e o cruzamento com esses seres conferia ao experimento certa ludicidade. Nesses momentos, mentalizei a situação da pandemia e senti certo conforto ao reparar que, ainda diante de mudanças catastróficas na humanidade, aqueles

animais continuavam nos mesmos lugares, executando ações corriqueiras, alheios ao caos predominante.

As configurações das casas também emergiram do corpo urbano como presenças alteradoras de sensações corporais no decorrer do experimento. A maior parte dos prédios de Jardim Atlântico são baixos, com até seis andares, e as fachadas têm um recuo pequeno com relação à calçada, por onde passam os pedestres. Caminhar ao longo de várias janelas paralelas aguçou uma percepção diferente do espaço, provocando uma sensação de estar sendo observada: era possível que, em alguma daquelas janelas, se camuflasse alguém a vigiar meu percurso. É provável que esse sentimento tenha sido induzido pelos acontecimentos vivenciados no Monte durante o segundo piloto, precisamente na situação em que me distraí interagindo com as crianças e os silenciosos moradores dos arredores da praça rapidamente tomaram conhecimento de minhas atividades naquele espaço.

Sempre que cruzo com mulheres e crianças o percurso fica mais agradável, me sinto mais segura. Engraçado é passar por janelas; passei agora por um conjunto com várias janelas, vários prédios. Um condomínio, conjunto habitacional. Fico com a impressão de que alguém vai estar me observando. Como ontem, que a moça veio me pedir uma maçã e eu não tinha visto que ela estava ali. Acho que a qualquer momento alguém pode sair de dentro do prédio e falar comigo. O que não é, necessariamente, um problema, mas pode ser uma surpresa. (AMARAL, 2020, n. p.)⁵³

Casas abandonadas e terrenos baldios, assim como esquinas com acúmulo de lixo, emergiam assiduamente no entorno. A confluência com essa sorte de elementos que atuam como rastros de atividade humana contribuiu para a definição do que posteriormente defini como *ambiências conjecturais*. Nessas ocasiões, o confronto com determinados objetos e aspectos arquitetônicos apontam possibilidades de narrativas para os cenários a eles correlatos sem a presença de conclusões, apenas conjecturas. Pedacos de um todo que são, por si só, parte completa. São fragmentos de tempo-espaço que afetam diretamente a maneira como o ambiente urbano é apreendido pelo corpo do praticante. O despertar desses microacontecimentos evidencia que cada parte, do caminho, é um caminho inteiro e até mesmo os menores fatores podem ser responsáveis pela ativação de novas camadas corpográficas.

Em certo trecho, capturei imagens de elementos que ilustram algumas das ambiências conjecturais encontradas. Pés de sapatos que não formam um par, paralelamente posicionados – Por quem? Em que contexto? Quem sentava naquela cadeira de balanço com o material corroído, posicionada em espaço público ao lado de um banco de concreto? A mesma pessoa,

⁵³ Trecho dos áudios gravados durante o percurso. Para acesso às áudio-transcrições completas, ver Apêndice C.

todos os dias, no mesmo horário? Várias pessoas, em dias e horários alternados? Moram na casa do outro lado da rua, ou chegavam ali ocasionalmente? A cadeira era reposicionada, ou permanecia cativa? (Figura 33) Esses componentes inusitados operavam como um chamado para a desaceleração da passada, incitando a investigação das diversas pequenas aparições de vestígios de um espaço vivido. O que me levou a concluir que o momento da pausa é parte fundamental do processo de errância.

Figura 32 – Elementos ativadores de ambiências conjecturais.



Fonte: Acervo pessoal.

Uma das configurações de artefatos mais intrigantes com as quais me confrontei, durante o experimento, foi um amontoado de objetos espalhados pelo chão de terra batida (Figura 34). Artefatos de plástico, como cabides e brinquedos infantis, sobrepunham-se a rolhas de vinho, uma garrafa de vodka, peças de roupa íntima e uma caixa de Ivermectina⁵⁴. O contraste entre as diversas rolhas de vinho, peças de dominó e garrafa de vodka, elementos lúdicos característicos de períodos de celebração, entravam em conflito com a realidade desesperadora do momento, representada pela embalagem do medicamento e a própria ausência de pessoas nos arredores da cena.

⁵⁴ A Ivermectina é um remédio utilizado contra verminoses e parasitas que em 2020 foi divulgado por alguns canais e personalidades como sendo eficiente na prevenção à COVID-19. No entanto, até o momento não há comprovação científica de que o medicamento seja eficaz no tratamento contra o novo coronavírus. Após a divulgação do medicamento (estimulada pelo atual presidente) as buscas pela Ivermectina na internet dispararam. “Em algumas farmácias, ele sumiu das prateleiras. E as fabricantes reforçaram a produção para dar conta da demanda”. Informações disponíveis em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/07/22/ivermectina-o-que-a-ciencia-diz-sobre-a-nova-cloroquina.html>>. Acesso em: 11 out. 2020.

injetados pelas narrações de memória de minha mãe me atraíram a examinar o local (Figura 35).

Figura 34 – Captura de tela do vídeo do percurso, no momento da chegada ao Parque Primavera.



Fonte: Acervo pessoal, editado pela autora.

Diferentemente das recordações de minha memória infantil, o Primavera é um aglomerado de nove prédios em estado de abandono, prédios em ruínas, atualmente subutilizados. O entorno tem grande parte encoberta por vegetação, lixo e esqueletos de carros, além de ser foco de dengue por estar rodeado de pequenas concentrações de água parada⁵⁵.

Cheguei a alcançar a esquina dos primeiros prédios do habitacional, onde visualizei algo como uma guarita (Figura 36). Prossegui a caminhada no intuito de identificar algum indício do exato prédio no qual morei, cujo nome descobri mais tarde: Violeta. Contudo, entre mim e o resto do caminho, havia uma pessoa. Recebi os olhares daquele homem, parado sem camisa em frente a uma das casas da rua. A figura daquele corpo masculino era como a materialização de mais uma placa de bloqueio que, somada à precaução herdada, foi motivo suficiente para empatar a passagem. Invariavelmente, a detecção de figuras masculinas em ruas despovoadas me inibia a fluidez da passada, operando como um imã de polaridade magnética oposta. Novamente, o medo ativado pelo encontro com o outro foi um fator limitante e definidor de experiência, capaz de interferir mesmo nas rotas que tinha entusiasmo em dar continuidade.

⁵⁵ No Apêndice E estão reunidas notícias de jornal de diferentes épocas, referentes à situação do conjunto habitacional Parque Primavera.

Figura 35 – Uma das esquinas do Parque Primavera.

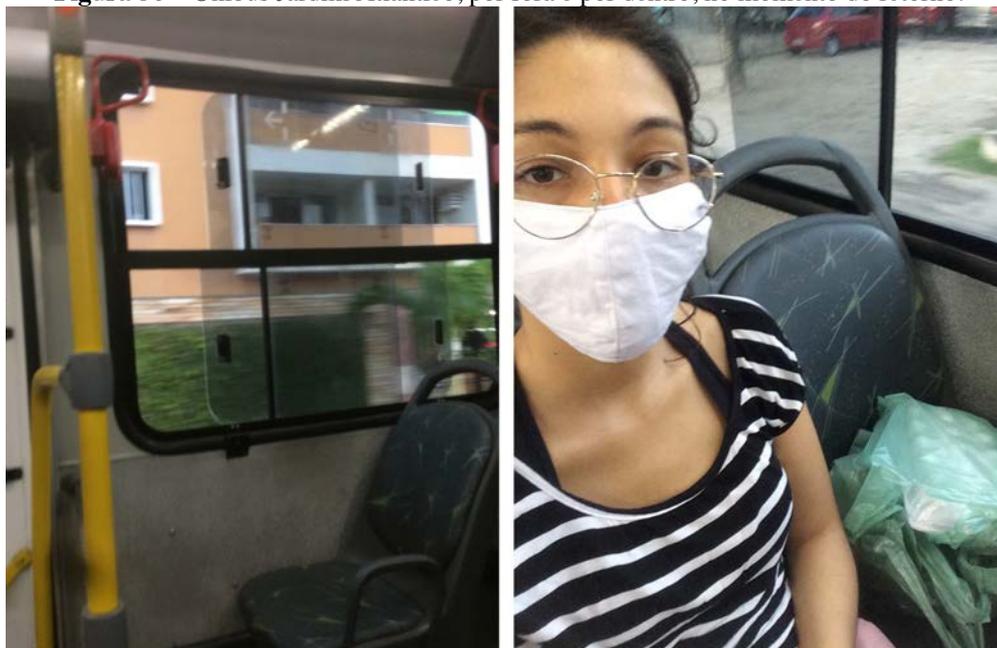


Fonte: Acervo pessoal.

Saindo do Primavera, continuei o percurso me aproximando da extremidade da avenida oposta à que desembarquei no início do experimento. Lembrei-me, então, que o bairro tem uma parte mais elevada, onde está localizado o terminal do ônibus Jardim Atlântico. Interessada em conhecer a vista do alto, direcionei o percurso para aquela região. Na tentativa de aplicar ao experimento aspectos lúdicos, como propunham os situacionistas, passei a “caçar” placas que indicassem pontos de parada de ônibus. Sabia que o terminal de Jardim Atlântico ficava localizado no alto, mas tinha ido até lá raras vezes, nenhuma caminhando. Pouco depois da saída da avenida, um ônibus se aproximou, confirmando que a caminhada estava direcionada para o sentido certo. Após alguns minutos, avistei novas placas indicativas das paradas e prossegui.

Chegando num trecho mais plano da via, reconheci o terminal de Jardim Atlântico e fiz uma breve caminhada nos arredores, onde encontrei ruas curtas e cheias de pequenas casas. No entanto, já sentia vontade de ir ao banheiro e, calculando que levaria de vinte a trinta minutos para chegar em casa, optei por retornar ao terminal e finalizar o trajeto. Identifiquei um mercadinho pequeno próximo ao terminal e aproveitei a ocasião para comprar mais mantimentos. Já dentro do ônibus, cansada da caminhada e cheia de sacolas, abandonei os cuidados que tive na ida: arremessei as compras no banco do ônibus e me sentei ao lado delas, “segurando a bexiga” (Figura 37).

Figura 36 – Ônibus Jardim Atlântico, por fora e por dentro, no momento do retorno.



Fonte: Acervo pessoal.

4.2.3 Análises

No decorrer do experimento, observei que a máscara de tecido grosso (composta por duas camadas de pano e um filtro de papel) dificultou a respiração mais intensamente que a máscara descartável utilizada no dia anterior, mais adequada para caminhadas. O percurso completo, contabilizado a partir do bairro do Bonsucesso, teve a duração de duas horas e quarenta minutos, dentro dos quais foram percorridos 17,16 km (incluindo a extensão atravessada dentro do ônibus)⁵⁶.

O despertar para as ambiências conjecturais foi um fenômeno novo, que não havia sido levantado durante os experimentos-piloto. A artista visual e jornalista Viviane Gueller disserta a respeito desses desvios de olhar para fragmentos do cotidiano, entendendo a importância de identificar a estranheza contida no que é familiar.

Ainda que minha produção esteja impregnada pelo tema do cotidiano, sua questão parece sempre se articular naquilo que das situações familiares subjaz de estranheza. Se as situações captadas se dão no cotidiano, no próprio espaço por onde me desloco, entre afazeres pessoais e profissionais, para Certeau a cultura ordinária é antes de tudo uma ciência prática do singular. (GUELLER, 2016, p. 4)

A artista reforça que a atenção aos microacontecimentos cotidianos é mobilizada pela definição de Certeau, quando o autor “propõe uma análise combinatória sutil, ‘de tipos de

⁵⁶ Informações providenciadas pelo aplicativo *Strava*, disponíveis para consulta no Apêndice D.

operações e de registros, que coloca em cena e em ação um fazer-com, aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares.” (CERTEAU, 2009 apud GUELLER, 2016, p. 4)

Durante a prática de deriva em Jardim Atlântico, identifiquei diversos prédios abandonados que me despertaram um desejo de aproximação. Sendo rastros de existências passadas, as ruínas refletem a ação do tempo, abrigando múltiplos lugares simultaneamente. Para o praticante da cidade que com elas se depara, é permitido presenciar o que são hoje, com a certeza de que se transformaram, já foram uma coisa outra, além do que se vê. O Parque Primavera, com seu caráter de ruína, é o que Lygia Pape classificaria como um espaço imantado, locais possuidores de diversas ligaduras, tal como teias lançadas ao infinito.

A partir de minhas andanças de carro pela cidade – porque eu ando muito de carro – fui percebendo um tipo novo de relação com o espaço urbano, assim como se eu fosse uma espécie de aranha tecendo o espaço, pois é um tal de vai daqui, cruza ali, dobra adiante, sobe e desce em viadutos, entra e sai de túneis, eu e todas as pessoas da cidade, que é como se passássemos a ter uma visão aérea da cidade e ela fosse uma imensa teia, um enorme emaranhado. E eu chamei de espaços imantados porque aquilo tudo era uma coisa viva, como se eu fosse caminhando ali dentro a puxar um fio que se trançasse e se envolvesse ao infinito. E o camelô também seria uma forma de espaço imantado, no sentido de que ele chega assim numa esquina, abre aquela malinha e começa a falar, criando de repente uma imantação, com as pessoas todas se aproximando, se ligando àquele discurso irregular, às vezes, curto, às vezes longo, e de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz. (PAPE, apud OLIVEIRA; WILKER, p. 13, 2020)

No mesmo dia, após o experimento, iniciei um processo de esquadrinha na internet em busca de informações sobre o Parque Primavera. Ter estado tão perto, mas impossibilitada de prosseguir, causou-me grande incômodo. O confronto com a esquina e a impossibilidade de desbravar o entorno me proporcionaram dias de conjecturas a respeito do que residia naquela carcaça e seus arredores. A experiência de deriva não findou com o encerramento da caminhada. O momento em que estive lado a lado com o corpo físico do habitacional, no espaço urbano, não ultrapassou dois minutos. Os percursos mentais que trilhei em casa digerindo os acontecimentos, no entanto, perduram até hoje.

A jornada até o Primavera extrapolou as fronteiras do espaço urbano e rompeu com temporalidades, me magnetizou. O parque primavera me empurra o corpo, ao passo que me suga a atenção. Arrepia, inquieta e tem meu afeto. É uma construção irresistível, que me atinge a barriga e o umbigo. Alguns dias mais tarde, já de volta ao meu costumeiro lar, em Jardim Atlântico, acessei uma caixa de fitas antigas de VHS (*Video Home System*), que sabia conter

camadas às minhas corpografias. Soube, a partir de meu irmão, que crianças costumavam pescar peixes Betta no Canal do Fragoso, na altura do Primavera. Para ele, em sua perspectiva infantil, o Violeta era o ponto que demarcava o final de Jardim Atlântico, “a última coisa”, depois da qual só se encontrava mato e barrancos. Afirmou que, num dia não distante deste em que escrevo, caminhou, também, até a beira do Primavera, mas sentiu medo de seguir adiante, quando lhe surgiu à vista o cemitério de carros.

O primeiro experimento de deriva foi relevante para a legitimação da hipótese que a experiência de apreensão espacial está em contínua construção, sendo atualizada na medida em que o espaço é praticado. Doreen Massey trata do espaço como a representação de uma multiplicidade de elementos em constante movimento, um produto de transmutações representadas por práticas e processos heterogêneos que formam, além de interconexões, não conexões.

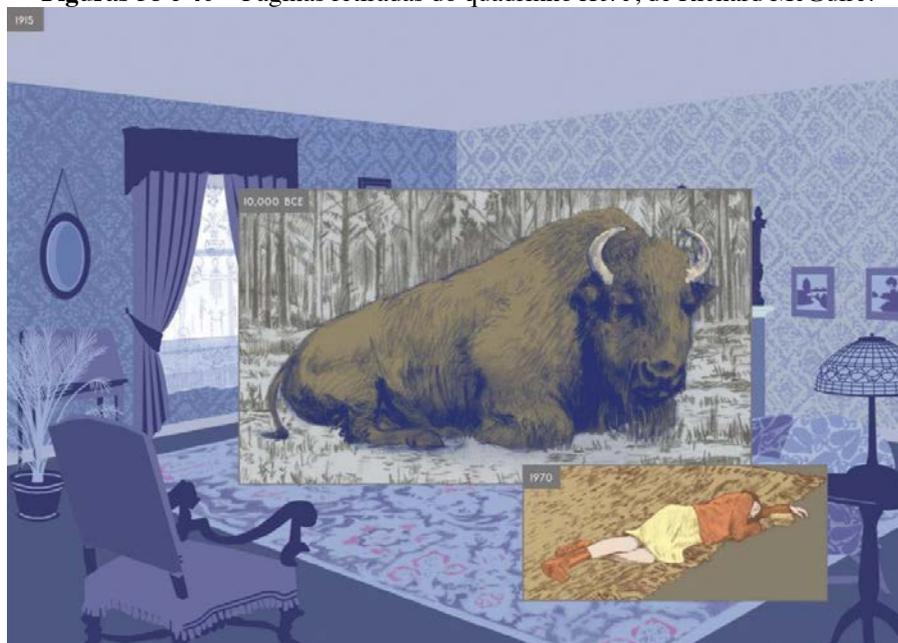
Assim, ele será sempre inacabado e aberto. Esta arena do espaço não é um terreno firme para ficar. Não é, de forma alguma, uma superfície. Trata-se do espaço como a esfera de uma simultaneidade dinâmica, constantemente desconectada por novas chegadas, constantemente esperando por ser determinada (e, portanto, sempre indeterminada) pela construção de novas relações. Está sempre sendo feito e sempre, portanto, em certo sentido, inacabado (contando que ‘acabado’ não esteja na agenda). Se, realmente, tomássemos um recorte através do tempo, seria cheio de buracos, de desconexões, de primeiros encontros provisórios malformados. (MASSEY, 2008, p. 160)

Através da experiência praticada, produzi expressões cartográficas a fim de aprimorar os registros da deriva, contribuindo com os documentos imagéticos dos percursos. O processo de identificar, relatar e cartografar afetividades é, também, um processo de memória que se transmuta numa interseção de temporalidades. Nesse sentido, a obra em quadrinhos *Here*, de Richard McGuire, reúne ilustrações que representam atividades decorridas em diferentes momentos temporais num mesmo espaço físico. São representações ilustrativas da quina de um cômodo e dos fenômenos que ali ocorreram durante milhares de anos. A história é apresentada por meio de marcos cronológicos indicados através dos anos em que as cenas aconteceram naquele mesmo recorte espacial. No entanto, nesta obra, o tempo é disposto de forma não linear, e acontecimentos que se sucederam em tempos distintos são postos em contraste a cada duas páginas do livro, revelando uma espécie de abertura de fendas temporais que o autor concede ao leitor o privilégio de presenciar.

Esse cômodo, representado por McGuire sob a ótica dos multi-acontecimentos para os quais serviu de palco, torna-se, com o percorrer das páginas, um organismo vivo em constante mutação (Figuras 39 e 40).

Em ‘Here’, McGuire introduziu uma terceira dimensão para a página plana. Ele pode abrir buracos no continuum do espaço-tempo simplesmente impondo molduras que agem como janelas transtemporais na moldura maior que representa o agora provisório.⁶⁰ (SANTE, 2015, tradução nossa)

Figuras 38 e 40 – Páginas retiradas do quadrinho *Here*, de Richard McGuire.



Fonte: Site oficial de Richard McGuire.⁶¹

⁶⁰ Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “In ‘Here’, McGuire has introduced a third dimension to the flat page. He can poke holes in the space-time continuum simply by imposing frames that act as trans-temporal windows into the larger frame that stands for the provisional now.” Luc Sante para o jornal The New York Times, disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2015/10/18/books/review/richard-mcguires-here.html>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.richard-mcguire.com/new-page-4>>. Acesso em: 12 set 2020.

O romance intitulado *A Questionable Shape*, escrito por Bennett Sims, é uma obra que se entrelaça a esta discussão. A narrativa se desenvolve a partir do desaparecimento do pai do protagonista Matt, que supostamente se transmutou em uma espécie de zumbi. A história principia com a afirmação de que os mortos-vivos tendem a retornar sempre ao familiar, vagando por locais onde costumavam transitar em sua vida anterior, como seus lares, escritórios e espaços de lazer. Para alguns críticos literários, Sims entrega, em *A Questionable Shape*, meditações filosóficas a respeito da natureza da memória e da perda. No livro, o autor cita o termo *mnemocartografia*, que seria uma fusão entre as palavras “cartografia” e “*mneme*”, de origem grega. *Mneme* é um termo relacionado à ideia de memória e, na perspectiva do autor, *mnemocartografia* é a capacidade que um “corpo reanimado” (morto-vivo) tem de retornar a locais memorizados no inconsciente.

Um homem mordido, infectado e reanimado a cinquenta milhas de casa encontrará seu caminho de volta, cambaleando sobre diversos terrenos — que, provavelmente, ele não teria reconhecido ou seria capaz de navegar em sua vida mortal — a fim de permanecer ociosamente em um gramado familiar. Ninguém sabe como eles fazem isso — seja por rastreamento, instinto ou alguma mnemocartografia latente — nem por que, mas é um fenômeno observável.⁶² (SIMS, 2013, p. 8, tradução nossa)

Na revisão dos documentos gerados pelo experimento de deriva, reconheci que o encontro (e posterior fixação) com o Parque Primavera foi a efetuação de um retorno mnemocartográfico não intencional. Isso se deve, provavelmente, pela escolha consciente de um ponto de partida diretamente conectado a memórias afetivas, decisão que propiciou a passagem por um campo de experimentação repleto de espaços imantados. Em outras palavras, empreendi, através das passagens pelo não familiar viabilizadas pela prática de deriva, um retorno ao familiar.

Na intenção de expelir e tornar visíveis as apreensões corpográficas que vivenciei no decorrer do experimento, imergi num processo criativo que culminou no que considero *representações mnemocartográficas*. A primeira imagem produzida é inspirada pela obra em quadrinhos *Here* e trata de uma foto-colagem composta por “janelas transtemporais” que revelam uma combinação de fotografias antigas produzidas por meus familiares (imagens ambientadas no edifício Violeta, no decorrer dos quatro anos em que morei lá) com um registro recente de um dos prédios do Parque Primavera, extraído do *Google Street View* (Figura 41).

⁶² Tradução livre, feita pela autora, do seguinte trecho: “A man bitten, infected, and reanimated fifty miles from home will find his way back, staggering over diverse terrain — which, probably, he wouldn’t have recognized or been able to navigate in his mortal life — in order to stand vacantly on a familiar lawn. No one knows how they do it — whether by tracking or instinct or some latent mnemocartography — nor why, but it’s an observable phenomenon.”

A segunda imagem é resultante de uma composição de *frames* resgatados das fitas VHS, nos quais minha mãe indica as rachaduras que se abriam na cozinha do nosso apartamento, no edifício Violeta. Somadas às imagens das fitas, estão registros do percurso e manchetes de jornais, sobrepostos a elementos do mapa de Jardim Atlântico (Figura 42).

Figura 39 – Sobreposição de fragmentos do conjunto habitacional Parque Primavera, por dentro e por fora, ao longo do tempo.



Fonte: Acervo pessoal, editado pela autora.

4.3 DERIVA 2 – DO MONTE AO ALTO DA MINA

4.3.1 Procedimentos

Após dois dias de pausa para descanso, produção de relatos, análises e assimilações dos registros produzidos durante os primeiros experimentos⁶⁴, foi executada a segunda prática de deriva. Os experimentos individuais haviam sido proveitosos, entretanto, ir a campo acompanhada viabilizaria uma investigação comparativa das diferentes formas de apreensão espacial vivenciadas. Diante dessa constatação e da necessidade imposta pela pandemia de agrupar o mínimo de pessoas possível, convidei Julia para participar da segunda prática. Além das razões já mencionadas, nossa relação afetiva também contribuiria com as discussões e trocas de informações durante o experimento.

Seríamos, então, duas pesquisadoras em campo, dispostas a entrar em estado de deriva. Acertamos os detalhes no dia anterior ao experimento e nos programamos para sair no dia seguinte, 18 de julho, por volta das 8h. Decidimos iniciar o percurso no Monte, assim eu poderia vivenciar uma outra maneira de apreender o mesmo espaço, desta vez de forma consciente e compartilhada. Os artefatos de apoio legitimados pelos experimentos anteriores seriam novamente aplicados à deriva em dupla. Para a produção do relato a seguir, utilizei, além dos registros em áudio e fotografias que produzi durante o experimento, comentários e imagens capturadas por Julia.

4.3.2 Relato de Experiência

Sinalizamos uma para a outra que tínhamos despertado, através do aplicativo *Whatsapp*. Achei que seria útil aconselhar a Julia a escolha por um tênis indicado para caminhadas e roupas leves, o que reforçaria o conforto e atenuaria o calor experienciado em campo. Assim como nos dois dias anteriores, o sábado amanheceu chuvoso, o que atrasou os planos de sairmos às 8h. Um pouco depois das 9h, o tempo abriu e, às 9h28, estávamos em campo. Retornamos ao Monte pelo caminho que Julia tinha como habitual. Durante a subida, reconheci o “S” que desenham as curvas do mapa (Figura 43) e tomei consciência de minha posição dentro do território,

⁶⁴ Um dos documentos anexados ao Apêndice J, que corresponde ao Foto-diário de residência, é uma anotação produzida no dia 17 de Julho, um dos dias de pausa nos experimentos. Nesta anotação, comento a respeito de sensações corporais e indagações que me ocorreram após os dois primeiros dias de caminhada.

identificando os trechos pelos quais havia passado durante a experiência piloto. Na subida, avistei um de meus informantes do percurso anterior, um senhor que cuidava das plantas na calçada (Figura 44).

Figura 41 – Captura de tela do vídeo do percurso, no momento da subida do “S”.



Fonte: Acervo pessoal, editado pela autora.

Figura 42 – Reconhecimentos e reencontros no meio do caminho.



Fonte: Acervo da autora.

Identifiquei o beco estreito pelo qual desci no experimento piloto e nos aproximamos da praça, na qual alguns homens conversavam. Reconhecemos que eram moradores da região e retornamos os cumprimentos de bom dia recebidos. Olhei calmamente para o local onde interagi com as crianças e vislumbrei a ponta do Farol ao fundo (Figura 45), além de elementos como pneus e placas coloridas, que passaram despercebidos na ocasião do segundo piloto.

Figura 43 – Local onde encontrei as crianças.



Fonte: Acervo da autora.

Vimos alguns rapazes perto da quadra de futebol, área que temi me aproximar durante o segundo piloto, quando estava desacompanhada e desorientada. Desta vez, me aproximei com a companhia de Julia e pude ver de perto a igreja, bem como detalhes de sua estrutura (Figura 46).

Figura 44 – Julia e a Igreja de Nossa Senhora do Monte.



Fonte: Acervo da autora.

Encerrada a breve parada para registros, descemos em direção à Avenida Chico Science por uma via que desconhecíamos, paralela à que eu havia parado para fazer compras durante o segundo experimento piloto. Seguiríamos em linha reta até que alcançássemos a avenida. Em determinada esquina da descida, contudo, fomos surpreendidas pela presença de três rapazes, que repararam em nossa caminhada e se dirigiram verbalmente a nós, proferindo palavras que não conseguimos identificar. A sensação de que estávamos sendo observadas nos tomou de um sentimento de insegurança, especialmente por estarmos ainda distantes da avenida, onde as ruas eram mais largas e as movimentações mais constantes. Além dessas questões, estávamos em minoria com relação ao grupo de rapazes, invadindo com nossos corpos uma área a qual não pertencíamos. Em decorrência das sensações ativadas por esse encontro, fizemos um desvio da rota para o lado esquerdo, atentas ao posicionamento dos rapazes e ansiando encontrar com outras pessoas ou elementos que garantissem que não estávamos sozinhas diante deles. Apressamos a passada, deixando-os para trás, e nos tranquilizamos ao identificarmos um mercadinho aberto à nossa esquerda, além de uma escola no fim da rua, na frente da qual havia um senhor de meia idade.

Após a descida do Monte, o percurso teve continuidade no Bairro Novo, zona de ruas largas e pouca movimentação de pessoas. Ao percorrermos o bairro, tornou-se comum que as aparições de áreas verdes (plantas, árvores, flores e jardins) nos estimulassem a fazer pequenas pausas contemplativas (Figura 47) e a mudar a direção do percurso.

Figura 45 – Pausa contemplativa em Bairro Novo.



Fonte: Acervo da autora.

Caminhamos por algumas vias do bairro, até que sentimos certa monotonia no percurso e acordamos em mudar de rota, já que a área não apresentava elementos que nos despertassem grande interesse de investigação. Impulsionada pelas experiências anteriores, me entusiasmei a buscar ruas mais estreitas, becos, ou ruas sem saída. Compartilhei esse desejo com Julia, que lembrou do bairro de Jardim Fragoso, o qual frequentávamos quando íamos visitar um amigo em comum⁶⁵. O bairro era próximo e conseguiríamos alcançá-lo em poucos minutos de caminhada e, assim, concordamos em desviar a rota para lá.

Durante a deriva, investimos em explorar as ruas que mais nos atraíam, o que geralmente nos levava a vias arborizadas, ou com algum elemento demonstrativo de atividade humana. Ocasionalmente, despontava à nossa frente o Farol de Olinda (Figura 48), e discutíamos sobre como este servia como um lembrete de que estávamos numa área litorânea, ainda que não enxergássemos mais o mar. Atribuímos também ao Farol a função de guia terrestre: mirando sua estrutura, estipulávamos nossa distância em relação ao mar e às principais avenidas da cidade.

Figura 46 – Uma das aparições do Farol no percurso.



Fonte: Foto de Julia Samico.

Logo na entrada de Jardim Fragoso, cruzamos o Canal do Fragoso (Figura 49), cujo trecho sediado em Jardim Atlântico visitei durante a primeira deriva. No entorno, experimentamos diversas vezes passagens por ruas com a recorrente presença de vegetação, que para nós se configuravam em áreas de atmosfera agradável. Poucas pessoas transitavam a pé pelo bairro, o que nos permitiu caminhar tranquilamente, atraídas por plantas e jardins. Nessas ocasiões, fazíamos pausas rápidas para a efetuação de registros fotográficos (Figura 49).

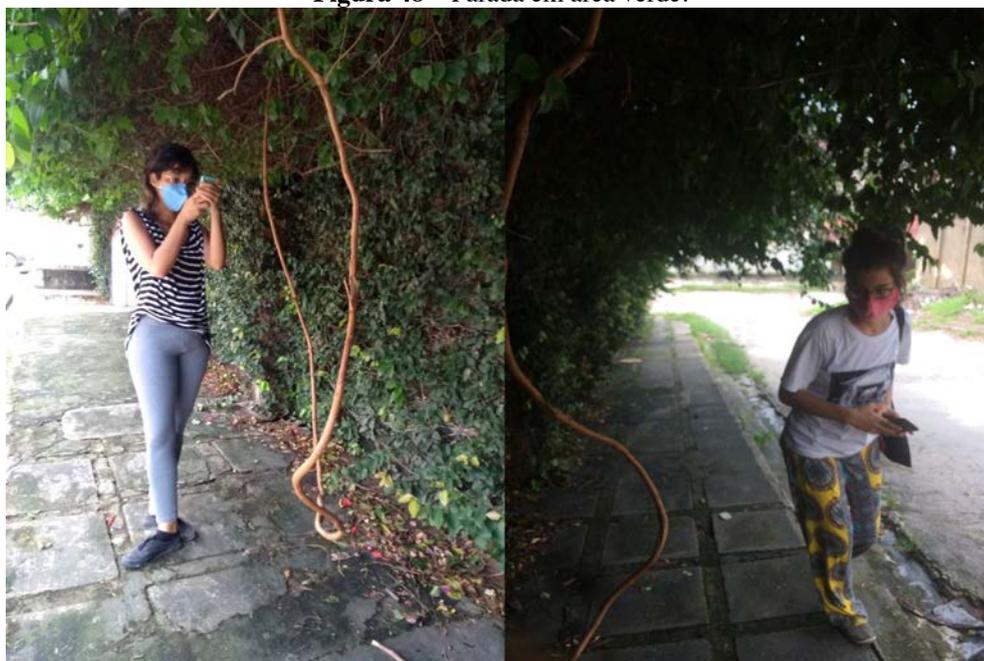
⁶⁵ Em alguns momentos do trajeto, fiz registros em áudio cujas transcrições estão disponíveis para consulta no Apêndice F.

Figura 47 – Trecho do Canal do Fragoso no bairro Jardim Fragoso.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 48 – Parada em área verde.



Fonte: Fotos de Julia Samico e Ananda Amaral, respectivamente.

As ruas estreitas também tinham nossa total atenção. Em determinado momento, nos aproximamos de um simpático beco, decorado com roupas de cama e bandeirolas juninas (Figura 51).

Figura 49 – Espreitando o beco.



Fonte: Acervo da autora.

O ímpeto em seguir adentrando aquele caminho era grande, e a presença de elementos que evidenciavam atividade humana recente nos despertava a curiosidade de descobrir o que poderia reservar o restante do trajeto. Por outro lado, este poderia não ser um daqueles becos-portal, que após certo estreitamento afluem em vias mais largas. O fim do beco poderia nos levar tanto à beira de algum espaço íntimo, quanto ao início de um labirinto do qual possivelmente demoraríamos a sair, caso investíssemos em explorá-lo. Mesmo os lençóis e roupas poderiam ser elementos indicativos de uma relação privada dos moradores com o espaço. Não havia barulho de gente, ou de bicho, apenas pedaços de tecido movimentados pelo vento, potencializando a estreiteza da passagem. Espiamos, timidamente, o início daquela viela e partimos.

Além da passagem pelo beco, outros vestígios de ações dos moradores despontaram pelo caminho. Constatei que a ausência de pessoas nas ruas me fazia, particularmente, reparar mais nos rastros deixados, como se estivéssemos circulando por uma cidade-fantasma. Em decorrência dessa calma, me pus a observar, sem pressa, os micro-acontecimentos do entorno, sentindo-me atraída, inclusive, a analisar os componentes de algumas pilhas de lixo. Do quê, exatamente, as pessoas estavam se livrando? Operavam de maneira diferente da habitual, neste mundo pandêmico? No decorrer do percurso, essas indagações contribuíram com o surgimento de novas *ambiências conjecturais* (Figura 52).

Figura 50 – Elementos potencializadores de ambiências conjecturais.



Fonte: Acervo da autora.

Em certo momento, saímos das vias asfaltadas e iniciamos um percurso ascendente, como que atraídas a explorar as percepções que as vistas mais altas da cidade nos proporcionariam. Julia comentou que não caminhava desde o início da pandemia e compartilhamos algumas sensações corporais que começavam a ser sinalizadas pelos nossos corpos, como um princípio de sede e cansaço nas pernas. Nessa troca, conversamos sobre o conceito de porosidade explanado por Jean-Marc Besse, ao tratar da paisagem como uma experiência fenomenológica, o qual menciono novamente mais adiante.

Com a subida, nos deparamos com um portão verde e uma janela redonda (Figura 53), cercados por um muro de cimento. Dentro dos territórios que guardava o portão, era possível vislumbrar um solo terroso e algumas árvores. A vista nos agradou bastante e nos aproximamos, curiosas. Espreitando por cima do muro e através da janela (Figura 54), consegui identificar várias esculturas de barro, algumas já encobertas por uma textura lodosa esverdeada.

Figura 51 – Portão e janela redonda.



Fonte: Foto de Julia Samico.

Figura 52 – Aproximação para contemplação das esculturas de barro.



Fonte: Acervo da autora.

Gastamos um tempo digerindo os elementos daquele lugar e observando as esculturas antropomorfas afetadas pela ação do tempo. Não havia indício de pessoas ocupando o local, por outro lado, as sombras e esculturas, além do solo enlameado, tornavam aquela uma paisagem com várias “camadas”, que não eram facilmente identificadas à primeira vista. Um pouco depois do muro de concreto, abria-se uma passagenzinha por um arame farpado (Figura 55), de onde irrompeu um cachorro, instantes depois de nossa aproximação. Ao contornarmos o muro, dobramos à esquerda e identificamos outra entrada para o local, no topo de uma escada. Ao lado, uma placa cujos dizeres mais destacados eram: *Oficinas de Transformações do Projeto Alto da Mina* (Figura 56).

Figura 53 – Aproximação da área.



Fonte: Foto de Julia Samico.

Figura 54 – Oficinas de Transformações do Projeto Alto da Mina.



Fonte: Foto de Julia Samico.

Através da identificação da placa, nos demos conta de que havíamos deixado Jardim Fragoso e estávamos no bairro Alto da Mina, que, embora ficasse relativamente próximo ao centro histórico da cidade, não conhecíamos pessoalmente. Nesse ponto, avistamos duas crianças caminhando na rua. Julia se dirigiu aos meninos perguntando a respeito do funcionamento daquele local que nos havia despertado tanta curiosidade. Eles confirmaram que era uma espécie de escola, ainda ativa, onde eram ensinadas técnicas de manipulação do barro. Prosseguimos, então, o percurso, apreciando a vista das casinhas que se aglomeravam abaixo da via que percorríamos (Figura 57).

Figura 55 – Julia e o Alto da Mina.



Fonte: Acervo da autora.

Reconhecemos que a caminhada se direcionava no sentido do bairro de Bonsucesso, para onde retornaríamos, em algum momento, porém, não conhecíamos as ruas que viriam a seguir. Nesse trecho do percurso, lembrei o desnorreamento experienciado no Monte. No entorno do Alto da Mina, assim como no Monte, as casas se amontoavam muito próximas umas das outras, de modo que não conseguíamos identificar com clareza os desenhos do terreno. Era mesmo como a vista superior de um labirinto; enxergávamos várias pequenas ruas interconectadas sem

conseguir decifrar quais deveríamos escolher percorrer para atingir as vias principais. Embora tivéssemos nos conscientizado que, a partir dali, a possibilidade de nos perdermos era maior, prosseguimos com a deriva pelo bairro do Alto da Mina, estimuladas a descobrir uma saída para a avenida principal, sem a necessidade de retornar pelos caminhos que já havíamos percorrido.

Seguimos por uma via onde ocorria certa movimentação de pessoas, prováveis moradores da região, que conversavam próximo às casas. Intencionamos seguir em frente, em direção ao mar, para nos aproximarmos da rota que tomaríamos para retornar ao lar. Outra vez, o encontro com um grupo de rapazes nos fez mudar o sentido do trajeto. Dobramos à esquerda no intuito de entrar à direita na rua seguinte, de forma que ficássemos numa posição paralela ao caminho que pretendíamos percorrer. Assim que adentramos a via à direita, tivemos a atenção capturada por um carro vermelho com películas escuras fixadas aos vidros, que impossibilitavam a visualização do seu interior. O veículo estava parado no meio da estrada de barro, numa posição que nos impedia de seguir caminhando por aquela rua sem passar muito próximo a ele. Raciocinamos rapidamente e concordamos em voltar por onde tínhamos vindo, temendo que, caso continuássemos o percurso, fôssemos abordadas por um possível ocupante do veículo. Passamos novamente pelo centro de esculturas e descemos sentido Jardim Frágoso, quando demos como encerrada a deriva e direcionamos a caminhada de volta para a casa de Julia, no Bonsucesso.

4.3.3 Análises

A segunda experiência de deriva rendeu duas horas e meia, duração semelhante à do primeiro experimento. A distância percorrida totalizou 9,17km⁶⁶. No decorrer da caminhada, a maior parte dos documentos foram elaborados através de fotografias capturadas pelas duas pesquisadoras participantes. Por estar acompanhada, experienciei certo relaxamento na feitura dos registros em áudio que, nos primeiros dias em campo, serviram como uma espécie de monólogo, uma externalização de percepções sensoriais. Derivando em dupla, priorizei a concentração nos diálogos compartilhados com Julia, quando tratamos das sensações corporais e afetivas que procederam dos trajetos. Dessa forma, a experiência rendeu apenas dois arquivos de áudio, gravados no entorno de Bairro Novo e após a saída do Alto da Mina, momentos em que ocorreu a lembrança de ativar esse recurso. A partilha da experiência resultou também em um maior desprendimento com relação às escolhas de percurso; como éramos duas

⁶⁶ Informações providenciadas pelo aplicativo *Strava*, disponíveis para consulta no Apêndice G.

participantes, nos sentíamos mais seguras para explorar locais desconhecidos. Em relato produzido após o experimento, Julia compartilhou suas percepções relativas às escolhas de percurso⁶⁷:

O fato de não estar só durante o percurso fez com que eu me sentisse mais livre em adentrar lugares ou optar por caminhos que sozinha eu nunca escolheria. Esta hesitação, em geral, acontece como que por respeito às pessoas que vivem ali ou por esse incômodo com os olhares (em geral). É como se estar acompanhada me desse mais conforto e confiança, menos vergonha também. (SAMICO, 2020, n.p.)

Ainda que houvesse certo desapego nos momentos de escolha pelas direções, reconhecemos padrões na seleção das áreas que percorremos. A inclinação maior era a de estabelecer aproximações com zonas que consideramos atrativas, em especial, cenários com a presença de plantas e jardins. Da mesma maneira, os fatores que nos ativavam o distanciamento e a mudança de rota eram, majoritariamente, os mesmos: o confronto com figuras masculinas e certos tipos de rua com passagens muito estreitas.

Ruas amplas, largas, onde de alguma maneira posso passar mais despercebida, são mais fáceis pra mim... os jardins e as ruas com algum tipo de planta ou árvores foram apelativos nas minhas escolhas de percurso. Pessoas nas esquinas também, às vezes em um sentido “positivo”, de sentir vontade de ir por aquele caminho por ver pessoas na esquina e, às vezes, “negativo”, de sentir necessidade de mudar de rumo por ver homens nas esquinas. (SAMICO, 2020, n.p.)

O primeiro confronto com indivíduos do sexo oposto durante a segunda experiência de deriva ocorreu na chegada ao Monte, quando reparamos que alguns rapazes se agrupavam no entorno da quadra esportiva. Uma outra aglomeração masculina, posicionada no mesmo lugar e presumivelmente composta pelas mesmas pessoas, me ativou um estado de alerta durante o segundo piloto. No entanto, dessa vez, o sentimento de vulnerabilidade foi enfraquecido, possivelmente devido ao fato de estar acompanhada, além de o Monte ter se tornado um ambiente familiar, onde desenvolvi afetividades. A experiência psicogeográfica, vivida anteriormente ali, havia proporcionado a inscrição daquela memória urbana em meu corpo. Dessa vez, além da companhia, tinha conhecimento da localização do ponto que representava o Monte no mapa, de maneira que poderia me deslocar dali para uma ambiência segura rapidamente, em caso de urgência. A partir dessa inferência, torna-se evidente que a desorientação é um fator potencializador da sensação de medo na cidade.

⁶⁷ Relato completo no Anexo.

O medo aguçado pelo encontro com figuras masculinas é, lamentavelmente, um aspecto recorrente na vivência das mulheres em espaço público. A cartilha *Mulheres Caminhantes*, publicada em 2018 pelas iniciativas *Rede Más*, *Fórum Regional de Mulheres da Zona Norte* e *SampaPé!*, é resultado de um projeto executado na cidade de São Paulo com a intenção de contribuir com a experiência das mulheres no espaço público, a partir de sugestões de planejamento urbano atentas às perspectivas de gênero. O projeto promoveu percursos com diversos grupos de mulheres na cidade de São Paulo, que se desdobraram em atividades metodológicas de avaliação e mapeamento das percepções das participantes mediante determinadas situações dos deslocamentos. Na pesquisa para a elaboração da publicação, constatou-se que, além de aspectos estruturais que dificultavam a caminhabilidade (falta de iluminação pública, muros altos ou lixos nas ruas), o medo de sofrer violência de gênero, particularmente assédio sexual, era determinante na apreensão do espaço pelas mulheres.

O medo das mulheres “tem gênero”, no sentido que se baseia em sentimentos de vulnerabilidade frente aos homens e está marcado pela ameaça de delitos relacionados com o sexo. O medo das mulheres, além disso, está espacializado. Suas percepções do perigo tem uma geografia específica e isso pode determinar os movimentos rotineiros das mulheres no espaço urbano.” (TONKISS, 2005 *apud* MULHERES, 2018, p. 4)

Lúcia Siqueira, mestra em desenvolvimento urbano, desenvolveu uma pesquisa também relacionada à relação das mulheres com o espaço urbano, ambientada na cidade de Recife. De acordo com a autora, são vários os fatores responsáveis pela ativação do medo das mulheres na cidade:

Seja através do androcentrismo nos estudos e no planejamento urbano, seja pela sensação de vulnerabilidade diante da figura masculina, as experiências vividas ou informações secundárias, o medo da mulher no espaço público é produto da relação de dominação dos homens sobre as mulheres ainda hoje existente em nossa sociedade. (SIQUEIRA, 2015, p. 8)

Siqueira usa como exemplo a pesquisa do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre segurança pública (IPEA, 2012b), que entrevistou 3.799 pessoas no Brasil, para reforçar o argumento de que as mulheres sentem mais medo que os homens quando estão em espaço público.

É sentença corriqueira em estudos e pesquisas nacionais e internacionais que as mulheres sentem mais medo que os homens no espaço público. [...] O medo delas está relacionado à sua integridade física, o assalto à mão armada e o assassinato. Os

homens sentem mais medo dos crimes relacionados ao patrimônio, o arrombamento de residência. (SIQUEIRA, 2015, p. 38)

Neste experimento, bem como na primeira deriva, atentei para elementos ativadores do que reconheci como *ambiências conjecturais*, espaços preenchidos por artefatos que despertam uma curiosidade com relação à sua procedência. No confronto com essas ambiências, teci hipóteses de narrativas para as relativas configurações dos elementos que as compunham, apenas com base em palpites e suposições. Eram como pequenos delírios que me proporcionaram breves escapes do perímetro urbano para a dedicação à apreciação de cenários e percursos mentais despertados por aquelas visões. Na passagem pelo beco em Jardim Frágoso, ocorreu situação semelhante às despertadas pelos elementos conjecturais. Os vestígios de presença humana, acompanhados pela completa ausência de praticantes em seu entorno, foram combustível para especulações. No entanto, a existência de tais elementos era indicativa de uma relação íntima dos habitantes com o espaço, o que, na perspectiva de Julia, sinalizou uma barreira para a exploração do local.

Tenho dificuldade de entrar em becos, por exemplo. Em alguns momentos, senti vontade de adentrar esses espaços, geralmente os que têm plantas, bandeiras de São João, casas coloridas ou qualquer coisa que indique vida, num sentido alegre da palavra, me chama atenção, mas existe uma dificuldade real em ultrapassar essa barreira e entrar nesses espaços [...]. É como se ali as coisas se tornassem mais expostas e mais particulares – o que eu, estrangeira, estou fazendo ali? É como se esses lugares deixassem mais evidentes essa sensação que tenho de que só se pode ir a certos lugares com uma “função”. (SAMICO, 2020, n.p.)

Assim como na experiência de errância relatada por Rachel⁶⁸, vivenciamos durante o experimento a emergência de paisagens do medo (TUAN, 2013), potencializadas pelo confronto com o outro. Em *Paisagens do Medo*, Tuan se refere aos diversos tipos de medo que afligem a humanidade, tais como o medo da natureza e de doenças, o medo que sentem as crianças, medos relacionados ao sobrenatural e medos de violência, dentre outros. Paradoxalmente, embora as relações humanas representem segurança em determinados aspectos, se reconhece no outro, também, a origem de muitos medos.

As pessoas são nossa maior fonte de segurança, mas também a causa mais comum de nosso medo. Elas podem ser indiferentes às nossas necessidades, trair nossa confiança, ou procurar ativamente nos prejudicar. Elas são fantasmas, bruxas, assassinos, ladrões, assaltantes, estranhos e malfeitores, que assombam nossas paisagens, transformando o campo, as ruas da cidade e o pátio da escola — eles próprios projetados para nutrir a empresa humana — em lugares de pavor. (TUAN, 2013, p. 8)

⁶⁸ Ver item 2.3. *Psicogeografias Contemporâneas*

No que diz respeito ao medo nas grandes cidades, o autor compreende que a expansão urbana, com sua caótica diversidade de ruas, edifícios e veículos em alta velocidade, desorienta os praticantes (TUAN, 2013). A incerteza diante do que não é familiar é, também, um fator intensificador da experiência do medo. Neste experimento em especial, a maior representação do desconhecido foi materializada na aparição do carro vermelho, elemento que definiu o término da deriva.

Em linhas gerais, a experiência proporcionou a legitimação de áreas verdes, morros e becos, particularmente os que contêm elementos relacionados à vida, como zonas atrativas. Do mesmo modo, pessoas do gênero masculino e também vias cujas extremidades não se pode identificar à primeira vista representaram perigo e insegurança. Além dos aspectos mencionados, o experimento possibilitou igualmente a identificação de novos artefatos que propiciaram jornadas conjecturais.

Pra mim, o mais essencial é dizer que sozinha não me sentiria de maneira alguma confortável e segura para escolher os caminhos que escolhemos... conheci lugares que estão relativamente próximos à minha casa, lugares que nunca imaginei existir – como aquele centro de escultura no Alto da Mina e o próprio Alto da Mina, um dos lados “B” de Olinda. Ou a descida do Monte para os Bultrins, lugar ao lado da minha casa, mas que sempre tive medo de ir, sempre foi dito a mim que era perigoso. [...] E foi só porque estava acompanhada que tive coragem de fazer escolhas mais abertas e segui-las, sem tantas travas. (SAMICO, 2020, n.p.)

4.4 DERIVA 3 – INFINITO RETILÍNEO

4.4.1 Procedimentos

A terceira e última deriva ocorreu em vinte de julho, com a companhia de Gabriel Nascimento. A definição da área a ser experimentada durante a prática se deu após inquietações levantadas no confronto com a vista superior do mapa de Olinda, quando observei que desconheço inteiramente a parte esquerda da cidade. Neste experimento, em especial, não foi possível a produção dos vídeos de percurso, organizados remotamente por Gabriel enquanto o *smartphone* emitia dados de minha localização em tempo real durante as primeiras práticas. Para a gravação dos vídeos, era necessário que uma terceira pessoa monitorasse a tela do computador durante todo o percurso, ajustando os quadrantes para acompanhar a caminhada.

Combinamos de nos encontrar às 15h, no Varadouro, local de interseção entre nossos pontos de apoio. A intenção era caminhar até a Avenida Presidente Kennedy, via de grande

fluxo de pessoas e veículos, localizada no bairro Peixinhos, e explorar a região, nos distanciando do mar e criando novas percepções em espaços desconhecidos. O relato que se segue foi produzido a partir de uma lembrança do percurso, com o auxílio de imagens capturadas por mim e por Gabriel, além de áudios registrados durante e após o experimento.

4.4.2 Relato de experiência

Caminhando ao encontro de Gabriel, divaguei sobre alguns aspectos dos experimentos que havia feito no decorrer da semana, como a ida ao Monte, local de onde pude acessar uma nova perspectiva da cidade. Ao passar pelo Amparo, lembrei os momentos anteriores à pandemia, quando era possível se prolongar nas ruas do bairro, onde frequentemente ecoavam estímulos sonoros indicativos de aglomerações de pessoas em momentos de lazer, especialmente à noite. Me questionei se o famoso “beco do mijo”, nas proximidades da Rua do Amparo, ainda cheirava a “mijo”, agora que não contava com a presença de seres humanos a reabastecerem as calçadas de urina.

Depois da passagem pelo Largo do Amparo, avistei, em frente a um dos restaurantes locais, um funcionário uniformizado com máscara facial e *face shield*, operando dentro das conformidades do agora chamado “novo normal”⁶⁹ (Figura 58).

Figura 56 – Confronto com o “novo normal”.

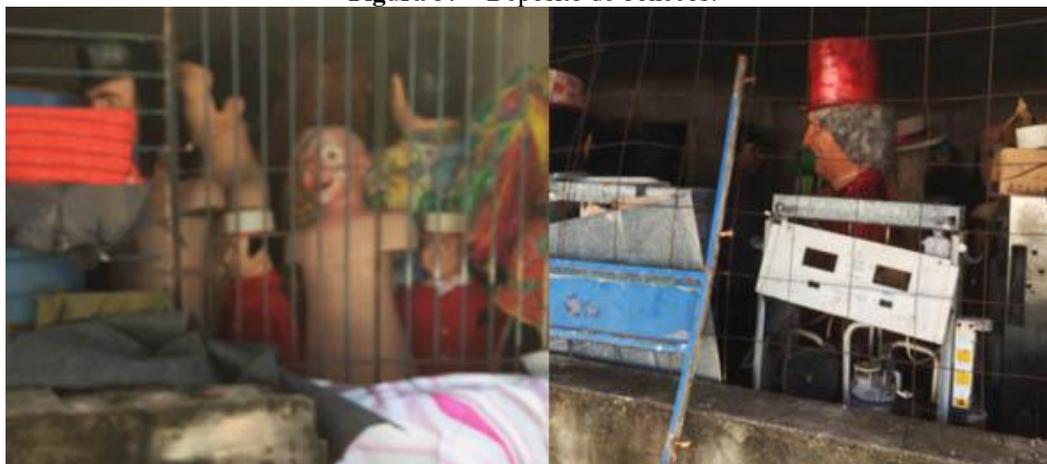


Fonte: Acervo da autora.

⁶⁹ De acordo com Maria Aparecida Rhein Schirato, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), “O novo normal, na verdade, seria a proposta de um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência. [...] O que está sendo proposto, agora, é um kit Covid. Um kit de segurança. Vamos ter que andar com máscara, mais contidos, menos expansivos, guardando certa distância, talvez com luvas. [...] Ou seja, entraremos em um novo padrão de normalidade. Reforçando, normalidade é o padrão que me garante sobrevivência dentro de um grupo. Logo vamos nos habituar com esse kit Covid e, certamente, sentiremos falta se não o utilizarmos.” Entrevista concedida à Insper, disponível em: <<https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>>. Acesso em: 11 ago 2020.

Após a passagem pelo restaurante, dobrei à direita, acessando o caminho “por baixo” da rua do Amparo, sentido Varadouro. Um pouco antes do ponto de encontro com Gabriel, ainda na Avenida Joaquim Nabuco, tive a atenção voltada para um depósito, no qual, em meio a um agrupamento de sucatas, amontoavam-se alguns bonecos gigantes, símbolos do Carnaval olindense (Figura 59).

Figura 57 – Depósito de bonecos.



Fonte: Acervo da autora.

A passagem por esses cenários foi responsável por uma potencialização do sentimento de desterritorialização. Ainda que transitasse por áreas familiares, os modos de vida já não eram os mesmos, havia algo de fantasmagórico a assombrar os percursos. Ao me aproximar do Varadouro, avistei minha dupla e seguimos caminhando em direção à Avenida Presidente Kennedy, um dos principais corredores viários da cidade, que corta os bairros Vila Popular, Peixinhos, Jardim Brasil, Aguazinha e São Benedito. Logo no início da avenida, nos confrontamos com um trecho em obras, acompanhado de uma grande placa laranja, na qual lia-se: “DESVIO” (Figura 60). A mensagem era direcionada aos veículos, que não poderiam prosseguir o trajeto em linha reta devido às reformas na via. No entanto, me senti inclinada a experimentar o percurso indicado pela placa e propus a Gabriel que tomássemos aquele caminho como nosso.

Figura 58 – Desvio.



Fonte: Acervo da autora.

O algoritmo gerado pelas placas ocasionou, como esperávamos, um margeamento da via principal, que resultou em um retorno à Avenida Presidente Kennedy. Antes de alcançarmos a avenida, Gabriel se direcionou a um terreno baldio no intuito de “esvaziar a bexiga” (Figura 61). Coincidentemente, antes de observar sua movimentação, senti vontade de fazer o mesmo. No entanto, experimentei certo desconforto ao imaginar os mecanismos de camuflagem que precisaria pôr em prática para executar tal ação.

Figura 59 – Pausa estratégica masculina.



Fonte: Acervo da autora.

De volta à avenida, sugeri que cruzássemos a via e seguíssemos fazendo desvios do corredor viário, desta vez explorando o lado oposto ao que já havíamos percorrido. Assim que o fizemos, um outro mundo, bastante semelhante ao mundo pré-pandemia, corporificou-se em nossa frente. Naquele cenário, homens e mulheres transitavam sem máscaras, crianças corriam a brincar pela rua, “vendinhas” funcionavam normalmente, senhores e senhoras conversavam em mesas alojadas nas calçadas. Em meio àquela efervescência de vida, estávamos nós, seres mascarados extraviados de um universo distópico. Diante de tão estonteante paisagem, apressamos a passada e seguimos nosso caminho.

Em determinado ponto, nos confrontamos com um carro de som (Figura 62) que emitia em loop o recado: “Bandeja de ovos com trinta ovos, nove e noventa e nove. Seis ovos de codorna, quatro reais. Seis ovos de codorna, quatro reais”. Propus que seguíssemos o veículo, o que Gabriel interpretou como uma manobra arriscada, já que, assim, perderíamos o controle da rota. Essa manifestação de receio em rastrear o itinerário do carro do ovo me intrigou e me levou a observar quais seriam suas escolhas de percurso.

Figura 60 – Carro do ovo.



Fonte: Acervo da autora.

Demos prosseguimento à deriva pelo bairro de Peixinhos e, em certo trecho, notamos que nos aproximávamos de mais uma zona com grande incidência de veículos e pessoas, já nas proximidades do bairro Cajueiro, em Recife. Constatado o fato, optamos por cruzar novamente a Avenida Presidente Kennedy, alterando o sentido da caminhada para Jardim Brasil. O bairro era desconhecido por mim e relativamente familiar para Gabriel, que o frequentou assiduamente durante o período de faculdade. Ainda assim, insistimos em traçar caminhos novos para ambos, a fim de experienciar situações de desorientação espacial. Instantes depois de adentrarmos Jardim Brasil, desaceleramos a passada ao nos confrontarmos com a visão de um rastro de atividade equestre (Figura 63). A emergência de vida, presente naquele agrupamento de excrementos, nos proporcionou momentos de divagação durante os quais calculamos hipóteses e estabelecemos metáforas acerca do fenômeno observado.

Figura 61 – Vida excrementada.



Fonte: Arcevo da autora.

Seguindo adiante, transitamos por ruas com pouca movimentação de pessoas, até que cruzamos um gramado onde adolescentes jogavam uma partida de futebol (Figura 64) e notamos que a hora do pôr-do-sol não tardaria. Gabriel sugeriu que nos direcionássemos para a Avenida Senador Nilo Coelho, também conhecida como Avenida Perimetral, caminho que nos levaria de volta aos bairros que costumamos frequentar. A Perimetral é, assim como a Avenida Presidente Kennedy, um corredor viário, o qual eu desconhecia inteiramente. A ideia de percorrer caminhando um espaço projetado para o trânsito de veículos me pareceu interessante, de forma que concordei com o novo destino.

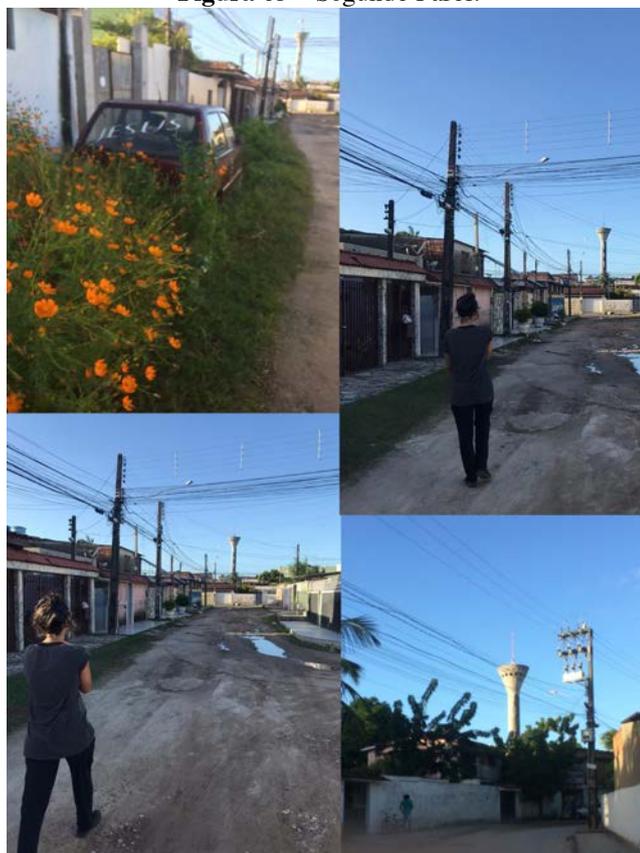
Figura 62 – Partida de futebol em Jardim Brasil.



Fonte: Arcevo da autora.

A essa altura, continuávamos andando sem muitos pontos de referência, até que avistamos a antena de uma emissora de televisão, que Gabriel reconheceu como sendo uma estrutura próxima à Perimetral. Assim, passamos a nos aproximar da avenida, guiados pelas constantes aparições da torre (Figura 65).

Figura 63 – Segundo Farol.



Fonte: Acervo pessoal; fotos de Ananda Amaral e Gabriel Nascimento.

No trajeto sentido Avenida Perimetral experienciamos a passagem por trechos que, reconheci, não optaria por explorar caso estivesse desacompanhada. Durante os percursos

anteriores pela Cidade Alta, ainda que passasse por situações de desterritorialização, tinha familiaridade com elementos do entorno, de forma que o retorno ao familiar era factível. Por outro lado, neste experimento de deriva, circulei por um fragmento de cidade repleto de zonas em branco, extensas áreas preenchidas por vazios. Além disso, os cenários que nos circundavam abrigavam elementos que identifiquei como potencializadores do medo, como o recorrente surgimento de terrenos baldios. Nesses momentos, evitei influenciar Gabriel com minhas apreensões do espaço, aguardando seus comentários acerca do despertar de sensações no decorrer do percurso.

Alcançamos, enfim, a avenida Perimetral, a via mais extensa que viríamos a percorrer. Observei o entorno e percebi que a avenida era, de fato, projetada para o trânsito de veículos, não havendo calçamento em grande parte dos trechos onde deveriam transitar os pedestres (Figura 66).

Figura 64 – Caminhabilidade comprometida.



Fonte: Acervo da autora.

Seguimos a caminhada com passadas rápidas, no intuito de atingirmos o fim da avenida antes do escurecer. À nossa esquerda, do outro lado da via, o cenário era composto por uma “parede” que revezava áreas verdes, barrancos, casas e pequenas construções. À nossa direita, tínhamos a vista de Ouro Preto, onde identificamos pequenas casas aglomeradas (Figura 67).

Figura 65 – Os dois lados da Perimetral.



Fonte: Acervo pessoal; fotos de Ananda Amaral e Gabriel Nascimento.

Carros e ônibus em velocidade rápida se deslocavam na avenida de mão dupla, espalhando, além de poeira e gás carbônico, estrondosos sons, fatores que contribuíram com a efetivação daquele espaço como uma *ambiência atordoante*. Em dado momento, revelei a Gabriel que a ação dos automóveis aliada à ausência de calçadas para pedestres me induzia a desenvolver cenários mentais catastróficos, nos quais éramos brutalmente atropelados e lançados aos ares pelos veículos. Além de sanguinários atropelamentos, considerei também a remota e um tanto paranóica possibilidade de sermos sequestrados. Nesse momento, Gabriel assumiu ter cogitado, também, a eventualidade de um cinematográfico sequestro. No intuito de não me contaminar com seus pensamentos, ele havia evitado vazar a informação, porém, após minha confissão, Gabriel trouxe soluções para nossa hipotética detenção. Caso a cena ocorresse, propôs que corrêsemos para o lado oposto ao sentido do carro de nossos sequestradores, pois assim perderiam vantagens na perseguição.

Caminhar pela Perimetral era como percorrer um corredor infinito, quente, barulhento e carregado de poeira, que, quanto mais avançávamos, mais parecia se afunilar. Dividíamos as beiradas da avenida com amontoados de lixo, lama e pontos comerciais onde vendiam-se artigos como ferragens de carro, materiais de construção e móveis. Além disso, outros pedestres circulavam pelas bordas da via, entrando e saindo das casas e estabelecimentos comerciais. Na maior parte do trajeto, a sensação era de cansaço e sede, regulada pela vontade de ir ao banheiro. Em certo trecho, a sede predominou e fiz uma pausa para comprar água (Figura 68).

Figura 66 – Pausa para hidratação.



Fonte: Acervo da autora.

Para a execução da ação de beber água, precisei desconsiderar, por alguns instantes, os riscos de contrair o vírus, já que a sede havia se sobreposto ao desejo de ir ao banheiro. Destampeí o álcool em gel que trazia no bolso e espalhei pela extensão da garrafa plástica, cujo conteúdo despejei dentro da boca a uma distância de cerca de 5 cm.

Pouco depois da mercearia onde compramos a água, à beira do meio fio, deitava uma galinha cujo destino tanto temíamos. Chegávamos, afinal, ao confronto direto com a morte, crua e visceral (Figura 69).

Figura 67 – Quem se foi primeiro?



Fonte: Arquivo da autora.

Poderíamos, a qualquer momento, tomar um ônibus para agilizar a chegada ao fim da avenida, mas insistimos em seguir o percurso caminhando. No início do experimento, havia decidido não fazer consultas ao mapa, exceto em casos emergenciais. Desse modo, sem noção da extensão que já havíamos percorrido na avenida, não fazíamos ideia de quanto tempo mais duraria a caminhada. Em alguns trechos, senti um impulso de sair da avenida me atirando à direita, onde identifiquei o bairro de Ouro Preto, mas a vista que tínhamos era de um confuso labirinto, o qual certamente retardaria nosso percurso.

Com a continuidade do trajeto, a via de pedestres e os pontos comerciais começaram a desaparecer, e a vegetação no entorno pareceu aumentar em densidade, o que me causou certa preocupação. No entanto, aqueles elementos demarcavam um portal entre o fim da Avenida Senador Nilo de Souza Coelho e o início da PE-15 (Figura 70), a qual adentrei com sentimento de grande alívio.

Já na PE-15, nos direcionamos para uma via conhecida sentido Jardim Frágoso, no intuito de nos aproximarmos do Bonsucesso. No caminho, transpassei novamente o Canal do Frágoso, elemento presente em todos os experimentos de deriva. Ainda antes do pôr-do-sol, já avistávamos os prédios da beira mar de Olinda (Figura 71).

Figura 68 – Fim da linha.



Fonte: Google Street View.

Figura 69 – Caminho de volta.



Fonte: Acervo da autora.

4.4.3 Análises

A escolha por andar em tão extensa via resultou no percurso mais duradouro dentre os realizados na pesquisa; no total, foram percorridos 14,67 km no decorrer de três horas e oito minutos de trajeto⁷⁰. Bem como na segunda deriva, poucos áudios foram gravados durante o terceiro experimento, o que se deve, além da imersão nos diálogos, à constante sensação de insegurança durante a caminhada.

O experimento foi essencial para a observação da influência da questão de gênero na experiência de apreensão do espaço urbano. De modo geral, neste experimento, reparei que os olhares masculinos direcionados a mim eram quase inexistentes. Tal fenômeno ocorreu, possivelmente, em razão de haver um homem a caminhar ao meu lado, o que, para alguns passantes, dominados pela lógica patriarcal, poderia causar intimidação. Ciente da redução de manifestações de assédio e aproximações advindas de outros homens em consequência do gênero de minha dupla, aproveitei também para exercer um enfrentamento do medo ocasionado pelo encontro com o outro. No trajeto com Julia, havíamos resistido a vários temores, como requer a experiência de se lançar a esmo no território, sobretudo o pandêmico. Encorajadas pela presença uma da outra, desbravamos zonas que não conhecíamos e nos permitimos entrar em estado de desterritorialização. Contudo, a combinação de áreas misteriosas com a presença de homens desconhecidos era infalível em nos empatar o caminho. Já neste experimento, minha dupla, com uma redução do sentimento de vulnerabilidade diante do outro que lhe confere o privilégio de gênero, não desacelerou a passada ou manifestou interesse em desviar de homens que surgiram ao longo do percurso, ao que acompanhei, atenta. Imune às violências cotidianas de gênero, seus medos vieram à tona nos momentos em que havia a possibilidade da perda de controle, através da experiência de desterritorialização. Em diálogo que tivemos alguns meses após a deriva, Gabriel mencionou que os fragmentos de percurso que mais se fixaram à sua memória foram a passagem pelo turbilhão de vida em Peixinhos e a atordoante passagem pela Perimetral⁷¹.

A saída da Avenida Presidente Kennedy para a rua estreita onde havia fervorosa movimentação de vida foi um fenômeno de destaque neste experimento. O momento de transição entre a avenida (repleta de poeira, vitrines e automóveis) e as pequenas ruas (preenchidas por vozes e pessoas), proporcionou uma brusca mudança de ambiência. Receosos

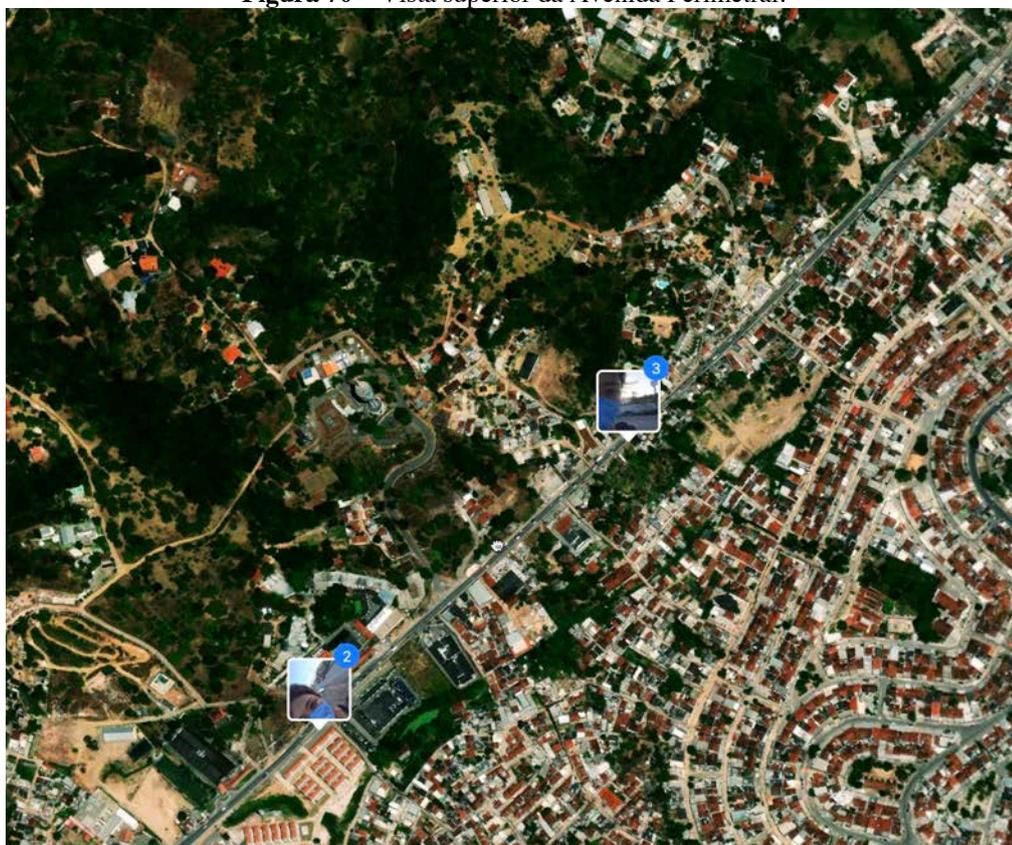
⁷⁰ Dados gerados pelo aplicativo *Strava*, disponíveis para consulta no Apêndice I.

⁷¹ Diálogo completo disponível para consulta no Apêndice H.

de chamar atenção e invadir a privacidade dos demais praticantes do espaço, evitamos capturar imagens do percurso nesses momentos.

Durante a passagem pela Avenida Perimetral, nos deslocamos exclusivamente pelo lado direito da via, que em nenhum momento nos arriscamos a cruzar. Era como se estivéssemos aprisionados àquele sentido, operando da maneira mais objetiva e ágil no intuito de atingir o fim da reta. Transferindo para o computador as imagens capturadas durante o percurso, tive acesso a um mapa gerado pelo aplicativo *iPhotos*⁷², que determina os pontos exatos em que foram feitas as capturas (Figura 72). Na imagem, é possível identificar com clareza o contraste entre as paisagens que corta a avenida: à direita, diversos telhados indicativos de áreas residenciais; à esquerda, trechos de vasta vegetação.

Figura 70 – Vista superior da Avenida Perimetral.



Fonte: Imagem gerada pelo aplicativo *iPhotos*.

Dentre os experimentos de deriva realizados, este foi o mais desafiador no que diz respeito à resistência física, visto que foram percorridos mais de 14 km, muitos dos quais ambientados em zonas inadequadas para caminhadas. Para Jean-Marc Besse, a paisagem pode se apresentar

⁷² No Apêndice L estão reunidas imagens relativas ao mapeamento gerado pelo aplicativo *iPhotos* no decorrer dos experimentos

como uma experiência fenomenológica, representada pelo “acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca” (BESSE, 2014, p. 47). Para o autor, o momento do cansaço na caminhada é um exemplo da experiência da paisagem, quando a fadiga restitui ao corpo a “capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo” (BESSE, 2014, p. 48). Nicolas Bouvier se utiliza do termo *porosidade* para descrever essa espécie de abertura do corpo ao espaço proporcionada pelo cansaço ao caminhar. Narrando um percurso ao monastério coreano Hae-in-sa, Bouvier relata que “o cansaço de caminhar torna-te poroso, aberto à linguagem de um lugar: impossível atravessar esta praça sem sentir-se aliviado, lavado de alguma coisa.” (BOUVIER, 2001, p. 126)

Complementando a discussão acerca da perspectiva da paisagem como um acontecimento, Besse se refere a um escrito de Julien Gracq, em que este trata do cansaço como um “fixador da impressão fotográfica”, quando a mente “vai perdendo, uma a uma, suas defesas, suavemente estupefata” (GRACQ, 1995, p. 280). O momento de transição entre a saída da caótica Avenida Perimetral e a entrada na rodovia PE-15 se aproxima do conceito de *porosidade*, quando há uma intensificação da capacidade de absorção do espaço provocada pelo cansaço corporal. A PE-15 é, também, um dos maiores corredores viários da cidade, com grande fluxo de carros e ônibus. Por esses motivos, nunca antes havia experimentado conforto nos momentos em que precisei transitar pela rodovia a pé. Entretanto, o alívio proporcionado pela sensação de retorno ao familiar, além da fadiga que pesava o corpo, fizeram com que a chegada à avenida fosse um momento de destaque no percurso. Em outras palavras, o cansaço a que nossos corpos foram submetidos durante os experimentos, aliado à sensação de desterritorialização proporcionada pela prática de deriva, foram agentes influenciadores da maneira como absorvemos o espaço.

4.5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A efetivação dos experimentos de deriva durante o período pandêmico resultou em singulares experiências corporais de espaço. Ter transitado em áreas de forte carga afetiva propiciou a passagem por pontos relacionados ao despertar de memórias que impulsionaram rompimentos de temporalidades e uma expansão da experiência urbana. Esse fenômeno ocorreu, especialmente, nos experimentos realizados individualmente, durante os quais imergi em trajetórias psíquicas ativadas por apreensões de elementos do percurso, que se desdobraram no tempo para além da experiência direta no espaço compartilhado.

De acordo com Jacques (2008), “cada corpo pode acumular diferentes corpografias”, e a maneira como essas se inscrevem no corpo dos praticantes é afetada tanto pela questão da temporalidade quanto da intensidade das experiências de errância urbana. Dito isto, entendo que as jornadas individuais executadas durante o período pandêmico foram as que geraram corpografias mais complexas e resistentes, o que se deve ao fato de o campo espacial ter sido determinado a partir de memórias afetivas que resultaram em intensas experiências.

Caminhar por vias mais largas e com movimentação humana tinha chances de tornar o percurso mais seguro; paradoxalmente, as menores e mais desabitadas ruas eram as de maior atratividade. A locomoção no decorrer dos experimentos tendeu a ser acelerada, com rápidas escolhas de mudança de sentido nas rotas. O que não impediu que pausas fossem realizadas com certa frequência, em especial nas ocasiões de percepção de elementos atrativos. Nos momentos que antecederam os experimentos foram realizadas decisões metodológicas que contribuíram para a definição das práticas. A influência dos pontos de partida e áreas de experimentação se mostrou evidente durante os trajetos, que resultaram em formas distintas de realização dos registros de percurso.

O experimento individual de deriva bem como o segundo piloto tiveram um efeito de dupla-experiência: parte fora experimentada durante os trajetos, parte fora extrapolada para os dias que sucederam, com a realização de percursos mentais resultantes da vivência em campo. Nesse caso, o acréscimo das memórias de outros praticantes relativas a vivências no mesmo espaço (ambientadas em épocas anteriores) impulsionou a continuidade da experiência de deriva. As representações *mnemocartográficas* elaboradas para o aperfeiçoamento dos registros do primeiro experimento revelam os contrastes nos modos de cartografar resultantes de cada experimento; cada uma das práticas ocasionou linguagens cartográficas ímpares. Em consequência disso, os recursos gráficos apresentados ao longo do capítulo foram definidos pelas próprias experiências de deriva, operando como resultados das mesmas.

Durante o segundo experimento, o retorno ao Monte legitimou a hipótese de que a desorientação é um fator potencializador do medo no espaço urbano. Repetir o caminho acompanhada, depois de ter tido acesso à vista superior do mapa, resultou em uma experiência de apreensão espacial mais ampla e relaxada, em oposição à primeira ida ao Monte. O experimento em dupla reforçou a suposição de que a questão de gênero tem influência na maneira como as mulheres, em geral, apreendem o espaço. Na ocasião da segunda deriva, a comunicação com Julia nos instantes de hesitação ocorreu de maneira espontânea, quando sinalizávamos uma para a outra o interesse em alterar a rota através da verbalização, ou da transmissão de expressões corporais. As escolhas de percurso, assim como os diálogos que

tivemos durante e após o experimento, comprovaram uma similaridade em nossas percepções afetivas, especialmente nos momentos de confronto com figuras masculinas.

No terceiro experimento, realizado na companhia de Gabriel, o encontro com outros seres foi evitado primordialmente como um ato de proteção contra o vírus, sem que o afastamento ocorresse necessariamente nos momentos de identificação de figuras masculinas. Embora não tenhamos compartilhado com frequência a insurgência de sensações afetivas durante a prática, é possível identificar afinidades nas apreensões de espaço levantadas. O interesse em estar de volta a áreas familiares antes do escurecer, assim como a insegurança resultante da sensação de desterritorialização, foram aspectos de influência para ambos os praticantes.

A saída de Jardim Atlântico para a estadia de uma semana no bairro do Bonsucesso, em razão da realização das práticas, foi também um fenômeno de impacto nos experimentos. Há a possibilidade de que o afastamento dos cômodos, artefatos e pessoas com quem habitualmente convivo tenha influenciado na intensidade com a qual os trajetos se fixaram em meus pensamentos, especialmente nos instantes posteriores aos experienciados em campo. Além da necessidade de isolamento, estar no mundo pandêmico exigia a automatização de certos processos outrora realizados despreocupadamente. Ao retornar da rua, por exemplo, era necessário que eu retirasse as chaves dos bolsos, destravasse os portões, descalçasse os sapatos antes de adentrar o espaço, repousasse os objetos utilizados durante o experimento sobre superfícies afastadas, higienizasse as mãos para retirar a máscara facial e os óculos, me despisse e me banhasse, nesta ordem. O vírus operava incansavelmente, silencioso, invisível e passível de letalidade, podendo estar hospedado em qualquer ser humano ou superfície ao longo do caminho.

Nesse sentido, as ausências que preenchiam o cenário pandêmico favoreceram a instauração de um ar fantasmagórico nas ruas. Com a drástica diminuição da interação humana ocasionada pela situação de pandemia, rastros de vida tornaram-se aparições magnetizantes. Dessa maneira, as práticas proporcionaram uma identificação de espaços imantados, como becos e lugares nos quais era possível reconhecer a ação do tempo, a exemplo de prédios em ruínas e *ambiências conjecturais*. Esse tipo de ambiência foi identificado pela presença de elementos ilustrativos de indícios de vida, capazes de render elucubrações acerca de seus respectivos contextos. De modo geral, o interesse em tecer conjecturas relativas a vestígios de atividades de outros seres foi identificado nos três experimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste documento de pesquisa, explicito o desenvolver de movimentações de errância que passaram a sugerir uma abordagem do caminhar como prática estética, questão proposta por Francesco Careri. Sob a ótica da arte contemporânea, apresentei agentes de destaque no que diz respeito à apropriação do caminhar como forma de intervir no espaço urbano, seguindo escritores, artistas e movimentos de vanguarda do século XX. Esse apanhado foi organizado com o objetivo de possibilitar uma contextualização histórica a respeito do surgimento da Internacional Situacionista, movimento responsável pela disseminação da *deriva* e *psicogeografia*.

Contribuindo com o pensamento situacionista, está o conceito de *corpografias urbanas*, definido por Jacques (2008), que sugere que a experiência urbana se inscreve como ação perceptiva nos praticantes, sobrevivendo e resistindo nos corpos dos que experimentam a cidade. Para a autora, as práticas de errância urbana valorizam a experiência corporal da cidade, a partir de uma utilização do “corpo enquanto resistência” aos modos espetacularizados de pensar propostos pelo urbanismo contemporâneo. Em *Corpografias Urbanas*, Jacques aponta similaridades com as práticas situacionistas, descrevendo o exercício da deriva como uma das possibilidades de errância urbana.

De forma análoga à proposta situacionista de antídoto ao espetáculo através de um procedimento ou “método”, a psicogeografia, e uma prática ou “técnica”, a deriva, que estavam diretamente relacionados – a deriva sendo considerada como um exercício da psicogeografia –, as idéias de corpografia e de errância também poderiam ser vistas enquanto propostas de micro resistência à espetacularização urbana. A corpografia urbana seria uma forma específica, corporal, de psicogeografia, e a deriva uma das formas possíveis, um exercício entre outros, de errância urbana. (JACQUES, 2008, p. 3)

Trazendo a discussão para a contemporaneidade, reuni, ainda no primeiro capítulo, quatro obras em que os idealizadores discutem a relação entre corpo e espaço urbano. Os trabalhos de psicogeógrafos contemporâneos apresentados foram essenciais, tanto como suporte para o desenvolvimento dos métodos definidos para a realização dos experimentos quanto para o estabelecimento de comparações com os resultados.

O objetivo geral da pesquisa foi proposto como a investigação dos procedimentos necessários para a realização de práticas de deriva em uma cidade contemporânea brasileira, bem como os desdobramentos políticos, existenciais e estéticos resultantes. Com a chegada da pandemia de COVID-19 ao país, a pesquisa sofreu modificações de grande relevância. A

mudança do campo de experimentação, como discutido durante os experimentos, foi de fundamental importância para o aumento da segurança na etapa empírica da pesquisa.

No segundo capítulo, traço detalhadamente as etapas iniciais para a primeira ida a campo, bem como as mudanças de estratégia e métodos que foram implantadas pela necessidade pandêmica. O primeiro piloto, realizado na cidade de Recife no mundo pré-pandemia, resultou em percepções de espaço diretamente atreladas aos demais praticantes da cidade. Durante o piloto em Recife, pude fazer pausas para ir ao banheiro e beber água, além de ter permissão para me aproximar com segurança de outras pessoas em caso de necessidade. Como o percurso se deu majoritariamente em áreas com as quais tenho familiaridade, de forma que não atingi plenamente um estado de desterritorialização, o encontro com o outro não resultou em interrupções na fluidez da caminhada.

O término do percurso, no entanto, foi resultado da soma entre reconhecimento do não-familiar e a interação não solicitada com o funcionário de um dos prédios do entorno, aspectos que, como observado nos demais experimentos, configuraram uma espécie de dupla ameaça. O algoritmo psicogeográfico, utilizado fielmente como método para o alcance de uma imprevisibilidade de percurso, foi compreendido como um recurso que aprisionou a jornada a sentidos específicos, causando uma diminuição da sensação de segurança no experimento. Dessa maneira, o método foi explorado apenas na ocasião do primeiro piloto. De acordo com Debord, toda ação do acaso tem natureza conservadora, e “tende, num novo contexto, a reduzir tudo à alternância de um número limitado de variantes e ao hábito” (1958)⁷³. Ainda de acordo com o autor:

A parte aleatória não é tão determinante quanto se imagina: na perspectiva da deriva, existe um relevo psicogeográfico das cidades, com correntes constantes, pontos fixos e turbilhões que tornam muito inóspitas a entrada ou saída de certas zonas” (DEBORD, 1958)⁷⁴

Já no segundo capítulo, abordo as mudanças de estratégia requisitadas pela pandemia, que resultaram numa alteração do campo de experimentação. Além disso, o estabelecimento do critério dos pontos de partida relacionados a espaços com forte carga afetiva teve evidente impacto nas práticas. Durante o segundo piloto, o esvaziamento da cidade bem como o desvelamento de memória e o medo do outro foram aspectos relevantes.

⁷³ Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

Os experimentos de deriva estão organizados, por ordem de acontecimento, no terceiro capítulo. A primeira deriva, realizada individualmente em Jardim Atlântico, lançou luz sobre a possibilidade de empreender jornadas e criar *representações mnemcartográficas*. Além disso, o reconhecimento de *ambiências conjecturais* revelou uma tendência à observação de vestígios de atividades humanas, o que pode ter ocorrido como um efeito da sepulcral atmosfera pandêmica. O primeiro experimento em dupla, que corresponde à segunda deriva, destacou a questão de gênero e a desorientação como potencializadores da experiência de medo no espaço urbano. A terceira deriva, por sua vez, complementou as hipóteses relativas ao gênero, além do reconhecimento da desorientação e do cansaço ao caminhar, como fatores de influência na apreensão do espaço.

De modo geral, a contribuição de maior destaque da pesquisa é a identificação da possibilidade de extrapolação da experiência de deriva do espaço urbano. Durante as práticas, reconheci a atuação da deriva como um ativador e potencializador da memória afetiva, dimensão que merece ser explorada. Os desdobramentos cartográficos criados são documentos que colaboram com a representação parcial da experiência de apreensão do espaço como uma subversão da noção de espaço oferecida pelos mapas tradicionais. De acordo com Debord:

As lições da deriva permitem estabelecer os primeiros levantamentos das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. [...] Medem-se as distâncias que separam de fato duas regiões de uma cidade, distâncias bem diferentes da visão aproximativa que um mapa pode oferecer. (DEBORD, 1958)⁷⁵

Tendo em vista que uma corpografia urbana é o registro da experiência do corpo na cidade, e que a experiência urbana “fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no corpo daquele que a experimenta” (JACQUES, 2008, p. 1), concluo que, através das práticas de deriva realizadas, complexifiquei e acumulei em meu corpo *corpografias*. Como técnica de pesquisa, a deriva permite uma aproximação entre os aspectos teóricos e empíricos analisados; na qualidade de pesquisadora, pude me apropriar da prática para legitimar e contestar questões levantadas pelos referenciais teóricos.

Em linhas gerais, os experimentos favoreceram a ideia de que se lançar à deriva é adentrar um estado corporal específico, atingido através do deslocamento. Diferentemente de um passeio, ou de uma caminhada despreziosa, é uma experiência de corpo e de memória provocada voluntariamente. É uma técnica que oportuniza ao indivíduo um rompimento e subversão do que lhe é apresentado; a construção corporal de uma experiência pessoal.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

Reconhecendo que a interação com o espaço se dá através de vivências corporais na cidade, é possível concluir que o indivíduo tem a possibilidade de atualizar e questionar essa relação, caso esteja aberto. A deriva é, sobretudo, uma busca constante pelo inalcançável, o impossível, o que é infundo e de si mesmo se nutre, ocasionando uma multiplicidade de desdobramentos. Portanto, o caráter multidimensional, dinâmico e subjetivo do espaço colabora com a constatação de que a deriva é um percurso sem fim.

REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ 234, 2014.
- BOUVIER, Nicolas. **Journal d'Aran et d'autres lieux**. Paris: Éditions Payot, 2001.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2016.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- COVERLEY, Merlin. **Psychogeography**. Harpenden: Pocket Essentials, 2012.
- DEBORD, Guy. **Introduction to a Critique of Urban Geography**. Les Lèvres Nues, Vol. 6, 1955. Disponível em: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/geography.html>>. Acesso em: 1 nov. 2020.
- _____. **Theory of the Dérive**. Internationale Situationniste, Vol. 2, 1958. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>>. Acesso em: 6 ago 2020.
- _____. **Perspectives For Conscious Changes in Everyday Life**. Internationale Situationniste, Vol. 6, 1962. Disponível em: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/everyday.html>>. Acesso em: 3 out. 2020.
- _____. **A sociedade do espetáculo**. 1a Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FONSECA, Débora Cristina. Ser e estar em um mundo pandêmico: marcas da Covid-19 na subjetividade. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 8, n. 2, p. 111-120, 2020. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/834/401>>. Acesso em: 7 dez. 2020.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 14 - História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GUELLER, Viviane. O ordinário no cotidiano, uma prática do singular. **Revista SURES**, n. 7, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/399/457>>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- _____. Corpografias urbanas. **Vitruvius. Arqutextos**, v. 8, 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- _____. **Elogio aos errantes**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Lígia Souza; WILKER, Francis. **Um espaço de emergência: Herdeiras de Antígona como imantação social e política**. Urdimento, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020.

O'ROURKE, Karen. **Walking and mapping: Artists as cartographers**. Massachusetts: MIT press, 2013.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

RACHEL, Denise Pereira. AS MULHERES ANDAM MAL: das aulas erráticas às aulas vadias na emergência dos mapas do medo. **Revista Rascunhos-Caminhos Da Pesquisa Em Artes Cênicas**, v. 5, n. 3, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/43163/24962>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SIMS, Bennett. **A Questionable Shape**. Columbus: Two Dollar Radio, 2013.

SIQUEIRA, Lúcia de Andrade. **Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Landscapes of Fear**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

Vídeos e endereços eletrônicos

BEK, Wilfried Hou Je. Algorithmic Psychogeography. **Site SpaceHijackers**. Disponível em: <<https://www.spacehijackers.org/html/ideas/writing/socialfiction.html>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MANIFESTO INTERNACIONAL Situacionista. Tradução: Juan Fonseca. **Site GeoCities**. Disponível em: <<http://www.oocities.org/autonomiabvr/situ.html>>. Acesso em: 9 ago. 2020.

MULHERES Caminhantes. **Auditoria de Segurança de Gênero e Caminhabilidade Terminal Santana**. Site de publicações (ISSUU) da ONG SampaPé! Abril, 2018. Disponível em: <https://issuu.com/sampape/docs/mulheres_caminhantes___auditoria_de>. Acesso em: 10 jul. 2019.

NO HAY camino | Soy Cámara. Direção: Albert Alcoz e Alexandra Laudo. Espanha: Soy Cámara CCCB. Soy Cámara, 2020. 1 vídeo (26min17seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mCbsrkNlhf8>>. Acesso em: 20 out. 2020.

NUNCA É noite no mapa. Direção: Ernesto de Carvalho. Recife, 2016. 1 vídeo (6min11seg). Disponível em: <<https://vimeo.com/175423925>>. Acesso em: 10 set. 2020.

PALESTRA ONLINE COM Esther Polak e Ivaar Van Bekkum. The City as Performative Object. In: **LIMA online** – Lectures, Screenings, Conversations. 1 vídeo (2h10min25seg). Amsterdam, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6dkSMY-5IGk>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

POLAK, Esther; VAN BEKKUM, Ivaar. The City as Performative Object An Essay in Footsteps. **Website de Esther Polak e Ivaar Van Bekkum**. <<https://www.polakvanbekkum.com/writings/by-polakvanbekkum-eng/publication-of-the-city-as-performative-object>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SARMENTO, Robert; MARANHÃO, Marcela. Lockdown não será prorrogado em Pernambuco, mas uso obrigatório de máscara permanece. **TV Jornal**, 2020. Disponível em: <<https://tvjornal.ne10.uol.com.br/o-povo-natv/2020/05/29/lockdown-nao-sera-prorrogado-em-pernambuco-mas-uso-obrigatorio-de-mascara-permanece-189373>>. Acesso em: 9 out. 2020.

SOBRE A doença. **Site do Ministério da Saúde**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

THE CITY AS Performative Object – An Essay in Footsteps. Direção: Esther Polak e Ivaar Van Bekkum. 1 vídeo (21min23seg). Amsterdam, 2017. Disponível em: <<https://vimeo.com/222984948>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

APÊNDICE A – PILOTO 1: DADOS GERADOS PELO STRAVA



11:06, sexta-feira, 20 de setembro de 2019

Piloto 1 - parte 1

Adicione uma descrição

4,02 km 43:50 10:54/km

Distância (?) Tempo de movimentação

Elevação 43m Calorias 0

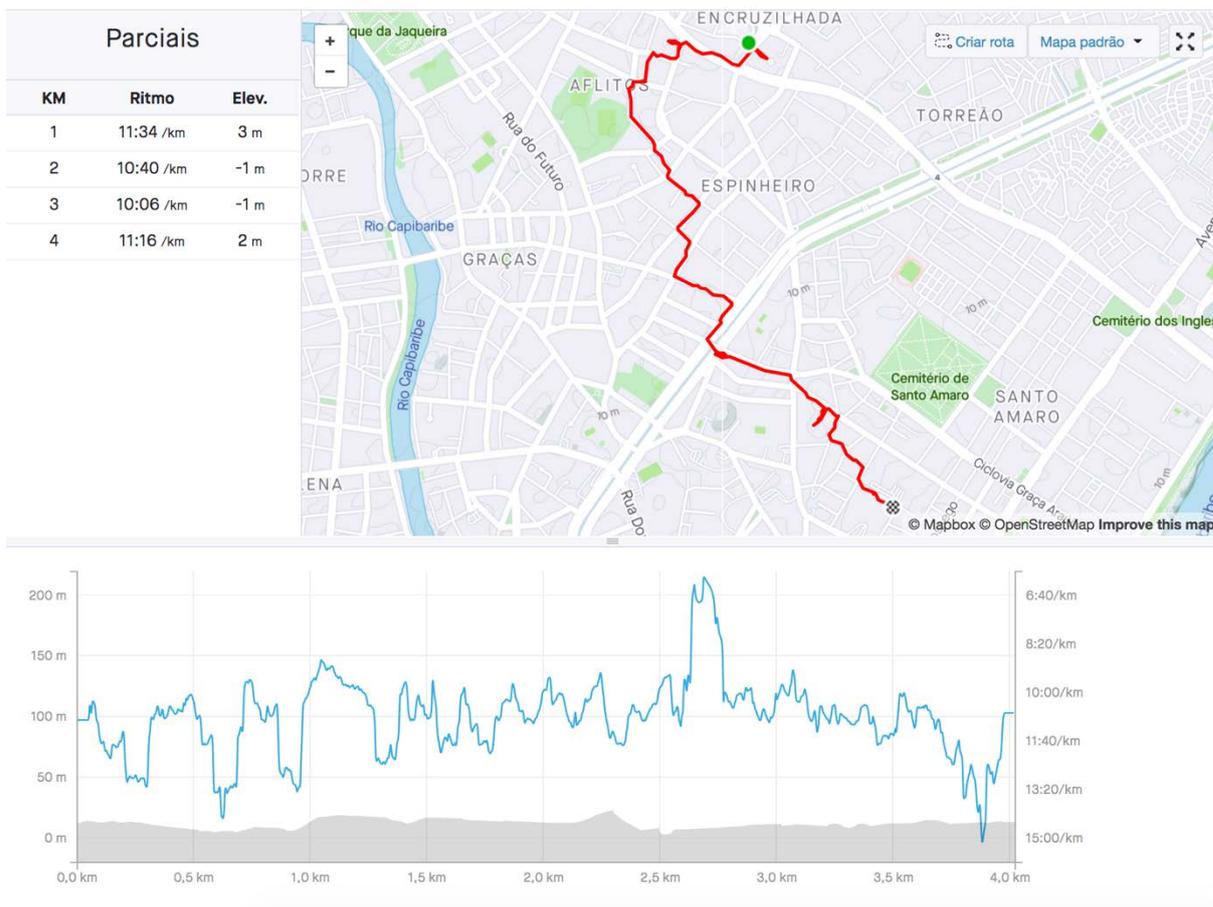
Tempo decorrido 48:14

Strava iPhone App

Tênis: —

Com alguém que não gravou?

Adicionar amigos





11:55, sexta-feira, 20 de setembro de 2019

Piloto 1 - parte 2

[Adicione uma descrição](#)

2,30 km

Distância (?)

26:09

Tempo de movimentação

11:22 /km

Ritmo

Elevação

18m

Calorias

0

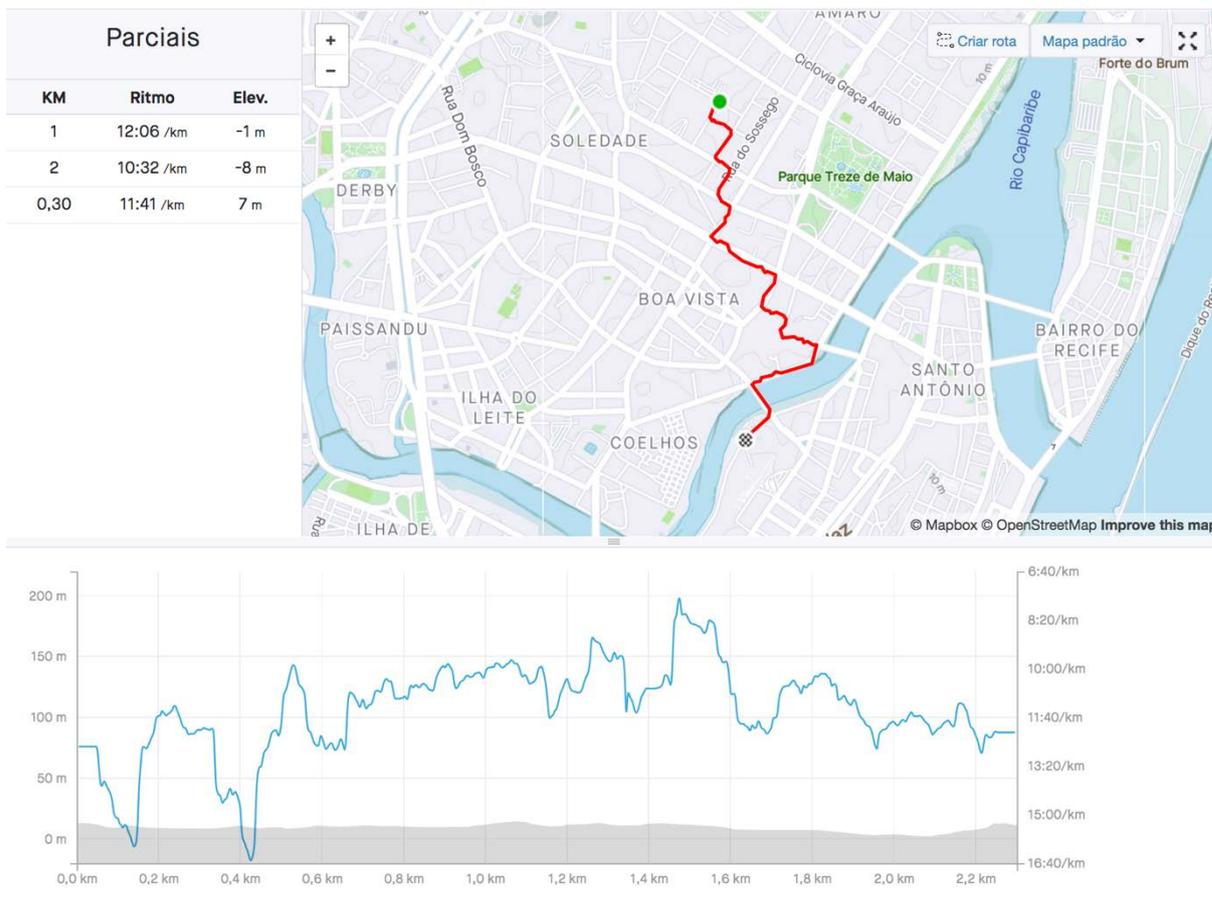
Tempo decorrido

26:45

[Strava iPhone App](#)

Tênis: —

Com alguém que não gravou?

[Adicionar amigos](#)


APÊNDICE B - PILOTO 2: RELATO ESCRITO DIGITALIZADO

Percebi uma memória que eu nem sabia que tinha. Preciso começar pelo fim, a parte mais barata. Já tinha decidido finalizar o percurso e voltar pra casa. Ceguei a Av. Chico Science que bem começa, e entrei por uma rua que entendi que em algum momento posterior se desenharia paralela ao meu destino final. A rua estava cheia, a despeito das recomendações de isolamento social. Cada lugar hospedava pessoas distintas, mas era comum que estivessem conversando na calçada, independente da situação. Vi repetidas vezes crianças e adolescentes empinando pipa. Como já estava no fim do percurso, decidi parar num mercadinho pra me abastecer de mantimentos. Comprei unos frutos (manga, laranja e maçã), batata-doce, queijo coalho. Sinalizei pra Gabriel por mensagem que tinha feito uma pausa, mas que já seguiria de volta. Saindo do mercadinho, continuei a caminhada rumo ao Bonussone, mas não via mais o mar, nem o farol, e uma senhora me chamou e continuei subindo, imaginei que logo avistaria algum elemento familiar que me revelaria o caminho. Depois da suposta virada à esquerda, ondei mais um pouco e vi duas mulheres sentadas perto de uma parede. "Boa tarde, moço, se eu for por aqui (apontei um caminho) eu consigo chegar na estrada do Bonussone?" O curioso é que nesse lugar em que a maioria das pessoas estão sem máscara, me senti quase ofendendo a todos ao usar a máscara, como se eu estivesse, de alguma maneira, contrariando ou confrontando o comportamento padrão. Uma coisa que me deixou mais leve, ironicamente, foram os saldos do mercado. Seguindo os saldos, eu passava a mensagem de que estava indo pra casa, de que minha caminhada tinha um propósito fácil de interpretar, e, embora eu fosse um ser atípico naquele lugar, eu estava ali só de passagem. "Você tem que ir ali reto, pode ir e você vai perguntando. Você quer ir pra onde? Pra a sede do homem da meia-noite, é?" "É, pode ser." "Pronto, por aí nem vai não, você vai por ali e vai perguntando." Com os saldos, descei e curvei, eu não sabia bem o que viria depois de "por ali", mas continuei seguindo, ondei mais um pouco e vi uma igreja branca, rodeada de grama verde de algumas árvores, achava uma belíssima, mas a visão só me confirmou que eu não fazia ideia do que fazer depois dali. A igreja me atraiu, segui em direção a ela, até que vi um grupo de crianças à minha direita. Senti os olhares me acompanhando. "É mãe, é tia? Ele disse que fosse de mãe." "É, é mãe!" respondi sem parar, tentando ser uma presença discreta no ambiente. Não queria demonstrar que estava perdida. Olhei das crianças, localizei um homem sentado numa calçada próxima, acho que ele ouvia o rádio. Perto da igreja, dava pra

zer compassalcom. Olhei, mas não vi de imediato uma saída e decidi voltar. As crianças notaram minha reaproximação, eram todos meninos. O que tinha falado comigo retornou a comunicação. "Olha, tia, ele tá pedindo uma maçã" disse, apontando para um amigo. "Quer? Toma aqui uma maçã. Mas tem que lavar, tá?" pergundi, no intuito de ser prática e seguir meu caminho, antes que escurocess. Paradoxalmente todas as crianças vieram até mim, alguns nos disseram que preferiam laranjas, e de repente eu me vi como a "tia dos pontos", até que se pediu uma maçã. Relinbrei às crianças que precisava lavar, e todas correram juntas como à nova missão. Olhei pra a direita e vi uma mulher entrando em casa, um pouco mais abaixo de onde eu estava. Aproximei o passo e perguntei a ela como fazia para chegar na Estrada do Bonsucesso. A mulher me disse para seguir em frente toda vida. Mesmo com a ajuda, eu não estava muito certa de que tudo exatamente ela considerava em frente àquela, já que logo acima de nós estava a praça. Mal terminei de ouvir as instruções e ouvi a voz de um homem: "Tem uma aí para a bucheidinha não?". Sem entender nada, olhei pro homem, e surgiu uma mulher grávida da casa ao lado. Peguei a última maçã do saco e dei pra a mulher, o homem esclareceu que na verdade era uma máscara que ela queria, mas eu não tinha e ela aceitou a maçã de bom grado. Nesse momento todas as crianças já tinham evaporado e só me restou recorrer ao homem do rádio para confirmar o caminho. "Você vai descer por aqui, tá vendo? aí pode seguir, vai dar ali perto da sede do homem da meia-noite. É um 'S' que você vai fazer (mesturar com a mão)". Confiei e desci o local estreito que ele me indicou, até que começaria a adentrar ruas mais movimentadas e largas, e me senti mais segura. Depois de mais alguns instantes sem ter certeza do ponto em que eu estava, mas reconhecendo o entorno, cheguei à Estrada do Bonsucesso, que sempre bem.

De volta à minha lead, lembrei o que notei das compras num lugar seguro e peguei o celular pra a registrar meu retorno a Gabriel que acompanhava meu percurso pelo computador. Foi quando descobri que a parte mais significativa do projeto não havia sido mais: toda digitalmente, e que ficou sem rival desde o marketing. Adrei simpática, como se aquele trecho fosse moldado pra ele, e apenas na minha memória, que seria minha última fonte para

registros posteriores.

(2)

Tomei banho assim que cheguei e desci pra contar minha experiência a Julia. Julia mora aqui desde criança, conhece várias ruas que eu não conheço e tem memórias antigas aqui. Conteí pra ela que queria ir pro Suro Branco, resgatando a parca que fugiu ao saltar da escola, e que busquei transitar por ruas desconhecidas, sem a cortiza de carne de galinha lá, nem da que feria depois, relatei brevemente os pontos e feições pedas que ir passei, e pulei logo pra a parte mais interessante da história: a pirat. Pra minha surpresa, antes que eu terminasse Julia falou "ah, tu foi no Monte! a gente ia pra lá todo ano com a escola, no dia dos crianças. Tu não lembra não?" "Eu ia também? não lembro!" "Ja sim, todo ano! a gente ia empinar pipa." Julia me disse que já tinha ido outras vezes no monte, com a mãe e a avó. Que era um passeio que ela gostava muito quando criança, e que os feiros do comércio fugiam um biscoito com pimenta, doçes que vendem um restaurante. Disse que pra ela aquilo era muito mágico, porque tinha uma panelinha de onde os feiros entregavam os biscoitos, depois que recebiam o dinheiro. A cada informação que ela adicionava eu ficava perplexa, e o monte ia ganhando mais vida na minha memória que coisa maluca! Eu já estive lá, mas não lembro de nada. Isso me sincerista, minha memória fala. Eu queria lembrar do monte. De todo forma, foi bem recontei-lo. É saber que eu já empinei pipa ali.

APÊNDICE C – DERIVA 1: ÁUDIO-TRANSCRIÇÕES

Áudios gravados durante o percurso, 15 JUL 20

Sempre que cruzo com mulheres e crianças o percurso fica mais agradável, me sinto mais segura. Engraçado é passar por janelas, passei agora por um conjunto com várias janelas, vários prédios. Um condomínio, conjunto habitacional. Fico com a impressão de que alguém vai estar me observando. Como ontem, que a moça veio me pedir uma maçã e eu não tinha visto que ela estava ali. Acho que a qualquer momento alguém pode sair de dentro do prédio e falar comigo. O que não é necessariamente um problema, mas pode ser uma surpresa.

Aqui em Jardim Atlântico as pessoas são de passagem na rua. Algumas com cachorro, levando o cachorro pra dar uma volta. Tem muito bicho. Cachorro, cavalo, pombo, gato. Alguns lugares que eu passei tavam em reforma. Várias casas abandonadas. Nos prédios pequenos, famílias em casa. Às vezes eu conseguia ver, porque a varanda era só uma grade, do piso ao teto. Dava pra ver dentro da casa das pessoas. Pessoas mais velhas e crianças, também. Não vi tantas pessoas jovens.

Embora eu passe por lugares que não conheço, não chego a deixar de saber onde eu tou localizada. E na caminhada de hoje existe um fator extra de segurança, a qualquer momento posso voltar pra minha casa. Hoje tenho internet, ontem eu não tinha. Hoje, além de eu tá perto de casa e ter essa base próxima, tenho como me achar no mapa, se eu me perder. E tenho bateria extra além da bateria do meu celular. Então tou bem mais confortável do que ontem em vários aspectos.

Aqui os prédios são todos muito parecidos, eles têm quatro andares geralmente, ou três. Grade e várias janelas. Não muda tanto o cenário de uma rua pra a outra, os elementos se repetem. De vez em quando aparece uma rua que não é calçada e alguns prédios abandonados. Aí, sensitiva e psicogeograficamente a experiência muda um pouco. Mas, ainda assim, é familiar.

O mais engraçado do Parque Primavera, é que a minha lembrança é só andar de bicicleta embaixo do prédio e assistir Castelo Rá-tim-bum na casa de alguma vizinha. Minha mãe sempre relatou que era um caminho que pra ela dava muito medo, que ela tinha que vir sozinha comigo ou com meu irmão, que meu pai não tava em casa. Devia tá trabalhando, fazendo alguma outra coisa. Então pra mim, esse caminho que não existia desde que eu era criança, se tornou meio sombrio. Hoje em dia o lugar tá abandonado, o prédio é todo descascado e escuro. Não tem muito de parque, nem remete à primavera. Mas eu acho engraçado conhecer ele assim, porque não é compatível com a lembrança que eu tenho, mas é a lembrança que eu tenho, real. E não dá tanto medo assim, desperta até uma curiosidade.

Dobrei a curva no fim da avenida e decidi ir até o terminal de Jardim Atlântico, que não sei exatamente onde fica. Sei que o caminho é subindo, mas acho que só fui uma vez lá, de ônibus. O Jardim Atlântico (*ônibus*) passou e confirmou o caminho pra mim, e eu tou seguindo, também com base nas placas de parada de ônibus.

Aqui em cima, perto do terminal, tem poucos prédios e várias casinhas (*som de pássaros ao fundo*). Nunca vim aqui, não tem quase ninguém na rua, mas a sensação é agradável, ao menos no entorno do terminal. Um pouco mais à frente começam a surgir alguns prédios caixão aglomerados, e aí eu não sei. Mas a primeira sensação é boa.

Diálogo com minha mãe em 30 AGO 20

Amélia: Ali em cima era floresta. Pra você ter ideia, tinha uma amiga do seu pai que disse que se mudou daqui de Jardim Atlântico com medo das cobras. De tanta cobra que tinha dentro da casa dela.

Ananda: Mas aqui, nas redondezas?

Amélia: Sim, sim, por aqui. Por fim, tava a menina dela sentadinha e a cobra na sala. Era muita cobra. Aí ela se mudou.

Ananda: Quando a gente morava no Primavera vovó Elvira morava aqui?

Amélia: Então, foi assim. Sua avó saiu do Primavera porque tava rachado, aí ela foi morar...

Ananda: Ah, ela morou lá, foi (*no Primavera*)?

Amélia: Morou.

Ananda: No mesmo que a gente morou depois?

Amélia: Sim, sim, sim

Ananda: Ah, não sabia. Era dela então (*o apartamento*)?

Amélia: Era de tia Inês. Foi assim, lembrei. [...] Sua avó foi pra lá. Aí saiu de lá porque a parede tava rachada. Eu fui pra lá por falta de opção, na ocasião, eu tinha que ir pra algum lugar pra você nascer. Eu precisava de um teto seguro. Assim, né, que eu tivesse paz. Na época de Diego era tudo muito atropelado, coisa e tal. Precisava de um cantinho. Aí foi quando... lá era tudo de alcatifa. Diego tinha asma, aí eu troquei as alcatifas todas. Não, mainha já tinha arrancado, mainha tinha arrancado as da sala e tinha botado esse piso aí (*estávamos olhando fotos do Primavera*). Eu arranquei as alcatifas dos quartos. Aí não podia fazer nada. Mandei pintar, descobri que tinha uma tinta pra cimento, mandei pintar de branco. Pinte de branco, pinte a estante pra eu poder lavar também. [...] Enfim, eu arrumei, bem higienizado. Um quarto higienizado, claro, tá entendendo? Aí foi quando eu fui pra lá pra você nascer e ter um cantinho.

APÊNDICE D – DERIVA 1: DADOS GERADOS PELO STRAVA



14:55, quarta-feira, 15 de julho de 2020

Deriva 1

[Adicione uma descrição](#)

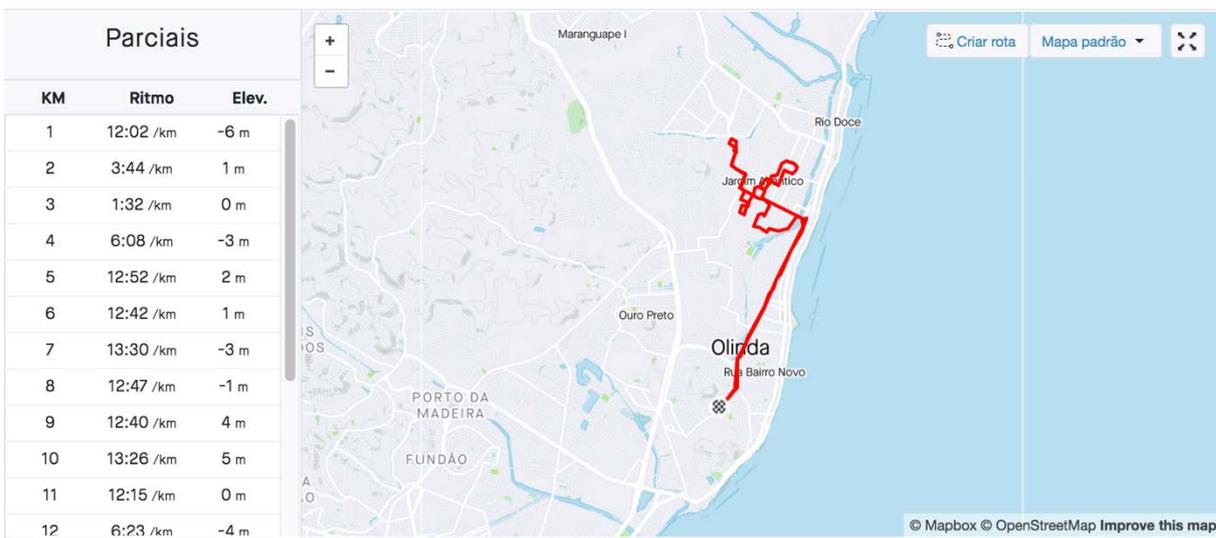
17,16 km Distância (?) **2:23:12** Tempo de movimentação **8:21/km** Ritmo

Elevação **63m** **Calorias** —

Tempo decorrido **2:41:19**

[Strava iPhone App](#) **Tênis:** —

Com alguém que não gravou? [Adicionar amigos](#)



APÊNDICE E – DERIVA 1: NOTÍCIAS DO PARQUE PRIMAVERA

Através do INQUÉRITO CIVIL 002/00, verificou-se que o CONJUNTO RESIDENCIAL PARQUE PRIMAVERA, composto pelos blocos de apartamentos denominados de edifícios Acácia, Angélica, Rosa, Hortência, Margarida, Camélia, Violeta, Lírio e Cravo, localizados nas ruas Castro Alves, Ipojuca, Regina Lacerda - Jardim Atlântico - Olinda/PE, encontra-se em situação de risco de desmoronamento em face de vícios de construção, consoante asseguram as perícias realizadas pela FADE- Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco e pela Caixa Seguradora S.A., através de engenheiros.

Trecho da página 322 do Diário de Justiça do Estado de Pernambuco (DJPE) de 6 de Fevereiro de 2012.
Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/34151927/djpe-06-02-2012-pg-322>



O Conjunto Parque Primavera, em Jarim Atlântico, em Olinda, está abandonado desde 2001, por causa do risco de desabamento — Foto: Reprodução/TV Globo

Notícia retirada do portal G1, disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/predios-abandonados-ha-quase-20-anos-levam-inseguranca-e-riscos-para-moradores-de-areas-proximas-em-olinda.ghtml>



Imagens retiradas da página do facebook “Recife e Olinda: registros do passado”. Disponível em: <https://www.facebook.com/Recifeeolindaregistrosdopassado/>

APÊNDICE F – DERIVA 2: ÁUDIO-TRANSCRIÇÕES

Áudios gravados durante o percurso, 18 JUL 20

Ananda: Queria achar uma rua secreta em Bairro Novo. Num tem um beco assim, né?

Julia: Não tem um beco, é. Acho que tem em Jardim Frágoso, ali onde João Vitor morava...

Ananda: Quer ir lá?

Julia: Vamo, vamo andando pro lado de lá.

Ananda: Bora. Ali eu tenho curiosidade. No dia que eu vim por aqui eu pensei em entrar mais pra direita. Subi ali numa ladeira e desci, só que aí já peguei a esquerda pra voltar pra a Chico Science. Mas eu pensei em dobrar à direita uma hora.

[...]

Ananda: Menina, dá um alívio fazer isso, visse? (*mexer a máscara*)

Julia: Eu acho que já me acostumei.

Ananda: Eu tou com a cara suada. Aqui é meio sem graça, né?

Julia: É.

Ananda: Tu sabe chegar na praça da maconha?

Julia: Não, vei, eu tava pensando nela, que ali é massa.

Ananda: Eu sempre fui lá meio sem querer.

Julia: Ela é meio escondida, né?

Ananda: Pois é.

[...]

Ananda: O foda é que você não pode comprar uma água na rua, por exemplo. Pensei em trazer, mas esqueci. Nos dois últimos dias eu tava trazendo, mas não queria beber água pra não fazer xixi. Aí eu dava uns goles, só pra não ficar com a boca muito seca.

Julia: Sim, pra molhar a boca, né.

(*Lembranças das aulas de natação, rumo à entrada da loja R\$1,99. Lembramos de João.*)

[*Trechos inaudíveis - ruídos/barulho ambiente*]

Ananda: Primeira caminhada em quatro meses?

Julia: É. E eu tava muito acostumada a andar sempre, né? Por causa do trabalho. Tipo, não era uma coisa que eu fazia por exercício, mas fazia parte da minha rotina. Que era uma coisa que às vezes eu ficava cansada de ficar andando, mas... é, faz bem, né? Caminhar.

Ananda: É, eu não caminhava muito, só caminhava até a parada de ônibus.

[...]

Ananda: Porosidade?

Julia: É, ele usava esse termo, é tipo uma abertura diferente às coisas do mundo, tá ligado? Porque você tá meio que cansado. Com uma fadiga mesmo, física. E aí tem gente que tá cansada e não vai fazer mais nada, né? Mas aí eu conectava muito...

Ananda: É como se você atingisse outro estado de consciência também, de absorção.

Julia: É. Eu fazia isso e pensava muito na gente subindo as ladeiras pra ir pra escola. Quando você sobe lá em cima, você fica meio tonta, né. Você vê as coisas de outro jeito, parece uma droga mesmo. Como se você se integrasse mais.

Ananda: É. Tipo quando você faz uma super trilha, né?

Julia: Uhum, sim.

Ananda: Rolou isso quando fui pra Algodual com Gabriel, lá no Pará. Eu nem sei se a gente já tinha visto essa lagoa. Acho que a gente sabia que tinha uma lagoa, mas não sabia bem como chegar lá. Tipo, a galera que ia, ia tipo numa carrocinha.

Julia: A gente pode ir por aqui.

Ananda: Ou por aqui, que tem flores, né? É que a gente vai voltar pro mesmo lado, né? Talvez fosse melhor ir por ali. Que achas?

Julia: É, melhor.

Ananda: Vai entrando por ali. Aí a gente viu tipo uma bandeirinha, assim, que demarcava o início do caminho, que era uma trilha. Era uma areia bem branquinha, assim. Não lembro se a gente tinha certeza que era uma lagoa, era pelo menos uma hora de caminhada. Aí quando a gente chegou foi, tipo “uuufa”. Tanto o alívio, quanto o fato de ter parado pra respirar e tal. Acho que a gente absorveu diferente de quem ia chegar com a carroça.

Julia: Exatamente, é essa a sensação.

Ananda: Nossos poros estavam mais...

Julia: Mais sensíveis, né? Porque altera a vista, né. O cansaço. Altera os sentidos, a respiração quando muda... tipo aquela tensão de tá no caminho e não saber onde vai dar e tal...

Ananda: É! Já andaste por aqui?

Julia: A pé, não.

[...]

Ananda: Aí aqui (*essa rua*) já parece uma velha conhecida, né?

Julia: É, tipo, UFA.

Ananda: É. E, tipo, a gente nunca veio aqui antes, mas a gente já sabe o caminho que ta fazendo. (*barulho de moto*) E meio que já sabe o que vai encontrar pra lá. Pode ser que tenha algum elemento diferente, alguém. Mas... olha os cachorros todos em alerta com as orelhas.

Julia: É uma gangue!

Ananda: Bem, agora a gente tá vendo o mar, voltamos aos casarões... eita porra (*trecho inaudível*) quer dizer, a gente veio da esquerda ou da direita?

Julia: Não, a gente veio da direita, mas a gente ficou com medo daqueles caras, num foi?

Ananda: Foi. O problema é que eles estão de moto. E agora?

(*barulho de moto*)

Julia: Agora a gente volta.

Ananda: Vamo andando.

Julia: Ai, vamo por aqui?

Ananda: Eu não sei.

(*motor de moto*)

[...]

Julia: É tipo, “Você tá passeando? Você tá fazendo o quê, que tá passeando?” Tá ligada? sei lá, eu tenho essa sensação.

Ananda: É, a gente meio que tem que ter um propósito pra tudo, né?

Julia: Isso. Que é bem essa coisa da cidade do capitalismo, da cidade moderna, tá ligado?

Ananda: Sair pra comprar uma coisa, sair pra trabalhar...

Julia: Da função. Que é uma cidade funcionalista, tá ligada? Dos caminhos. Trabalho-escola-trabalho. Abaixo os mapas!

Ananda: É exatamente isso o massa de desconstruir os mapas, né? Atualizar os mapas. Menina, tem uma bolha no meu pé direito que já tá doendo.

Julia: Vou ficar feliz, porém cansada.

[...]

Ananda: É meio doidera isso da relação do espaço quando você tá... não sei, acho que pelo formato das casas, assim. De ter mais possíveis esconderijos pra pessoas, quando é mais enladeiraado e tal, como um morro mesmo. Porque aqui é tudo, tipo, um retão. Um prédio que tem umas janelas e tal, mas a gente sabe onde é a próxima rua.

Julia: Uhum. Tem mais visibilidade, né?

APÊNDICE G – DERIVA 2: DADOS GERADOS PELO STRAVA

Ananda Amaral – Caminhada

09:28, sábado, 18 de julho de 2020

Deriva 2

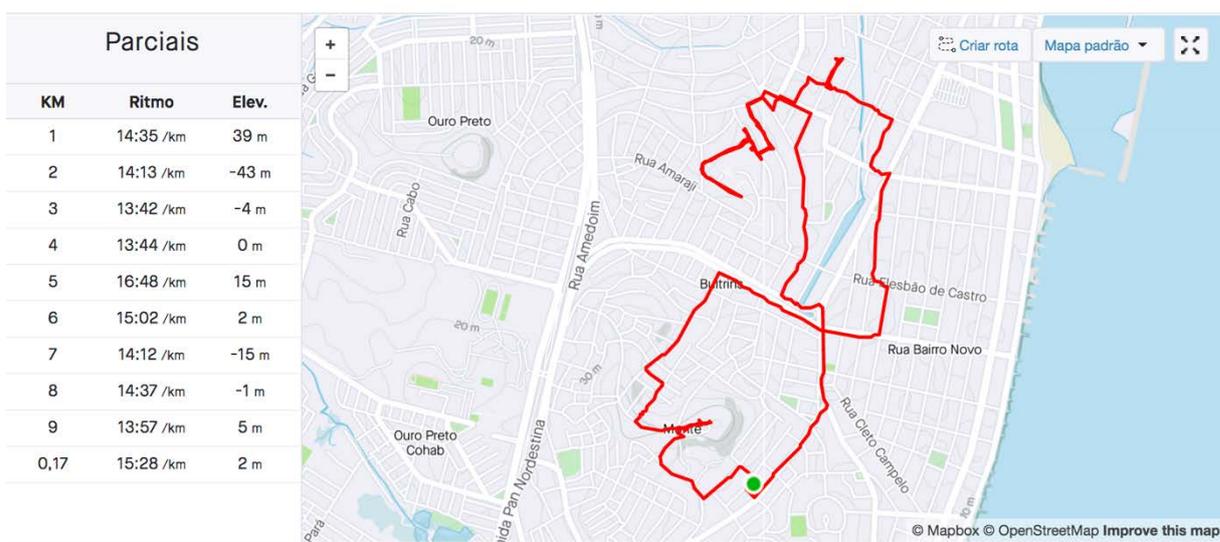
Adicione uma descrição

Com alguém que não gravou? [Adicionar amigos](#)

9,17 km **2:13:28** 14:33/km
Distância (?) Tempo de movimentação Ritmo

Elevação **110m** Calorias —
 Tempo decorrido **2:35:19**

Strava iPhone App Tênis: —



APÊNDICE H – DERIVA 3: ÁUDIO-TRANSCRIÇÕES

Áudios gravados durante o percurso, 20 JUL 20

Nasci em Recife, mas morei a maior parte da vida em Olinda. Minhas memórias mais pulsantes são aqui, eu estudei aqui a maior parte da minha vida escolar. As memórias iniciais que eu tenho de saídas são por aqui. Olinda é muito conhecida pelo carnaval e pela boemia. Mas as pessoas não apresentam Olinda mesmo, são fragmentos. O próprio sítio histórico vai muito além do que é propagado. É interessante fazer esse percurso numa Olinda que é parte do sítio histórico, mas é uma Olinda que eu nunca vi. Tou vendo novas partes da cidade. Julia me mostrou que do monte dá pra ver a escola onde a gente estudou. Da primeira vez que eu fui, não tinha visto nem a escola, nem o farol. E vi uma parte da escola que nunca vejo, que é a parte de trás. A escola fica no Alto da Sé, mas de lá só se vê a fachada. Por acaso eu reconstruí algumas memórias, o que é muito interessante do ponto de vista afetivo.

Hoje esqueci de ligar o Strava no começo do trajeto, só liguei perto do Homem da meia-noite, um pouco antes.

Gabriel parou pra fazer xixi num terreno abandonado e eu tava pensando em fazer isso, mas não posso - não é tão simples.

Depois de um tempo a gente decidiu seguir pela Perimetral. É uma parte que é bem extensa, uma reta. Tem muita gente, muito comércio. Umhas lojas de conserto de carro e venda de peças, motor, balança, artefatos diversos. Agora a gente tá entrando numa área com menos comércio e pra mim tá ficando um pouco desconfortável, tem menos gente, mais esquisita. Um medo que eu tenho é um pouco de ser atropelada porque não tem muito espaço pra pedestre, é mais carro.

A gente fez um caminho bem longo... eu não sabia bem onde eu tava em várias partes, especialmente em Jardim Brasil. Gabriel também não, mas tinha mais noção que eu do sentido pro qual a gente tava indo. A gente decidiu seguir toda a Perimetral a pé, um caminho que eu não sei nem se já fiz de ônibus. Nunca andei a pé num lugar assim, que é só via de carro. Tou bem cansada, mas foi interessante, intrigante. Tamo agora voltando, atravessamos a PE-15 e estamos indo sentido Jardim Frágoso pra voltar pro Bonsucesso.

Diálogo com Gabriel, 15 OUT 20

Ananda: Quais foram tuas percepções afetivas no trajeto, os pontos mais marcantes pra tu?

Gabriel: O mais marcante foi Peixinhos, onde eu nunca tinha andado, ali por aquelas ruazinhas estreitas, que fica uma galera na rua confraternizando, as crianças das casas brincando... aí a galera tem o hábito de botar a cadeira na frente, ficar olhando o povo passar. Mas, tipo, ali, na quadra onde a gente passou... talvez se a gente tivesse pegado alguma daquelas ruas à esquerda e entrado mais, a gente chegaria numa comunidade, que talvez, pra gente, fosse mais perigoso. Jardim Brasil também, que eu já tinha uma relação por causa da faculdade, e tem essa semelhança com como era Jardim Atlântico antes, que eram ruas de terra e hoje são asfaltadas. E lá (*em Jardim Brasil*) mantém essa característica das ruas de terra.

Ananda: Te lembrou Jardim Atlântico?

Gabriel: É, sempre me lembrou, Jardim Brasil eu sempre achei parecido com Jardim Atlântico. Quando eu fui estudar por lá eu tinha esse sentimento, assim. É diferente, mas é parecido, a coisa da geografia, da rua de terra mesmo.

Ananda: Entendi.

Gabriel: E a Perimetral. Que é doideira, né?

Ananda: Do que tu lembra mais na Perimetral?

Gabriel: A galinha morta, muita poeira, um monte de coisa que você vai passando, de estabelecimento comercial. Açougue, madeireira, oficina de carro, tem uns montes de barro, onde ficam as casas. Uns barrancos, uns lixões... a gente não passou no lixão de Aguazinha, já entrou depois, né? Mas tinha muito lixo em alguns lugares, assim.

Ananda: Eu lembro que quando foi chegando aqui (*aponte para o fim da avenida no mapa*) eu gravei um áudio, falando: “a gente veio aqui, mas eu tou começando a ficar com medo, tá ficando esquisito”. Só que, na verdade, já era o fim da Perimetral. Quando chegou ali já não tinha mais nenhum estabelecimento comercial, começou a aparecer um monte de mato...

Gabriel: É, aí acaba a Perimetral.

Ananda: É, só que eu não sabia, né? Tipo, eu não tinha noção da extensão da Perimetral, do quanto a gente já tinha andado e quanto ia andar mais pra sair dela. E rolou muito isso, né? De a gente não consultar o mapa hora nenhuma. Aqui (*aponte pra Jardim Brasil no mapa*), mesmo que eu estivesse meio perdida, eu achei mais de boa, porque eu sabia pra que lado ir, mais ou menos.

APÊNDICE I – DERIVA 3: DADOS GERADOS PELO STRAVA



14:50, segunda-feira, 20 de julho de 2020

Deriva 3

Adicione uma descrição

14,67 km 2:57:58 12:08/km

Distância (?)

Tempo de

movimentação

Ritmo

Elevação

101m

Calorias

—

Tempo decorrido

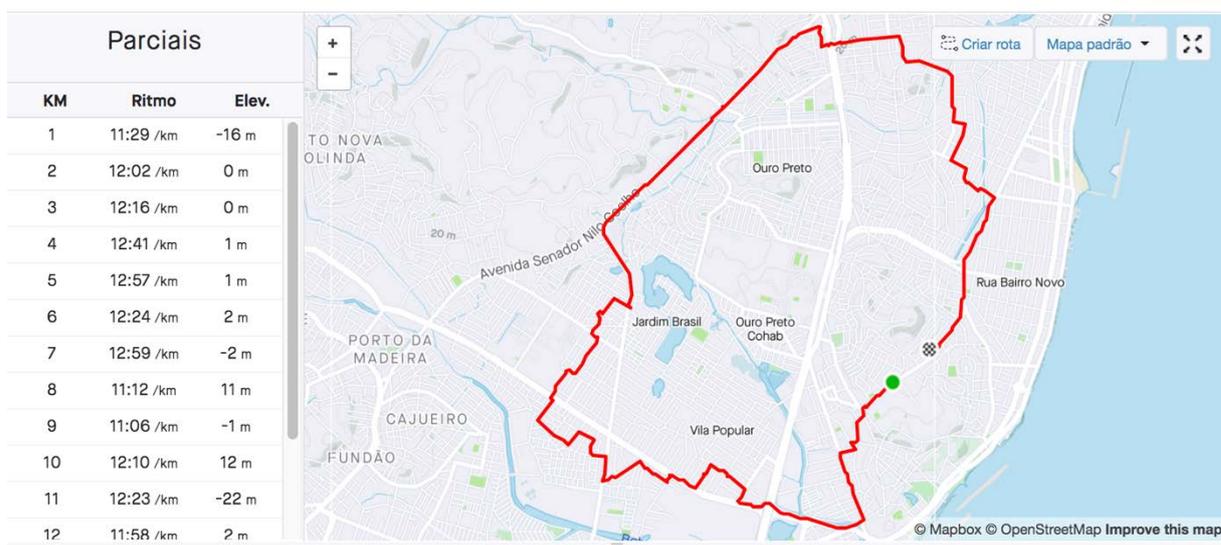
3:08:46

Com alguém que não gravou?

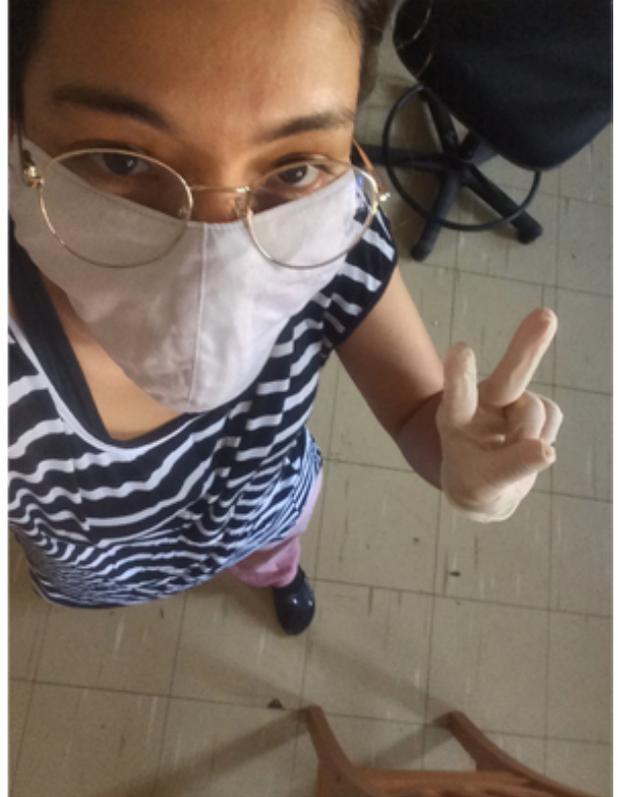
Adicionar amigos

Strava iPhone App

Tênis: —

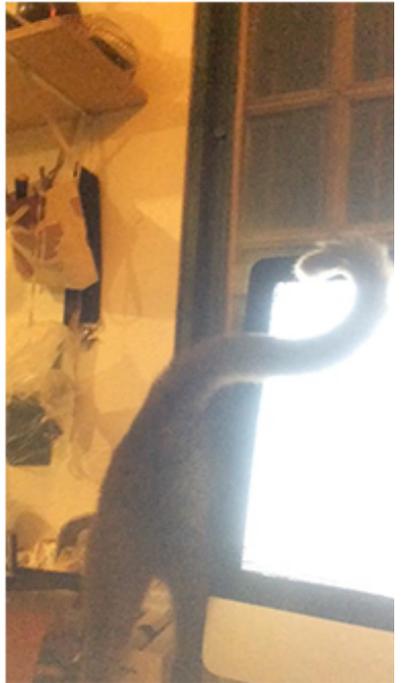
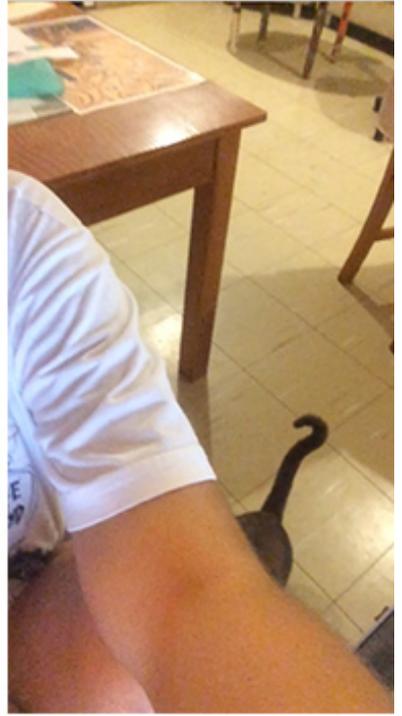
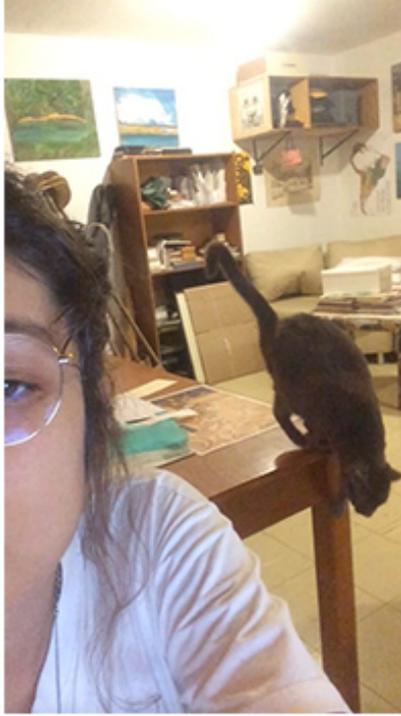


APÊNDICE J – FOTO-DIÁRIO DE RESIDÊNCIA









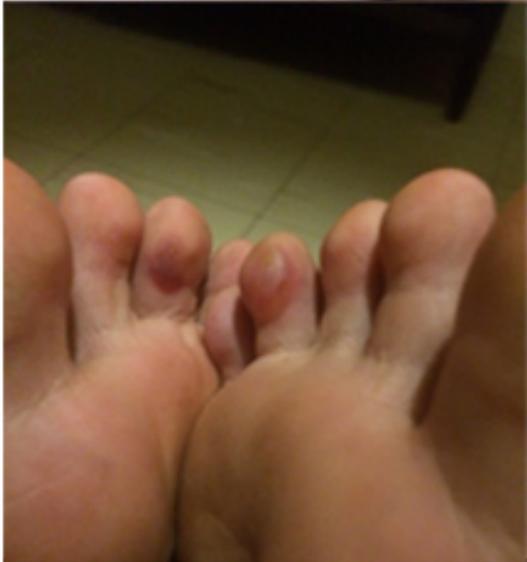
CASA DE JULIA, BONSUCESSO

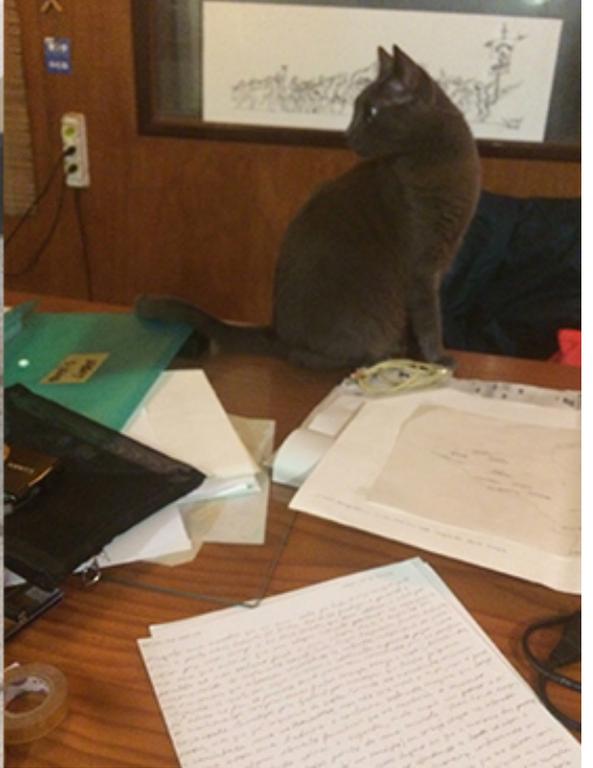
Hoje não sai. Os quase quatro meses de sedentário foram um mal de vida. Torça e quarta-feira fiz caminhadas com cerca de duas horas de duração. Não é muito, mas o corpo sentiu. Coincidentemente, na dia que resolvi descansar, minha menstruação chegou. Os primeiros dias são de fluxo intenso e provavelmente bem espessamento. Isto descompõe na caminhada de amanhã. Embora meus pés também ficaram um pouco doloridos das duas últimas caminhadas, o que me faz pensar em parar primeiro é a vontade de fazer xixi. Tenho levado uma garrafa de água, mas pelo muito tempo para poder conter o xixi e andar mais. As roupas que usei terça e quarta são folgadas e as calças têm bolso. As máscaras que levei hoje mais cedo, devem estar secas amanhã. Ou seja sair ainda de manhã, pra andar por mais tempo no lung. Não sei se vou me sentir seque e andar à esmoço durante a noite, talvez vou iniciar minha jornada do lado esquerdo de Olinda. Fizei incomodada quando percebi que sempre que precisei consultar a mapa de Olinda, olhei pro litoral. Minhas notas diárias e também as esporádicas, sempre se concentram na mesma localidade. Eu não consigo cozinhar d'água, asparagina, ou a parte que quis em ovo preto, mas entusi e sei de carne, fui à casa de um colega. É um bairro enfeitado também. Essas caminhadas sempre me dão ansiedade. Os beijos em tempo noção das minhas próprias escolhas. Percebi, com a primeira dorinha, que meu impulso maior é de continuar andando e não voltar atrás, mesmo sem saber a "saída" da zona perdida. Daqui, do conforto dessa casa, sinto os trajetos de maneira diferente da que senti enquanto estava lá fora. Daqui eu olho pro Monte como um velho amigo, um local da minha infância, mesmo sem lembrar de ter estado lá em outras ocasiões. Sempre das crianças e do conforto, imaginei o formato dos brincarinhos nos montes de sel com grãos ao vento. Quando cheguei e olhei o mapa na internet, eu entendi o "5" e o caminho. É como se a minha experiência se dividisse em duas: a que vivi e todas as sensações que senti naquela hora e a que se derrepou na minha memória com o acréscimo das lembranças de Julia e o alívio de um corpo na segurança do lar. Minhas passagens pelas ruas têm se dado com muita agilidade, e às vezes fico tão alerta que fico apuro em me achar no mapa e perco a interação com alguns elementos do corpo humano, como se não me fosse possível inserir os pontos que me levam a novamente ao familiar.

Transcrição da imagem da página anterior. Texto escrito em 17 JUL, entre 00h e 01h.

“Hoje não saí. Os quase quatro meses de sedentarismo deram sinal de vida. Terça e quarta-feira fiz caminhadas com cerca de duas horas de duração. Não é muito, mas o corpo sentiu. Coincidentemente, no dia que resolvi descansar, minha menstruação chegou. Os primeiros dias são de fluxo intenso e provavelmente vou experimentar certo desconforto na caminhada de amanhã. Embora meus pés tenham ficado um pouco doloridos das duas últimas caminhadas, o que me faz pensar em parar primeiro é a vontade de fazer xixi. Tenho levado uma garrafa de água, mas bebi muito pouco pra poder conter o xixi e andar mais. As roupas que usei terça e quarta são folgadas e as calças têm bolso. As máscaras lavei hoje mais cedo, devem estar secas amanhã. Quero sair ainda de manhã, pra andar por mais tempo na luz. Não sei se vou me sentir segura em andar à esmo durante a noite. Amanhã vou iniciar minha jornada do lado esquerdo de Olinda. Fiquei incomodada quando percebi que sempre que precisei consultar o mapa de Olinda, olhei pro litoral. Minhas rotas diárias e também as esporádicas, sempre se concentram nas mesmas localidades. Eu não conheço Caixa d’água, Aguazinha, Ouro Preto. Já pisei em Ouro Preto, mas entrei e saí de carro, fui à casa de um colega. É um bairro enladeirado também. Essas caminhadas sempre me dão ansiedade. Às vezes eu tenho receio das minhas próprias escolhas. Percebi, com o segundo piloto*, que meu ímpeto maior é de continuar andando e não voltar atrás, mesmo sem saber a ‘saída’ da zona perdida. Daqui, do conforto desta casa, sinto os trajetos de maneira diferente da que senti enquanto estava na rua. Daqui eu olho pro Monte como um velho amigo, um local da minha infância, mesmo sem lembrar de ter estado lá em outras ocasiões. Lembro das crianças e do convento, imagino o formato dos biscoitinhos nas manhãs de sol com pipas ao vento. Quando cheguei e olhei o mapa na internet, entendi o ‘S’ e o caminho. É como se minha experiência se dividisse em duas: a que vivi e todas as sensações que senti naquela hora e a que se desenhou na minha memória com o acréscimo das lembranças de Julia e o alívio de um corpo na segurança do lar. Minhas passagens pelas ruas têm se dado com certa agilidade, e às vezes fico tão alerta que foco apenas em me achar no mapa e perco a interação com alguns elementos do corpo urbano, como se só me fosse possível enxergar as pistas que me levarão novamente ao familiar.”

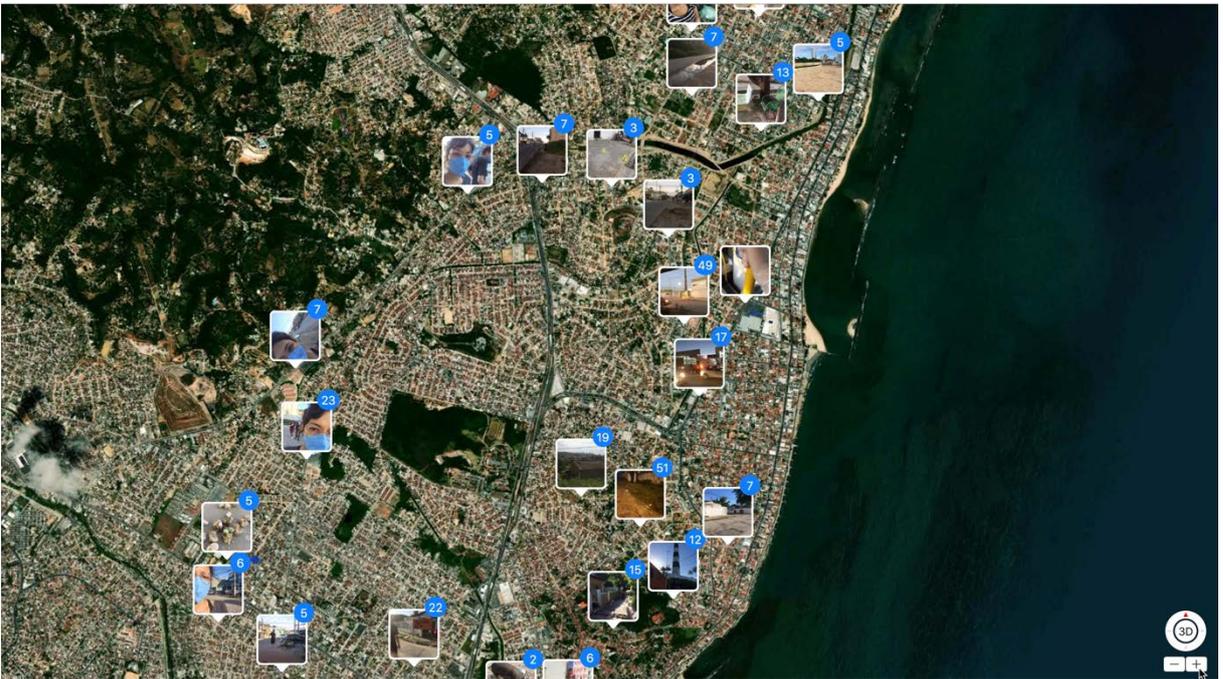
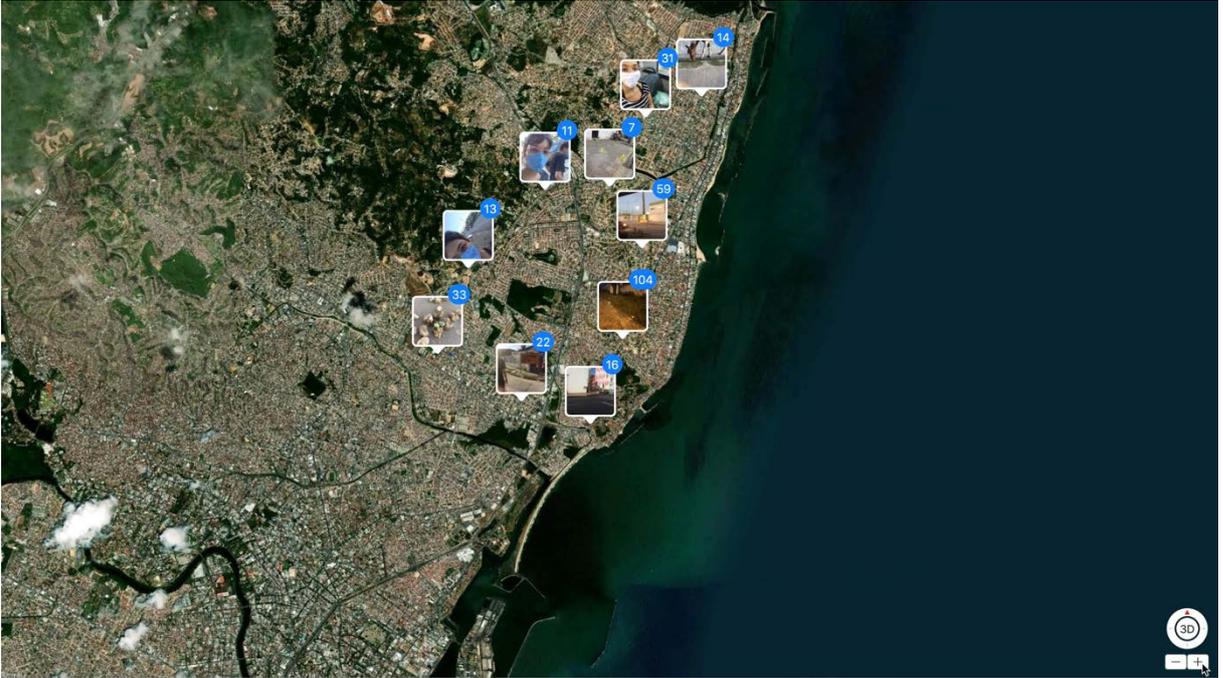
*termo editado.

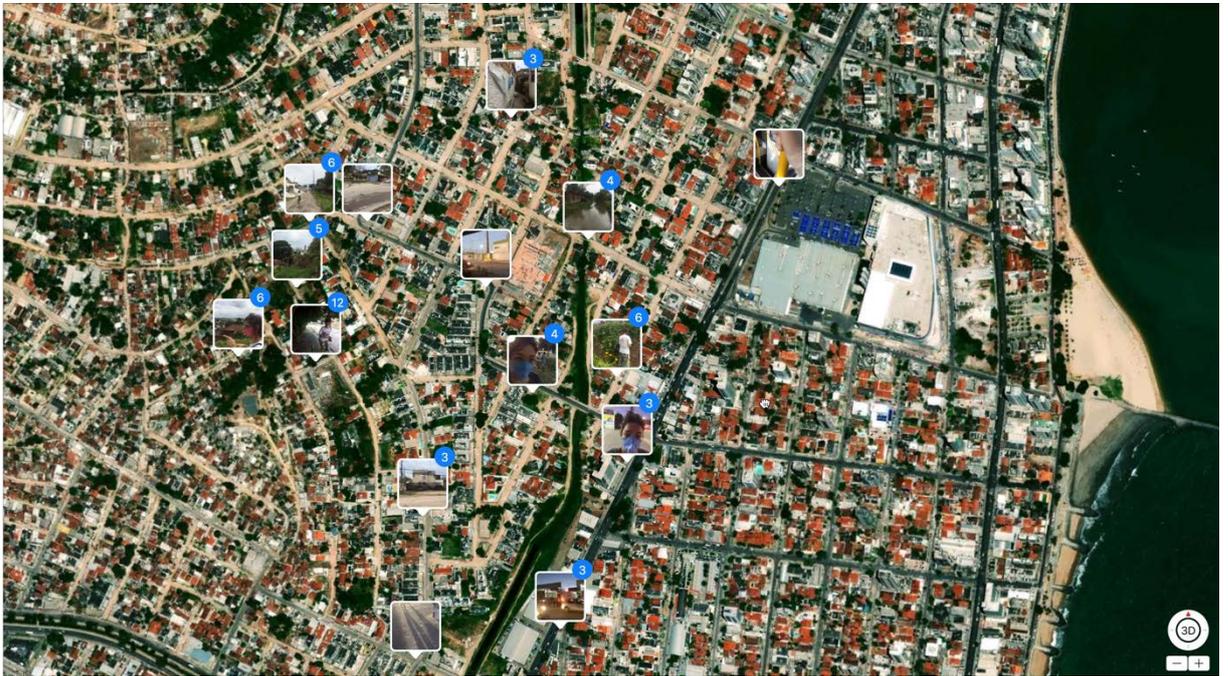
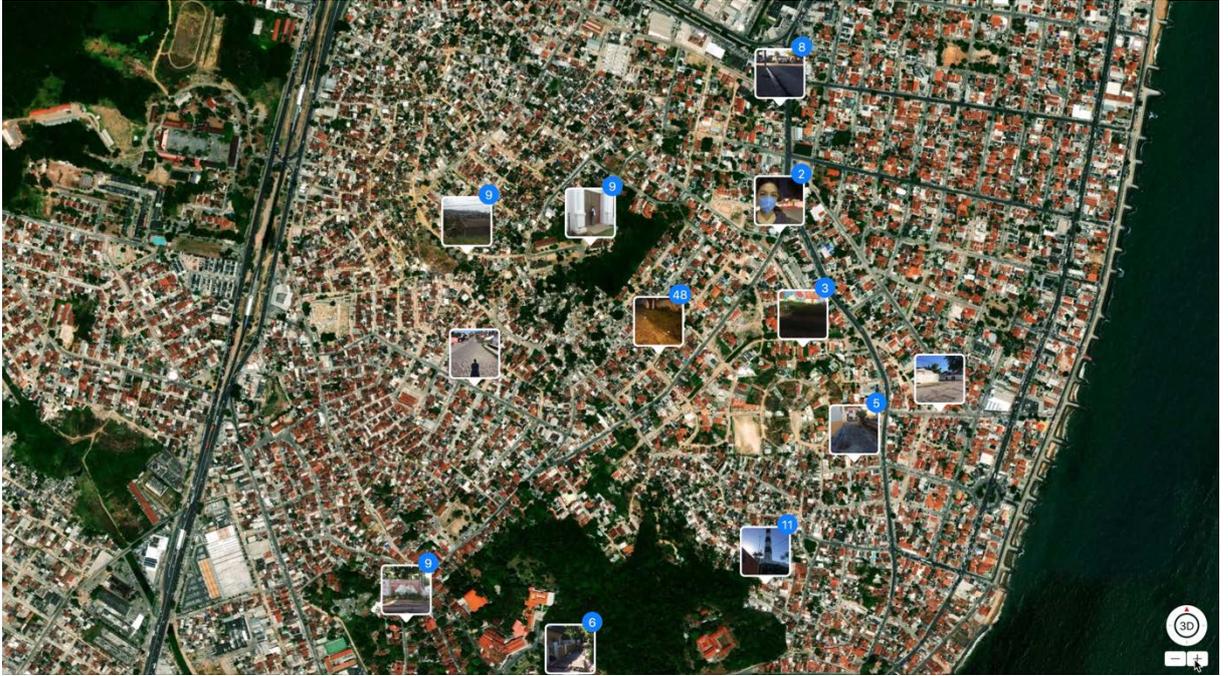


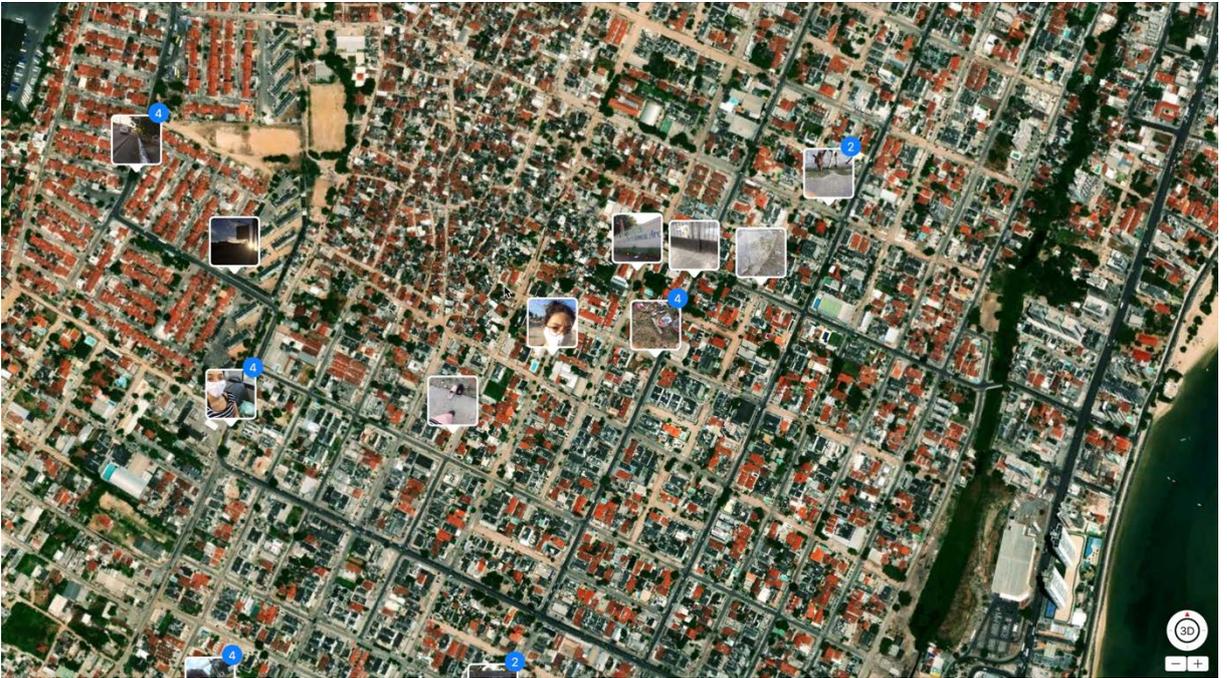
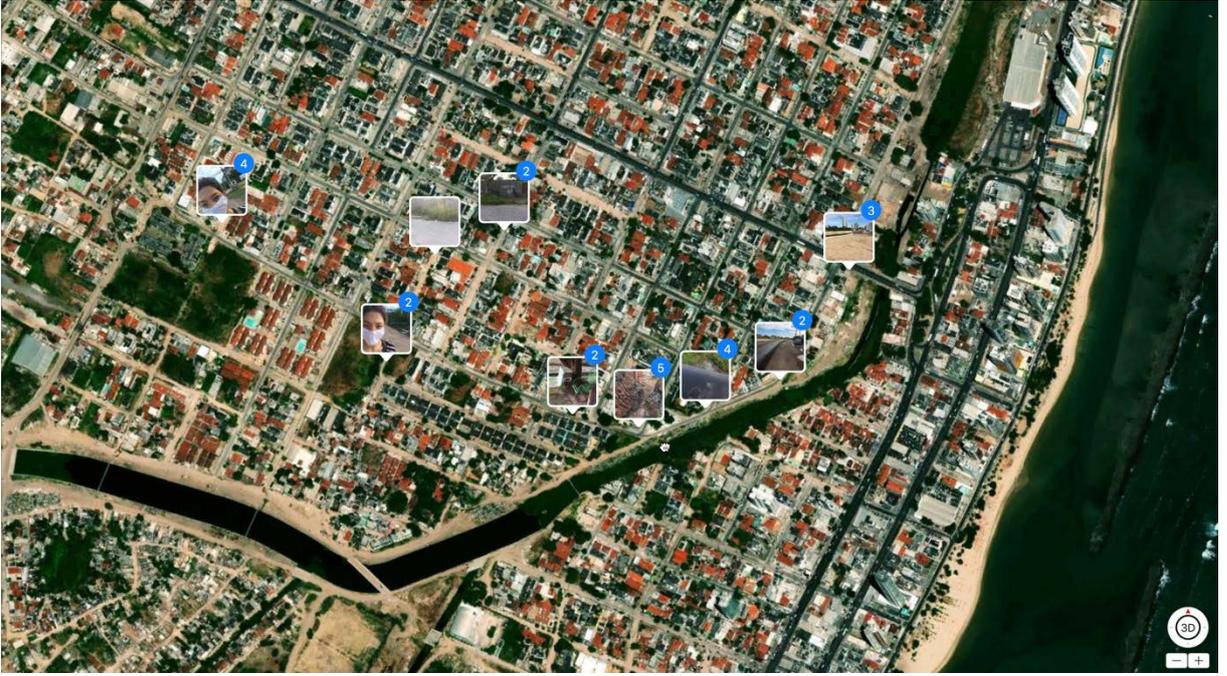


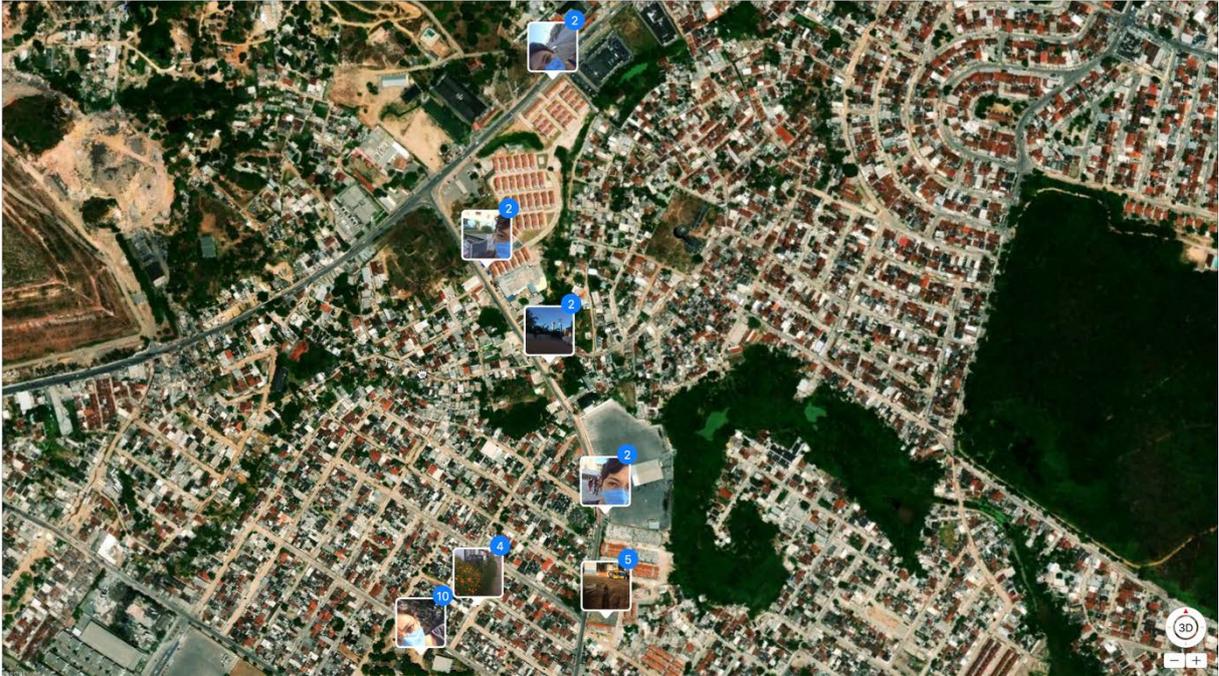
APÊNDICE K – MAPEAMENTO GERADO PELO IPHOTOS











ANEXO A – DERIVA 2: RELATO ESCRITO POR JULIA SAMICO

“Antes de iniciar a caminhada, lembro de estar um pouco ‘incomodada’ com a incerteza dos caminhos. Apesar de conhecer a área, o fato de caminhar sem destino prévio me deixou alerta, sobretudo por ter a impressão de que, aos olhares das pessoas daqueles lugares, eu poderia ser vista como uma estranha, alguém não familiar e que nunca passa por aqueles lugares (o que é, de fato, verdade). Esses olhares tendem a me incomodar, porque parece que eu estou invadindo um espaço que não me pertence.

O fato de não estar só durante o percurso fez com que eu me sentisse mais livre em adentrar lugares ou optar por caminhos que sozinha eu nunca escolheria. Esta hesitação, em geral, acontece como que por respeito às pessoas que vivem ali ou por esse desconforto com os olhares (em geral). É como se estar acompanhada me desse mais conforto e confiança, menos vergonha também.

Mesmo assim, tenho dificuldade de entrar em becos, por exemplo. Em alguns momentos, senti vontade de adentrar esses espaços, geralmente os que têm plantas, bandeiras de São João, casas coloridas ou qualquer coisa que indique vida num sentido alegre da palavra me chama atenção, mas existe uma dificuldade real em ultrapassar essa barreira e entrar nesses espaços, tanto que Ananda em alguns momentos sentiu vontade e mesmo que me sentindo mais segura com ela ao lado, hesitei.

É como se ali as coisas se tornassem mais expostas e mais particulares – o que eu, estrangeira, estou fazendo ali? É como se esses lugares deixassem mais evidentes essa sensação que tenho de que só se pode ir a certos lugares com uma ‘função’ (é uma sensação minha, quase uma ‘nóia’ de que as pessoas vão estranhar minha presença, mas não é exatamente um medo da violência machista e sim um medo dessa exposição – os olhares me fazem sentir exposta). Por outro lado, ruas amplas, largas, onde de alguma maneira posso passar mais despercebida, são mais fáceis pra mim... os jardins e as ruas com algum tipo de planta ou árvores foram apelativos nas minhas escolhas de percurso. Pessoas nas esquinas também, às vezes em um sentido ‘positivo’, de sentir vontade de ir por aquele caminho por ver pessoas na esquina e às vezes ‘negativo’ de sentir necessidade de mudar de rumo por ver homens nas esquinas.

Eu gosto de ver como as pessoas tratam esses espaços fronteiros às casas... essa transição entre espaço público e privado, como se estes ‘espaços entre’ (muros, jardins, cercas, portões) quando esteticamente interessantes fossem um tipo de comunicação convidativa de quem mora ali, um afago para quem passa na rua, uma delicadeza. Ao mesmo tempo, terrenos baldios ou descidas onde não se vê o final foram quase sinônimo de perigo.

Senti muita curiosidade nas subidas, lugares que dão em outros mais altos e mais altos. Curiosidade de descobrir o que tem mais acima e o que se vê de cima – qual a vista do alto? Lugares com pessoas trabalhando como o feirante na calçada dos Bultrins, lugares com comércio ativo me deixaram mais segura, mais confiante de que ali é um lugar tranquilo pra se andar.

Pra mim o mais essencial é dizer que sozinha não me sentiria de maneira alguma confortável e segura para escolher os caminhos que escolhemos... conheci lugares que estão relativamente próximos à minha casa, lugares que nunca imaginei existir - como aquele centro de escultura no Alto da Mina e o próprio Alto da Mina, um dos lados “B” de Olinda. Ou a descida do Monte

para os Bultrins, lugar ao lado da minha casa, mas que sempre tive medo de ir, sempre foi dito a mim que era perigoso. Dificilmente passaria ou descobriria esses locais sozinha ou aleatoriamente (talvez descobrisse ‘indo fazer alguma coisa’). E foi só porque estava acompanhada que tive coragem de fazer escolhas mais abertas e segui-las, sem tantas travas.”

(SAMICO, Julia, 2020)